



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do projeto de urbanização do Igarapé da Cachoeirinha, assinatura de ordens de início das obras da ponte sobre o rio Negro, de ordens de serviço do PAC e do Pacto Federativo do Programa “Territórios da Cidadania” do Amazonas

Igarapé da Cachoeirinha-AM, 06 maio de 2008

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Amazonas,
Meu querido governador do estado do Amazonas, Eduardo Braga,
Meu querido prefeito de Manaus, companheiro Serafim,
Ministros que me acompanham nesta viagem,
Deputados federais,
Deputados estaduais,
Prefeitos,
Secretários,
Nosso companheiro presidente do BNDES Luciano Coutinho,
Nossa companheira presidente da Caixa Econômica Federal, Maria
Fernanda,

Companheiros de Igarapé da Cachoeirinha,

Eu estava com um monte de documentos, ali, que a minha assessoria me deu para ler, tinha até um discurso por escrito que eu vou deixar guardado para outro Igarapé. Na verdade, eu quero ter uma prosa de companheiro para companheiro com vocês, para que a gente possa compreender o que está acontecendo no nosso País. É importante que a gente sempre faça uma reflexão, porque é próprio do ser humano querer cada vez mais, mas é importante não perder de vista cada milímetro de conquista que a gente tem na trajetória de nós como seres humanos, e de nós como governantes desses municípios do estado e do País.



Quando eu venho a Manaus, eu venho com orgulho redobrado, porque não vim a Manaus como candidato à presidente apenas, eu venho a Manaus desde de 1980. Eu nem pensava em ser candidato à presidente da República e estava na porta de fábrica, aqui, fazendo campanha salarial, lutando contra o desemprego nesta cidade. Bastava que o Sindicato dos Metalúrgicos me telefonasse, eu saía de São Bernardo do Campo e vinha para cá participar de assembléias.

Pois bem, eu quero dizer para vocês que o maior orgulho que eu tenho é saber que essa nossa querida Zona Franca – quando tomamos posse em 2003, Eduardo e eu – tinha apenas 50 mil metalúrgicos trabalhando, e hoje nós já temos 115 mil metalúrgicos trabalhando na Zona Franca de Manaus. São, na verdade, 65 mil trabalhadores a mais em cinco anos. E pode melhorar mais, se a gente compreender que a Zona Franca não é nenhum favor para o estado do Amazonas. É um dever do Estado brasileiro cuidar de um estado que tem as características que tem o estado do Amazonas, com a maior quantidade de água doce deste País; com a maior floresta tropical deste Planeta; que precisa ter um modelo de desenvolvimento diferenciado e precisa receber, sim, o apoio do governo federal, com incentivo para que as indústrias que se implantem aqui não sejam indústrias poluídas com as que já se implantaram em outras partes do Brasil.

Meu caro Eduardo, nós estamos agora discutindo a reforma tributária. Vamos lançar na próxima segunda-feira, na sede do BNDES, no Rio de Janeiro, um projeto de política industrial. E você pode ficar certo de que tanto na reforma tributária ou na política industrial a região Norte do País será lembrada e, dentro da região Norte, será lembrado o estado do Amazonas, porque só pode falar mal da Zona Franca quem nunca botou os pés aqui neste estado ou quem não sabe o que ela significa para a economia deste estado.

A segunda coisa importante é que hoje tem muita gente no mundo dando palpite sobre a Amazônia. Eu nunca vi tanta gente dar palpite sobre a



Amazônia. Você chega em qualquer parte do mundo, o cidadão não sabe nem onde fica o Brasil, mas está dando palpite sobre a Amazônia. Eu queria dizer para vocês: se eles cuidassem das florestas deles como eles querem que a gente cuide da nossa, eles não seriam países carecas, que não têm mais uma árvore plantada porque desmataram tudo. Nós precisamos dizer, aqui dentro e lá fora, que nós queremos, de forma responsável, cuidar das nossas águas, que nós queremos cuidar das nossas florestas, mas as pessoas precisam lembrar que nesta região moram 25 milhões de habitantes que querem ter direito a casa, a água, a carro, a computador, a trabalho, a estrada, a ferrovia, querem ter o direito de viver condignamente. A gente não pode pensar na Amazônia como se fosse um santuário da humanidade. Nós temos que pensar na Amazônia... No dia 8, todos os governadores da parte da floresta amazônica, estarão lá Brasília, porque nós vamos lançar um programa de desenvolvimento sustentável para a Amazônia. Nós queremos discutir corretamente como aproveitar as madeiras, fazendo o manejo correto da floresta. Nós vamos ter que discutir como é que a gente vai aproveitar a riqueza da biodiversidade que tem na Amazônia. Em vez de virem gringos aqui roubar as espécies que nós temos, vamos nós investir em pesquisas, em ciência, para que a gente seja dono da nossa riqueza e não apenas dê a nossa riqueza para os outros. É preciso que o mundo aprenda uma lição: O Brasil já não é mais um coitadinho. O Brasil já sabe andar com as suas próprias pernas, o Brasil já sabe enxergar com os seus próprios olhos, e nós não queremos mais que palpiteiros venham aqui dizer o que a gente tem que fazer. Quando a gente quiser conselho, a gente pede. Quando a gente quiser opinião, a gente pede.

Agora, governador, inventaram uma nova contra o Brasil. O Brasil virou o maior exportador de carne do mundo, o Brasil é um dos maiores exportadores de soja do mundo, o Brasil é o maior exportador de café do mundo, o Brasil é um grande exportador de muitas outras coisas. E eles, agora,



inventaram: “Vai faltar alimento no mundo, porque o biocombustível está tomando lugar da produção do alimento”. Sacanagem pura, malandragem pura de quem não tem competência para competir com o Brasil. O álcool americano, produzido de milho, custa mais do que o dobro do nosso e produz muito menos. O álcool produzido de beterraba, na Alemanha, produz menos do que o nosso, por hectare, e é mais caro. E eles, agora, ousaram dizer que o biodiesel está causando problema de alimentos. Na verdade, nós temos um problema de alimentos, nós temos mais chineses comendo, nós temos mais indianos comendo, nós temos mais brasileiros pobres comendo, nós temos mais nordestinos comendo, nós temos mais latino-americanos comendo, nós temos mais africanos comendo. E eu acho que esse é um bom problema. Olhem o mapa do mundo, tirem a Amazônia de fora, e se tem um lugar que a gente tem terra para plantar comida, é exatamente o nosso querido País. É exatamente este País que tem mais fotossíntese que qualquer outro, que tem água e tem gente trabalhadora. É por isso que este moço anunciou aqui o chamado Territórios da Cidadania, são quase 600 milhões de reais para ajudar no desenvolvimento da agricultura, mas também os empreendedores da região metropolitana de Manaus.

Mais ainda, companheiros e companheiras, eles não sabem que o Brasil adquiriu vontade de ser grande. O Brasil, a vida inteira, era chamado de país emergente. A vida inteira disseram que o Brasil era o celeiro do mundo e passava o ano, a gente nascia pobre, crescia pobre, morria pobre, nascia o nosso filho pobre, crescia e morria pobre. E eu fico pensando: é só olhar uma foto daquela ali. A gente não precisa nem discurso. Olha aquela foto ali, que a gente vê como é possível mudar este País, a gente vê como é possível mudar esta nação.

Porque, antigamente, o político não gostava de fazer obra assim, não. Porque aí, você vai colocar cano embaixo da terra, não dá para colocar o nome da mãe, o nome da sogra, o nome do sogro. Então, era preciso fazer ponte,



para colocar o nome: “ponte não sei das quantas”. Agora, o valor de uma obra dessa, não é a placa do nome de um parente, é uma criança poder brincar na rua sem pisar em esgoto a céu aberto, é uma criança não pegar verminose, é uma criança não pegar doenças, como pega em muitos lugares do Brasil.

É por isso, meu caro Eduardo, que o PAC, aqui no estado do Amazonas, são 10 bilhões de reais até 2010. Só aqui, para a capital, é mais de 1 bilhão de reais e nós vamos fazer o que é preciso fazer. Esse gasoduto Coari-Manaus, eu nem tinha barba branca, já o prometiam. Pois bem, nós estamos fazendo-o. Como estamos fazendo a transposição das águas para levar água para 12 milhões de nordestinos pobres, lá no Nordeste brasileiro, como estamos fazendo as ferrovias e vamos fazer muito mais.

Mas eu estou muito feliz, porque eu lembro, Eduardo... Você, não, porque você é engenheiro, contra engenheiro não tem muito preconceito. Mas, contra torneiro mecânico e nordestino, tem preconceito. Eu, esses dias, vi um vídeo de um cantor americano que foi em um programa de calouros. Eu esqueci o nome dele. Mas ele foi cantar uma música, eu acho que do Pavarotti, e ele disse que era tenor. Ele, quando foi se apresentar, os três jurados começaram a rir da cara dele. Ele era como nós, meio baixinho, meio gordinho, meio bonitinho, meio feinho. E os três jurados achando que eram onipotentes, começaram a rir da cara dele. Aí, ele começou a cantar. Quando ele começou a cantar, os três jurados foram fechando a boca, foram ficando ridículos, e esse companheiro já gravou dois CDs e é o melhor tenor americano, hoje, em apenas poucos anos. Eu estou dizendo isso, pela minha experiência de vida.

Quando nós ganhamos as eleições, todo mundo dizia: “O Brasil vai quebrar, esse Lula não vai dar certo. Imagina, esse retirante nordestino quer governar um país que sempre foi governado por doutor, sempre foi governado por gente lá de riba, lá do andar de cima, não vai dar certo”. O que eles não sabiam é que eu tinha a convicção de que eu sabia mais do que eles e que eu não podia errar. Isso é que eles não sabiam: é que não podia errar. E por isso,



eu montei uma equipe de qualidade. Apanhamos que nem cachorro sarnento. Não foi fácil, não. Eu tinha até medo do segundo mandato, porque eu achava: se eu apanhar tanto, como eu apanhei no primeiro, eu vou morrer de pancada. Mas, graças a Deus, nós aprendemos uma lição: das coisas ruins da vida da gente, a gente precisa tirar proveito. Eu acho que, de vez em quando, Deus faz as coisas conosco de propósito, para saber se a gente vai passar na aprovação. Ele passou. Pois bem, nós passamos.

E, outro dia, quando eu chamei esta mulher, aqui, de mãe do PAC, teve gente que não gostou. Ela é a responsável pelo sucesso do PAC, porque é ela que controla, é ela que fiscaliza, é ela que cobra, é ela telefona para o Eduardo, é ela que cobra do Alfredo, que cobra do Márcio. Ora, então, nós estamos provando o quê? Que governar é a gente saber de que lado a gente está e para quem que a gente quer fazer as coisas. Eu digo sempre: eu governo para todos, eu não faço distinção, mas eu não tiro o olho de onde eu vim. Eu vim do meio dos pobres deste País e é para eles que nós precisamos governar.

Ontem, o Luciano Coutinho, que é um dos brilhantes economistas deste País, deve ter ficado feliz porque, na sexta-feira, saiu uma palavra na televisão: Brasil conquista Investment Grade. Esse “grade” tem uma mistura de “R” com “L” que é até difícil de falar. Aí, eu fiquei pensando: que diabo que é Investment Grade? Aí, fui perguntar para um assessor meu. Ele me disse: “Presidente, isso é grau de investimento”. E eu falei: “que diabo é grau de investimento?” Aí ele me explicou e eu aprendi. Sabe o que é isso? Duas pessoas, uma que trabalha e outra que trabalha, as duas ganham o mesmo salário. Uma, cuida bem da família, paga as contas e ainda faz uma micro-poupança para eles. A outra, gasta tudo no jogo, não trata bem a família. O Investment Grade é aquele que paga as coisas bem. E o Brasil, na verdade, virou Investment Grade porque o Brasil toma conta do seu nariz, decide a sua política econômica, decide aquilo que nós queremos fazer.



Bem, se vão entrar mais dólares ou não no Brasil, eu não sei. Tem gente, governador, que está preocupada e diz assim: “Agora vai entrar muito dólar no Brasil”. Ora, eu passei a vida inteira vendo os economistas descreverem que era preciso entrar dólares no Brasil, milhares de artigos: “O Brasil precisa captar recursos no exterior”. Agora que tem chance de entrar, nós vamos estar com medo? Não. Nós precisamos diferenciar o dólar que vem para investir na geração de empregos e o dólar que vem para investir na especulação financeira. Este da especulação financeira, nós temos que banir. Agora, aquele que vem para investir em uma fábrica, nós temos que dizer: pode vir dólar, pode vir euro, pode vir yen, pode vir o que quiser porque o povo brasileiro não tem preconceito contra dinheiro. O nosso preconceito é contra a miséria, o nosso preconceito é contra a pobreza a que o povo está submetido, o nosso preconceito é porque este País perdeu quase que 50 anos na suas oportunidades de desenvolvimento.

Pois bem, meu caro governador, meu caro prefeito, vocês não vão cansar de mim, porque eu tenho que vir aqui, ainda. Eu vou lá em Coari para ver colocarem os tubos embaixo da terra e na água, tem mais igarapé para inaugurar, mais coisa de água para inaugurar aqui em Manaus, tem mais escolas técnicas para inaugurar aqui no estado do Amazonas e tem muito mais coisas. E ainda o Alfredo me disse que vai terminar a BR 319, ligando Porto Velho a Manaus.

Pois bem, eu quero, depois de todas as brincadeiras que eu disse aqui, eu quero dizer para vocês que eu me sinto um homem feliz. Eu tenho consciência de que já fizemos muito, mas tenho consciência de que ainda falta fazer muita coisa neste País. Afinal de contas, ninguém consegue consertar em poucos anos aquilo que foi o desmazelo de décadas e décadas de pessoas neste País. A única coisa que eu posso garantir para vocês é que este estado aqui é um estado pelo qual tenho gratidão. Eu lembro que eu vim aqui, em 1980, eu não conhecia nenhum de vocês ainda. Eu vim aqui, na Justiça Militar



de Manaus, eu fui condenado a três anos e meio de cadeia, porque eu tinha protestado contra a morte de um dirigente sindical, lá em Brasiléia, no estado do Acre. Depois, eu fui absolvido, lá em Brasília. Mas o carinho que eu tenho por este estado é pelo tratamento que o povo me deu todas as vezes que eu vim aqui.

Eu quero terminar, dizendo para vocês que o governo poderia estar choroso, porque em dezembro alguns senadores tiraram 40 bilhões de reais do governo federal. Desses 40 bilhões, a gente ia colocar 24 bilhões na saúde, 24 bilhões eram para cuidar da saúde, eles tiraram. Não tem problema. Vão fazer falta 40 bilhões, mas nós vamos arrumar mais. Pode demorar um pouco mais, um pouco menos, mas nós vamos arrumar dinheiro. O que eles têm que saber, e eu digo isso todos os dias: em 2005, eles pensavam que eu tinha acabado e acharam que iam ganhar. Agora, eles sabem que eu sou um cumpridor da democracia e da Constituição e que, portanto, não tem essa de terceiro mandato, termina agora, em 2010. Eles têm que saber. Eu não brinco com democracia, porque toda vez que se brinca com a democracia, a gente quebra a cara. A alternância de poder é importante. Toda vez que um dirigente político se acha imprescindível e insubstituível, está começando a nascer um pequeno ditadorzinho dentro dele. E eu sou democrata. Agora, o que eles têm que saber, em alto e bom som, e podem até ficar com mais raiva de mim, é que nós vamos fazer o próximo Presidente da República neste País. Eles podem ficar certos. Eles podem ficar certos que nós vamos fazer. Agora, para isso, nós temos que trabalhar, não tem moleza. As coisas não estão feitas ainda, tem muita coisa para fazer. E se a gente trabalhar cada dia mais... e é uma convocação que eu quero fazer para os prefeitos, agora tem eleição, vocês têm que saber que a eleição não é uma guerra, é uma disputa. Depois das eleições, vocês têm que continuar companheiros e amigos. Não é possível que a cada eleição se faça uma guerra. Que o povo, na sua sabedoria, eleja o melhor. Que a disputa seja democrática e transparente. E eu, da minha parte, e



você, Eduardo, da sua parte, nós iremos governar com quem ganhar as eleições aqui na cidade de Manaus. Esses atos estão ficando complicados para a presença do Presidente, porque a gente não pode transformá-los em um ato de campanha, porque é um ato oficial, é um ato institucional. Aqui é um lançamento e a assinatura de contrato do governo federal. Vocês viram que eu, por cuidado, não citei nomes. Vocês é que, de enxeridos, gritaram nomes aí. Eu não citei nomes.

Então, companheiros e companheiras... Eduardo, eu quero te dar os parabéns, porque uma obra dessa, ver o filme que eu vi, ontem à noite, e ver isso que está aqui é quase como a gente sair do inferno e ir para o céu. E eu espero, Eduardo, que a gente possa fazer muito mais, porque temos quase três anos de mandato, aprendemos a governar e certamente nós vamos fazer Manaus, o Amazonas e o Brasil muito melhor do que o Brasil que nós herdamos quando nós ganhamos as eleições.

Um grande abraço e até a próxima volta a Manaus ou Amazonas. Um abraço, companheiros.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita e inauguração do reservatório do Núcleo 23 da Cidade Nova, parte das obras do sistema de abastecimento de água

Manaus – AM, 06 de maio de 2008

Eu quero cumprimentar o prefeito Serafim,

Quero cumprimentar o governador Eduardo Braga,

O ministro Alfredo Nascimento,

A ministra Dilma,

Quero cumprimentar o ministro Márcio Fortes, que está aqui, das Cidades,

Quero cumprimentar o ministro Guilherme Cassel, companheiro do Ministério do Desenvolvimento Agrário,

Quero cumprimentar a companheira Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar o Luciano Coutinho, presidente do BNDES,

Quero cumprimentar os deputados federais, os senadores,

Cumprimentar o povo da Zona Norte e da Zona Leste de Manaus,

Eu quero, em poucas palavras, dizer para vocês o seguinte: para alguém que nasceu no centro da cidade e que nunca teve problema de asfalto, que nunca teve problema de energia, que nunca teve problema de falta d'água, isso aqui parece um fato irrelevante. Mas quando a gente, chega a um bairro próximo ao centro da capital do estado, e a gente ouve uma mulher dizer que o grande sonho dela era tomar um banho de chuveiro, a gente chega à conclusão de quantas décadas e mais décadas o povo pobre deste País foi segregado ao esquecimento pelos governantes do País, quantas e quantas décadas.

O que nós estamos fazendo hoje, em uma parceria com o governo do



estado e com a prefeitura, o que nós estamos fazendo hoje, com o governo federal, é aquilo que se tivesse sido feito há 30, 40 anos, a gente não teria as pessoas morando em situações desagradáveis, em igarapés, a gente não teria pessoas sem água, a gente não teria pessoas amassando o barro o dia inteiro. Durante décadas, neste País, o povo pobre vinha do interior para morar na capital, não tinha condições de pagar aluguel, de ter uma casa, e construía o seu barraquinho à beira do igarapé e às vezes até dentro do igarapé. Normalmente, essas pessoas são vítimas todo ano, quando chove. Agora, imaginem a desgraça: a gente mora mal, muita gente desempregada e ainda sem água para as crianças beberem e sem água para tomar um banho, aí é castigo demais.

O que nós estamos fazendo, e o prefeito disse bem, esta é apenas a inauguração da primeira parte. Ainda tem outras partes para serem feitas, até que possam ser atendidas 850 mil pessoas aqui na capital do estado do Amazonas. Eu acabei de ir, com o governador, ver o início da ponte que vai atravessar o rio Negro. No fundo, no fundo, o que nós estamos fazendo é tentar, com uma certa urgência, recuperar o tempo perdido. Hoje eu vim aqui, Serafim e Eduardo, mas eu queria ir a Coarí para ver a construção do gasoduto que vai trazer energia para cá, energia limpa e barata. Mas por causa da chuva a gente não pôde ir, o que significa que eu vou ter que voltar aqui para a gente ir lá visitar o gasoduto. Mas o mais importante é que eu vi ali na entrada um grupo de trabalhadores pedindo para a gente salvar a Gradiente. A Gradiente é uma empresa importante aqui no pólo industrial e está quebrada. O governo federal tem tentado criar as condições para salvar a Gradiente, já conversamos com muita gente. O companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES, é um companheiro que está tentando ajudar, nós vamos fazer o que estiver ao nosso alcance para ajudar a Gradiente a voltar a produzir e a gerar empregos. Eu não sei se vai ser possível, porque não depende só do governo, a empresa está em uma situação delicada, mas nós vamos tentar fazer a nossa parte.



O que me dá orgulho é saber que quando nós tomamos posse no dia 1º de janeiro de 2003, a Zona Franca tinha apenas 50 mil trabalhadores trabalhando. Hoje, passados 5 anos e meio, a Zona Franca já tem 115 mil trabalhadores trabalhando. Se Deus quiser, vai chegar a 150 mil, se Deus quiser vai chegar a 160 mil e se Deus quiser, vai melhorar muito mais.

Eu quero agradecer... Vejam, tem muito dinheiro para investimento em moradia, muito dinheiro. A Caixa Econômica tem muito dinheiro para investir em casas. Obviamente que o Brasil é muito grande e tem problemas em todas as capitais, mas só para vocês terem idéia, ontem nós fomos ao Piauí inaugurar casas. Em seis anos, fizemos 50 mil casas, contra 8 mil casas feitas em 8 anos passados. Essa é uma demonstração de que aqui também a questão da casa vai ser resolvida, porque eu sei que tem três coisas que a pessoa gosta. A mulher gosta de três coisas: primeiro, ela quer ter uma casa; depois, ela quer se casar com um cara bonito e trabalhador; terceiro, ela quer ter um carro; e em quarto lugar, ela quer ter um computador. O marido eu não posso resolver. Agora, a casa, o computador e o carro, na hora em que melhoram as condições econômicas do País, melhora a de vocês e todo mundo vai poder resolver esse problema.

Um grande abraço, que Deus abençoe e boa sorte para vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Plano Amazônia Sustentável - PAS**

Palácio do Planalto, 08 de maio de 2008

Companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Companheira Marina Silva, ministra do Meio Ambiente,
Companheiro Geddel, ministro da Integração Nacional,
Companheiros ministros Reinhold Stephanes, da Agricultura Pecuária e
Abastecimento,

Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,
Companheiro Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,
Companheiro José Múcio, das Relações Institucionais,
Companheiro Mangabeira Unger, do Ministério Extraordinário de
Assuntos Estratégicos, que agora assume o Conselho Gestor da execução do
Plano apresentado agora. A partir de agora, o Mangabeira será o coordenador
do Conselho Gestor do PAS,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Ana Júlia Carepa,
governadora do estado do Pará,

Quero cumprimentar o companheiro Blairo Maggi, governador do Mato
Grosso,

Governador Eduardo Braga, do estado do Amazonas,

Companheiro Binho Marques, do estado do Acre,

Companheiro Ivo Cassol, de Rondônia,

Companheiro Marcelo Miranda, do Tocantins,

Companheiro Waldez Góes, do Amapá,

Companheiro Luís Carlos Porto, vice-governador do estado do
Maranhão. Não está presente o companheiro governador do estado de
Roraima, por problemas que vocês estão acompanhando pela imprensa. Deve



ser por isso.

Companheiros senadores Geovani Borges, João Pedro e Sibá Machado, Companheiros deputados federais, tem muitos aqui, por isso que não estão na nominata,

Meus caros prefeitos de capital, Duciomar Gomes da Costa, de Belém; Serafim Fernandes Corrêa, de Manaus; Roberto Eduardo Sobrinho, de Porto Velho; João Henrique Rodrigues Pimentel, de Macapá;

Companheiro Jecinaldo Saterê, da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, na qualidade de representante dos povos indígenas,

Companheiro Adilson Vieira, do grupo de trabalho amazônico, na qualidade de representante das ONGs,

Meus amigos e minhas amigas

Pelo adiantado da hora, eu quero apenas dizer duas coisas aqui, sem ler o meu discurso. Eu acredito que todos vocês têm consciência de que nós não estamos sendo o primeiro e nem o último governo que tenta fazer alguma coisa pela Amazônia. Durante muito tempo outros governantes tentaram fazer, cada um com a sua visão, cada um dentro de uma ótica e cada um convivendo com os atores sociais que o governo entendia que eram os atores sociais com quem ele deveria conversar.

Eu me lembro que eu era recém-chegado ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em 1973, quando se lançou a construção da Transamazônica. Aquilo foi vendido, em nível nacional, como o maior processo de integração da Amazônia com o restante do País, e todo mundo imaginava que a partir dali iria haver uma explosão nesse processo de integração. E grande parte daquilo que foi o pensamento da Transamazônica está tal como foi pensado, porque não foi executado.

Da mesma forma, quando se discutia o projeto Calha Norte, também se pensava na questão da soberania nacional, do Estado brasileiro ter o controle.



E quantos de nós aqui não fizemos discurso contra o Calha Norte? Quantos de nós? Depois, outras e várias tentativas. Eu me lembro de grandes estudiosos da Amazônia que produziram documentos primorosos para vários governantes, em função da lógica daquele governante.

O grande problema do Brasil sempre foi um pouco esse. É que muitas vezes se pensava as coisas, e quando se saía do pensamento, da elaboração acadêmica e ia executar, se começava a encontrar as dificuldades reais que a execução de um programa desse encontra pelo seu caminho.

Vocês ouviram a Marina dizer que foram quatro anos, oito meses e nove dias para a gente chegar ao nível que nós chegamos hoje e, certamente, tem muita coisa a ser feita. Eu já ouvi dizer, muitas vezes, que a Amazônia precisaria ser transformada em um santuário da humanidade. Já ouvi outros dizerem que era preciso distribuir motosserras, porque era a única razão para o desenvolvimento da Amazônia. Aliás, eu me lembro do debate da Constituinte, eu era deputado constituinte e tinha um debate maluco do jacaré contra o homem, e da motosserra contra aqueles que queriam conservar a Amazônia. Todas as vezes que você leva um debate para o lado da hipocrisia ou torna o debate pequeno diante da dimensão que ele precisa ter, as coisas terminam não acontecendo como deveriam acontecer, erros são cometidos, e os desastres causam prejuízos a todos nós.

Mais recentemente, ouvi o ministro Reinhold Stephanes dizer claramente que não é preciso derrubar uma única árvore da Amazônia para a nossa agricultura crescer. Já ouvi a Marina dizer que o problema, hoje, do Brasil não é proibir de fazer, mas construir o como fazer. Vocês percebem que mudou o discurso. Significa que houve uma evolução na espécie humana, quando se trata de discutir a questão da Amazônia. Todos nós compreendemos que a Amazônia precisa se desenvolver, mas todos nós também compreendemos que ela tem que ter um desenvolvimento, eu diria, bem elaborado, e não predatório, como nós tivemos em outras regiões do País. E um



desenvolvimento diferenciado, aproveitando o que a região Amazônica tem de bom para oferecer à humanidade e a cada um dos cidadãos ou cidadãs que moram em um dos estados que compõem a Amazônia.

Essa sabedoria, de aprender que ninguém é dono da verdade absoluta, de que nós precisamos repartir os nossos conhecimentos e os não-conhecimentos, permite que a gente encontre sempre um denominador comum, que contemple o bom senso da humanidade em tratar uma questão tão importante como a Amazônia. Quem viaja pelo mundo hoje, ouve muito mais gente de fora dar palpite e falar da Amazônia do que nós mesmos aqui no Brasil. E toda vez que a gente vai falar da Amazônia no exterior, normalmente está jogando na defesa, respondendo a perguntas que nos fazem sobre desmatamento, queimadas, poluição, e tantas outras coisas que nos questionam. Muitas vezes, nós temos dificuldades porque agora, e somente agora, começa a haver a compreensão, também dos empresários brasileiros, de que cuidar do meio ambiente, cuidar da floresta, trabalhar o manejo da floresta como forma de explorar apenas aquilo que pode ser explorado e repor adequadamente aquilo que a natureza nos deu, nos torna um país com vantagens comparativas no debate econômico, no debate ambiental e no debate político.

O que vocês conseguiram produzir, companheira Marina, com a apresentação deste PAS, foi, possivelmente, uma coisa maior do que um programa, maior do que uma proposta. Muitas vezes, quem acompanha a política brasileira apenas pelos meios de comunicação, certamente não iria fazer a visualização dos governadores da Amazônia sentados ali, e assinando um protocolo de intenções, uma carta-compromisso de coisas que eles sabem que quanto mais certo fizerem, mais o seu estado terá a ganhar.

O Blairo Maggi, que é um dos empresários mais bem-sucedidos deste País no agronegócio e governador do estado do Mato Grosso, tem consciência e clareza de que se a gente não fizer as coisas adequadamente, daqui a pouco



algum país levantará a proibição de importar a soja brasileira, porque alguém disse que ela está sendo plantada no lugar na selva amazônica. Os nossos que criam gado, os nossos que plantam milho, todos esses sabem hoje que produzir cuidando do meio ambiente, é uma vantagem comparativa para os produtos que eles querem vender para o mundo europeu, para os Estados Unidos e para outras partes do mundo.

Essa é uma consciência extraordinária, e eu acho que é uma evolução que nós estamos tendo. Já não precisa mais do confronto. O confronto, muitas vezes, se dá pela ignorância, pela falta de informação. Muitas vezes nós somos contra ou a favor, até sem saber muito o que a gente está sendo contra ou a favor. A gente, muitas vezes, é contra por ouvir dizer – “alguém me disse” –, sem aprofundar a discussão com aqueles que realmente conhecem, estudam e vivem o problema. Quem, um dia, ousou dizer que os nossos índios faziam o País correr o risco de perder a sua soberania, porque eles estão em lugares, muitos deles, fronteira com o Brasil? É só ir a São Gabriel da Cachoeira, que a gente vai perceber que grande parte dos militares do Exército brasileiro que estão lá, vestidos com a roupa verde e amarela das nossas Forças Armadas, são índios. Quando não tinha Exército, quantas vezes foram os índios que defenderam as nossas fronteiras?

Por que há esse antagonismo desnecessário? Por que tentar despolitizar a sociedade em debates que não dizem absolutamente nada, em comparação com a realidade que nós vivemos a cada dia? Obviamente que um índio, no meio da Amazônia, sendo brasileiro, cidadão brasileiro, eleitor brasileiro, e não recebendo as funções que o Estado tem que ter para com ele e para com o seu povo, vai ser tão rebelde contra o Estado quanto um companheiro que mora numa favela do Rio de Janeiro, a cem metros de Copacabana, e não tem água, não tem escola, não tem nada para fazer.

Todos os 180 milhões de brasileiros serão muito mais brasileiros e brasileiras se perceberem que o Estado está cumprindo com a sua função para



com eles, independentemente de ser homem ou mulher, índio, negro ou branco. Não existe hoje nada mais importante do que a gente assumir o programa apresentado pelos ministros que nele trabalharam. O ministro Jobim me dizia ontem – acho que o Mangabeira me disse noutra dia – que o que está faltando para o Brasil é a gente colocar a Amazônia no nosso discurso é a gente assumir a Amazônia dentro do nosso discurso, porque muitas vezes nós somos muito paulistas, muito mineiros, muito cariocas, muito não sei das quantas, e nós achamos que a Amazônia é um problema de quem mora na Amazônia. Não.

Nós estamos trazendo, Marina, com o lançamento desse Programa, a Amazônia para dentro da nossa inteligência, da nossa consciência. A gente agora pode andar o mundo e quando a gente for debater a Amazônia, nós não precisamos esperar a pergunta, nós é que iremos dizer para eles o que nós estamos fazendo na Amazônia. Não precisa mais ficar dizendo bravata: “a Amazônia é nossa”, até porque muitas vezes, quem fala isso nem fala com muita convicção. Eu sempre acho que quem quer as coisas de verdade, não precisa ficar fazendo bravata.

Se ela foi nossa desde que aqui Cabral pôs os pés, por que nós agora temos que ter preocupação com a Amazônia? Tem livros do século XVI que mostram que... uma vez um americano veio de barco e achou que o rio Amazonas era extensão do Mississipi, como tem gente que acha que a Amazônia tem que ser da humanidade, e nós achamos que é. Nós achamos que ela precisa produzir benefícios para todos os seres humanos, mas nós temos que dizer, em alto e bom som, que quem cuida da Amazônia é o Brasil, quem decide o que fazer na Amazônia é o Brasil.

Eu penso que nós ainda não temos condições de explorar 10% da riqueza, da fauna, da floresta e, sobretudo, da biodiversidade da Amazônia. Eu diria que nós somos quase analfabetos no conhecimento que nós temos sobre a Amazônia. E com esse programa, nós vamos adentrar as entranhas da



Amazônia.

Eu me lembro que quando nós começamos o programa Luz para Todos – nós começamos com base no estudo do IBGE – nós tínhamos que fazer 12 milhões ou atender 10 milhões de famílias. Depois que nós entramos nas entranhas do País, de candeeiro e completamos a tarefa que nós tínhamos assumido, nós descobrimos mais 1 milhão e 700 mil famílias brasileiras que não estavam cadastradas pelo IBGE e não eram do nosso conhecimento, e tivemos que levar o nosso Programa até 2010.

Esse Programa, Marina, vai permitir que a gente entre com um pouco mais de alma para conhecer a nossa Amazônia, para a gente dizer para aqueles pobres que moram nos igarapés e em palafitas na Amazônia, que eles têm uma possibilidade, a partir do desenvolvimento correto e sustentável da Amazônia. Esse Programa, Marina, vai precisar ser aperfeiçoado ainda, certamente vai ter muito debate. E o que é importante no nosso governo é que a gente não tem medo de debate.

Aliás, quero lhe parabenizar, Dilma, pela sua participação ontem no Senado. Certamente, você foi motivo de orgulho para quem, junto com você, participa do governo, e para o povo brasileiro.

Mas eu também quero ressaltar, aqui, para fazer justiça, o comportamento democrático do Senado. As pessoas fizeram as perguntas que tinham que fazer, mas eu acho que as pessoas foram civilizadas ao perguntar e no debate. Muitas vezes, quem está assistindo não gosta. Mas o que é a democracia senão esse exercício constante, diário, de debates, de discussões? E eu quero dizer aqui, na sua frente, que eu fiquei bem impressionado com o grau democrático que o Senado teve, ontem, com você. Se todos forem tratados assim, que tenha mais debates, porque eu acho que será bom para a sociedade brasileira. E como eu disse, lá no Rio Grande do Sul ou eu não sei onde, que você era a mãe do PAC, eu sou obrigado a dizer aqui que, embora o companheiro Mangabeira vá ser o coordenador do Conselho Gestor, ninguém



tira de você, Marina, a idéia de ser a mãe do PAS. Ou seja, de mãe em mãe, vocês percebem que estou criando uma nova China aqui.

Eu só quero parabenizar. Parabenizar os ministros que trabalharam, os técnicos que trabalharam, os funcionários que contribuíram para que nós pudéssemos chegar ao que nós chegamos. Aos governadores dos estados, quero dizer para vocês que nós não queremos conflito entre o governo federal e os governos estaduais, e nós não temos o direito de fazer as coisas nos estados sem conversar com vocês, sem discutir com vocês, sem discutir com os prefeitos, porque aqui de Brasília não possível a gente fazer tudo, não é possível a gente controlar tudo. Ou a gente educa este País numa relação de entes federativos produtiva, democrática e respeitosa ou a gente vai deliberar muitas coisas e elas não vão acontecer.

À Marina, meus agradecimentos. Companheiro Mangabeira, a sua tarefa não é fácil, porque mensalmente você vai ter que conversar comigo sobre como está andando isso. De tempos em tempos, você vai ter que prestar contas à imprensa do que está acontecendo nisso aqui. De tempos em tempos, você vai ter que prestar contas aos ministros que participaram disso aqui, e de quando em quando você vai ter que prestar contas aos governadores. Eu quero que Deus lhe dê toda a sorte do mundo para que a gente possa terminar o mandato com o PAS em plena execução.

Um abraço, muito obrigado a todos.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de sanção de Projeto de Lei que estabelece procedimentos para julgamento de recursos repetitivos no âmbito do Superior Tribunal de Justiça

Palácio do Planalto, 08 de maio de 2008

Meu caro companheiro Tarso Genro, ministro da Justiça,
Meu caro companheiro José Antonio Dias Toffoli, advogado-geral da União,
Ministro Humberto Gomes de Barros, presidente do Superior Tribunal de Justiça, na pessoa de quem saúdo os demais ministros do STJ,
Senhores presidentes dos Tribunais de Justiça do Brasil,
Senhores integrantes do colégio permanente dos Tribunais de Justiça do Brasil,
Deputados Michel Temer, Maurício Rands e Décio Lima,
Minhas amigas e meus amigos,

O enfrentamento do problema da morosidade processual e da falta de acesso à justiça sempre esteve na pauta do nosso governo e, certamente, na pauta de grande parte do Poder Judiciário brasileiro.

Logo no início do primeiro mandato, criamos a Secretaria de Reforma do Judiciário, vinculada ao Ministério da Justiça, com o objetivo de articular os diversos atores envolvidos no sistema da justiça, para buscar soluções destinadas a combater esses problemas.

A morosidade processual e a falta de acesso à justiça são extremamente prejudiciais ao desenvolvimento econômico do país e possuem impacto direto no custo-Brasil, atrapalhando a atração de novos investimentos e contribuindo para aumentar a taxa de juros cobrada dos consumidores brasileiros.



Além disso, esses problemas afastam cada vez mais os cidadãos brasileiros do Poder Judiciário e geram descrença e desconfiança no sistema. Assim, impedem a efetivação de direitos e garantias conquistados após anos e anos de lutas e debates em toda a sociedade brasileira.

Por todas essas razões, sempre tivemos em mente que a busca de um Judiciário acessível, rápido e eficiente é condição primordial para nosso projeto de desenvolvimento econômico e social.

Para atingirmos tal objetivo, buscamos, através do Ministério da Justiça, o apoio do Judiciário, do Legislativo e da sociedade civil para formular um conjunto de propostas e diretrizes voltadas para a melhoria do sistema de justiça.

Esse trabalho resultou na assinatura, aqui nesta sala, do “Pacto de Estado em Favor de um Judiciário mais Rápido e Republicano”, assinado pelos representantes dos três poderes e lançado em dezembro de 2004.

A partir dessa união de esforços foi possível aprovar mais de 13 projetos de lei e uma emenda constitucional, resultando na criação de várias instituições importantes. Entre elas, posso citar o Conselho Nacional de Justiça, o Conselho Nacional do Ministério Público, a conquista de autonomia das Defensorias Públicas estaduais e a criação de uma série de instrumentos voltados para a celeridade processual.

Minhas amigas e meus amigos,

O projeto sancionado hoje é mais um fruto dessa bem-sucedida união de esforços e seu processo de tramitação serve para ilustrar a atenção que todos nós dedicamos ao tema. A proposta foi elaborada pelo Superior Tribunal de Justiça a partir de sugestão do Instituto Brasileiro de Direito Processual. Em menos de um ano, foi entregue ao Executivo e aprovada pelo Congresso Nacional, o que torna inquestionável o compromisso de todos os presentes com o aperfeiçoamento do sistema de justiça. Ela otimiza e racionaliza as decisões do Superior Tribunal de Justiça, trazendo impactos positivos para as



demais instâncias do Poder Judiciário.

Todos os esforços merecedores de elogios que foram feitos para o rápido encaminhamento dos projetos de reformas do Processo Civil devem ser agora reproduzidos também no âmbito Penal. Nosso desafio, a partir deste momento, é aprovar a tão aguardada reforma do processo Penal, já em seus últimos passos no Congresso Nacional, com o objetivo de aprimorar os procedimentos e conferir a devida celeridade aos julgamentos criminais.

Ressalto e agradeço mais uma vez os esforços empreendidos pelo Ministério da Justiça, pelos parlamentares e pelos magistrados na construção e aprovação de propostas que levem à melhoria do sistema da justiça. Desenvolver o sistema da justiça é fortalecer a democracia. E espero continuar contando com esse apoio para a aprovação das propostas que ainda tramitam no Congresso Nacional, somando esforços nessa silenciosa, porém eficaz revolução democrática.

Eu quero aqui aproveitar para agradecer, na ausência, ao ex-ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, ao ex-presidente da Suprema Corte, Nelson Jobim e agradecer ao ex-presidente da Câmara, João Paulo Cunha, que foram os firmadores do pacto aqui. E, ao mesmo tempo, agradecer ao Sérgio Renault, que estou vendo aqui, que foi o companheiro que secretariou todo esse trabalho.

Qual é a demonstração que nós passamos para a sociedade quando uma conversa é bem feita, quando os objetivos são bem definidos? Eu lembro que houve momentos na história do Brasil, que toda vez que se falava em criar mecanismos para tornar mais eficaz o Poder Judiciário, havia a compreensão, e eu diria de forma incompreensiva, de que pessoas de fora estavam querendo meter o dedo nas coisas do Poder Judiciário. E quando se pensa assim em qualquer atividade neste País, as pessoas quase que se fecham em si, prevalece uma força corporativa, quase que intransponível, e não vale apenas para o Poder Judiciário, vale para o Poder Executivo, vale para o Poder



Legislativo, vale para a Receita, vale para o Ministério Público, vale para as Forças Armadas. Toda vez que uma conversa, meio extraviada, passa a impressão que alguém quer se intrometer na seara de outro alguém, você não consegue dar um passo e passa séculos sem mudar uma única vírgula nas coisas que precisam ser mudadas.

Aquele pacto possibilitou, em primeiro lugar, gerar um grau de confiabilidade entre nós que não existia, gerou a compreensão de que o que todo mundo queria no fundo, no fundo, era o aperfeiçoamento do sistema para que os aproveitadores que estão sempre à espera de uma oportunidade de protelar uma decisão, continuarem protelando as decisões.

Obviamente que eu sei que alguns advogados podem não gostar dessa decisão. Obviamente que um cidadão que tem má intenção e que não quer pagar alguma coisa que deve, se ele tiver o mecanismo de protelar uma decisão 200 vezes... Muitas vezes, o pagador não se dá conta de que o que ele pagou ao advogado, o que ele gastou no processo, era infinitamente maior do que a dívida que ele teria que pagar se pagasse corretamente. Portanto, essa decisão vem livrar vocês de uma coisa desagradável e vai livrar o Estado brasileiro e a sociedade brasileira de virarem vítimas dos recursos repetitivos. Agora, as pessoas terão que ser mais sérias, terão que fazer o processo mais bem feito, terão que sustentar com mais qualidade. Se ganhou, parabéns. Se perdeu, parabéns. Venceram a Justiça e o Brasil.

Muito obrigado e parabéns pela colaboração de todos vocês

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura do Pacto Federativo do programa Territórios da Cidadania, lançamento do programa Bolsa Formação e do Programa Habitacional para Agentes de Segurança Pública, lançamento dos projetos Farol, da Ferrovia Leste-Oeste, da Via Expressa Portuária e do PAC Habitação e Saneamento na Bahia

Salvador – BA, 09 de maio de 2008

Companheiros e companheiras, enquanto a Dilma, o POC e o Alfredo acertam as medidas provisórias, me permitam cumprimentar o nosso querido companheiro Jaques Wagner, nosso querido governador. A nossa querida companheira Maria de Fátima, primeira-dama. E dizer para vocês que ontem eu tive o privilégio de jantar com a Dilma, lá, comi um bacalhau que acho que nunca tinha comido igual.

Cumprimentar os companheiros ministros, a companheira Dilma, o companheiro Alfredo, o companheiro Guilherme Cassel, o companheiro Adilson, o companheiro Geddel, o companheiro Tarso Genro,

Cumprimentar o nosso prefeito de Salvador, companheiro João Henrique,

Cumprimentar os nossos senadores. Acho que um já foi embora, o João Durval foi embora, que está em Feira de Santana, merecidamente, porque faz aniversário. Fez ontem, mas vai comemorar hoje. O César Borges.

Cumprimentar os companheiros deputados que estão aqui. E dizer que eu devo – e é importante que a gente faça um reconhecimento – por mais que, muitas vezes, apareça nos meios de comunicação briga entre Poder Executivo e Poder Legislativo, a verdade é que eu vi o presidente Bush, um dia desses, dando uma entrevista, na Casa Branca, se queixando que o Congresso americano não aprovou nenhuma lei dele. E eu não posso dizer o mesmo



porque, apesar do barulho da oposição, nós aprovamos 99% de todas as coisas que nós quisemos aprovar. Então, eu só posso ser agradecido aos deputados, aos senadores e ter consciência de que o PAC foi aprovado com uma rapidez extraordinária no Congresso Nacional, e é por isso que nós estamos transformando o PAC em realidade.

Agradecer aos companheiros prefeitos que estão aqui. E eu quero passar para a história como o Presidente da República que nunca perguntou a um prefeito a que partido ele pertence, para poder conversar com ele. Eu duvido que algum prefeito deste País – e temos obras do PAC em mais de 5 mil municípios – eu duvido que algum, algum dia, tenha ouvido de algum ministro meu, que para receber o dinheiro do PAC ele deveria pertencer a esse ou àquele partido político.

Eu nasci com uma formação política democrática e republicana, e quero morrer com a minha formação e com a minha convicção democrática e republicana. As pessoas têm que ter as coisas porque têm direito de ter as coisas, não porque são amigas do Presidente. As pessoas não têm direito às coisas, não porque o Presidente não goste delas, mas porque elas não têm direito de ter as coisas.

Dizendo isso, eu queria dizer para o companheiro João Henrique... Eu, depois que vi os companheiros levantando uma camiseta aí, falei com o companheiro João Henrique. Tem uma situação que é importante o público conhecer, porque senão a gente faz uma coisa errada... Os companheiros aí, eu não sei se são chamados de mata-mosquitos... Eu sei...e que o Ministério Público exigiu que o prefeito fizesse um concurso, como tem exigido em vários lugares do Brasil. Fizeram um concurso, alguns companheiros passaram, outros não passaram. E, quando não passa, o Ministério Público começa a exigir que dispense os companheiros. Nesse caso, os companheiros entraram com recurso. A alegação dos companheiros é que o concurso tinha algumas exigências acima da qualificação da função que eles vão fazer. Esses



companheiros entraram com um pedido de um novo concurso, o Ministério Público está querendo um novo concurso. Falei com o companheiro João Alfredo. Ele vai fazer um novo concurso e as pessoas...

Enquanto isso, companheiros, se vocês não prestarem atenção, vocês vão levar só meia informação para casa e não é bom. Enquanto isso, os companheiros vão continuar trabalhando. É importante que as perguntas, o questionário do concurso, não sejam para médico, quando a gente está querendo apenas alguém para matar mosquitos. Essa coisa, João Henrique, acontece em todas as cidades brasileiras. Eu lembro um tempo, quando o Paulo Freire era secretário de educação, em São Paulo, e foi fazer concurso para faxineira, ou seja, o que você tem que saber? Se a pessoa sabe varrer, sabe fazer limpeza. Nada mais do que isso. Você não vai dar um teste cheio de perguntas difíceis para uma pessoa que tem uma determinada função. Então, nós temos que criar as condições de aproveitar os companheiros, porque o básico que nós precisamos é o companheiro saber evitar que o mosquito da dengue nasça, porque se ele nascer, já vira doença. Obrigado, prefeito João Henrique e parabéns a vocês.

Segundo, vocês agora podem almoçar, porque já ganharam o dia. Eu e todos aqui, eu ali sentado... Vocês sabem que é duro, quando a gente está habituado a falar, a gente fica falando e não sente fome. Mas, quando a gente está sentado, ouvindo os outros falar e a lombrigas mexendo dentro da barriga, disputando a comida... E o Wagner não ofereceu nem um lanche para a gente, com a quantidade de dinheiro que recebeu aqui. Rapaz, a quantidade de milhões que foi anunciado aqui, eu falei: Bom, a hora que a gente... vai ter alguma coisa para comer. Não sei se vocês viram o companheiro Alfredo gesticulando durante uma meia hora, desde que ele falou, pedindo apenas um copo d'água. E nós falamos, aqui, em tratamento de bilhões de litros d'água e não sei das quantas, e o coitadinho quase morre de sede, aqui na mesa, por causa de um copo d'água. Mas isso faz parte do jogo.



Depois, companheiros, nós estamos com um pequeno problema. Eu sei que aqui tem muitos prefeitos, muitos secretários, então eu posso dizer o que eu vou dizer aqui: nós estamos atrasados. A essa hora, era para a gente estar começando o nosso ato em Ilhéus. Portanto, a Dilma é mãe, ela tem que chegar em São Paulo e ir para Porto Alegre ainda hoje. Cada marido vai ter que ir para casa, porque o dia da mãe, a gente não pode nem pensar em não estar em casa com a família. Então, nós vamos ter que nos retirar um pouco mais cedo. Eu vou, aqui, ser muito sucinto, porque tudo que tinha que falar do PAC já foi falado por todos os companheiros que me antecederam.

A única coisa que eu quero dizer para vocês é o seguinte: todo esse dinheiro que foi contratado hoje, aqui, nós precisamos agora ter a capacidade de transformar esse dinheiro em obras. E nós sabemos que entre você aprovar o projeto, assinar o contrato e começar a trabalhar, tem uma distância muito grande. Porque o marco regulatório que a gente tem que vencer para fazer uma obra, é muito grande. Você tem que fazer projeto executivo da obra e, muitas vezes, as prefeituras não estão preparadas. Quando você termina o projeto executivo, você precisa de um licenciamento prévio para fazer, e nem sempre o meio ambiente trabalha com o tempo que o prefeito precisa e as necessidades do povo. Quando vocês têm tudo isso pronto, às vezes alguém do Ministério Público entra com uma ação e aquilo fica paralisado na Justiça por um determinado tempo. Às vezes, o Ministério Público não cria caso, mas o Tribunal de Contas do Estado cria um caso, a obra fica parada. Às vezes, o prefeito não entrega os documentos na hora certa. Às vezes, a Caixa Econômica – de onde foi embora a Maria Fernanda, mas está aqui o nosso companheiro vice-presidente da Caixa Econômica, que não está aqui, mas está ali, o Jorge Hereda – às vezes, o tempo da avaliação da Caixa Econômica é muito exigente e demora um pouco, porque se o funcionário da Caixa não for exigente e ele der autorização em um projeto que tenha erro, ele é processado, os seus bens são disponibilizados, e ele tem que contratar advogado por conta



própria, porque ninguém contrata advogado para ele.

Depois que está tudo pronto, você faz a licitação. Aí, na licitação, parece que a obra vai começar no dia seguinte, aí você começa a licitação, tem dez empresas, uma ganha, nove perdem, uma entra com uma ação, fica mais meses parada essa obra.

Então, por isso que nós criamos uma coisa chamada “conselho gestor”: Conselho Gestor Nacional, conselho gestor em cada ministério, conselho gestor em cada estado, conselho gestor em cada município, conselho gestor em cada empresa pública, para que a gente, quase que em tempo real, colocando em prática a transversalidade, ou seja, colocar todo mundo em uma mesa ao mesmo tempo, para a gente tentar resolver os problemas conjuntamente, para ver se as obras saem neste País.

Porque o dilema no Brasil, é que, muitas vezes, os governantes, os que vieram antes de mim e os que virão depois de mim, todos querem fazer obras, todos querem fazer alguma coisa. Mas, às vezes, você anuncia uma obra, termina o mandato e ela não aconteceu.

Hoje eu disse, no Gasene: o Gasene foi a única obra, no meu governo, que eu coloquei em votação. Estavam presentes a Dilma Rousseff, o Jaques Wagner, o Palocci, o José Dirceu, o Gushiken, tinha lá um grupo de ministros. Era uma questão quase que ideológica, já tinha quase que contrato feito com japoneses, e nós queríamos estabelecer uma relação estratégica com a China. E eu falei: não, vou colocar em votação. Imagina o Presidente da República colocar em votação. Só que ganhou aquele que eu queria, que era a China. Ganhou, com o voto contra de alguns companheiros, que preferiam o Japão. Mas entre a gente fazer aquela votação, decidir fazer o Gasene – que é um investimento de 3 bilhões de reais – demorou 3 anos e meio. Hoje eu fui lá, assinar.

Todo mundo sabe a quantidade de escolas que nós vamos fazer aqui. Escolas técnicas, historicamente a Bahia teve nove. Nós vamos fazer 12 novas



escolas técnicas aqui neste estado. Nós vamos fazer extensões universitárias que eu não sei quantas, mas são bastante extensões universitárias. Mas tudo isso que a gente vai fazer é pensando de que esse momento de crescimento da economia do Brasil, esse momento de ajuste de conta do Brasil com o seu povo, do Estado brasileiro com o seu povo, ele só tem sentido se o rico subir um degrau e o pobre subir um degrau junto ou subir dois, ele tem que recuperar o tempo perdido. Então, quando eu vejo um companheiro vir aqui receber uma casa do ministro Tarso, receber um cartãozinho para um auxílio bolsa e ainda dizer que é do ProUni, é tudo que me enche o coração, a alma e a consciência de alegria, porque é tudo que eu quero na vida é que o povo tenha oportunidade para poder vencer da forma mais extraordinária possível em sua vida.

O que nós estamos fazendo aqui, eu demorei, companheiro Jaques Wagner, 40 dias para vir aqui. Eu sei que tinha reclamação: “Não, porque o Lula vai a Pernambuco e não passa aqui. Porque o Lula vai ao Ceará e não passa aqui; porque o Lula vai a Sergipe e não passa aqui; porque o Lula vai a Alagoas, que é até governada pelo PSDB, e não passa aqui. Ele é tão amigo do Jaques Wagner, por que ele não vem ver o seu amigo? E por que não sei das quantas e vai por aí... Vai para São Paulo todos os dias, vai para o Rio de Janeiro todos os dias, vai para Minas todos dias, vai para o Rio Grande do Sul”. Eu já fui em todos os estados do PSDB. O PFL, só tem um em Brasília, já fui lá inaugurar obras, dar dinheiro. E os meus companheiros do PT e do PMDB vão ficando para trás. Agora, por que eu demorei em vir aqui? Porque eu não queria vir aqui apenas anunciar as obras de saneamento básico.

Eu discuto essa questão da ferrovia com o Wagner desde quando nós lançamos a Transnordestina. Essa questão cacauera, nós estamos há mais de oito meses! É importante lembrar: muita gente, até o próprio senador Antônio Carlos Magalhães, quando era vivo, queria negociar esse negócio do cacau. Nós tínhamos um dívida grande para negociar, uma dívida de 76 bilhões de



reais com os agricultores brasileiros, grandes e pequenos, que há mais de 20 anos queriam negociar. Nós fizemos uma negociação e vai, na semana que vem, uma medida provisória para o Congresso Nacional. Foi uma negociação que eles jamais imaginavam que pudesse acontecer entre pequenos, grandes e médios. E nós deixamos o cacau de fora, porque o cacau, era preciso que houvesse um passo a mais do que o acordo feito pelo conjunto da agricultura, pelo grau de deteriorização que o cacau tinha sofrido neste País. Então, era preciso construir um bom projeto. Surgiu a idéia de fazer uma combinação entre a produção de seringa e, embaixo dela, plantar o cacau, para aproveitar o sombreamento da seringa e, do lado, plantar o dendê para a Petrobras fazer uma grande fábrica de biocombustível aqui e a gente produzir biodiesel de dendê. Então, eu tinha que construir isso para poder vir aqui e anunciar um conjunto de obras que vão algumas começar esta semana, como já foi ordem de serviço, outras, vão demorar um mês ou dois meses, porque foi assinado o contrato e vai ter que ter licitação e outras vão demorar um ano, porque é preciso construir todo o arcabouço para que a gente tenha essa obra construída como, por exemplo, a ferrovia. Nós queremos interligar o Brasil por ferrovia. Nós haveremos de, um dia, fazer o jogo combinado de um sistema intermodal, em que a gente aproveite os 100% das estradas, os 100% das ferrovias e os 100% das hidrovias a que nós temos direito, porque, como obra de Deus, ele nos deu as condições de termos isso.

E isso significa, companheiros... Tem gente que me criticou, quando eu falei que ia fazer a Transnordestina, ligar o Porto de Suape ao Porto de Pecém, passar em Eliseu Martins, passar em Alagoas, mas logo, logo, ligar o Rio Grande do Norte à Paraíba. E, depois, fazer essa Leste-Oeste, ligando lá na cidade... de onde, Alfredo, que você falou aqui? Alvorada, em Tocantins, fazendo a interconexão – gostou, Geddel? – interconexão entre a Ferrovia Norte-Sul, a Leste-Oeste e a Transnordestina.

Para quê? Porque o Brasil ficou defasado. O Brasil jogou fora um



patrimônio que ele já tinha construído. Quando nós começamos a recuperar a ferrovia brasileira, nós não tínhamos mais fábrica de trilho. Trilho! Um país que tem a quantidade de minério de ferro que nós temos!

Nós, agora, estamos tão ousados, Imbassay, depois que nós viramos Investment Grade – chique, não é? – depois que nós viramos isso... Mas eu já era metido antes de virar isso. Eu já era, porque não precisava disso para as pessoas saberem que o Brasil é sério, não. Nós pagamos a nossa conta do FMI, pagamos o Clube de Paris, temos mais reservas do que a nossa dívida. As exportações estão crescendo, as importações também estão crescendo.

Nós, segunda-feira, vamos lançar, no Rio de Janeiro, no BNDES, o mais importante programa de política de desenvolvimento deste País. Durante 20 anos se discutiu se deveria ter política industrial ou não, nós vamos fazer política industrial. Dentro da política industrial tem uma forte tendência à política regional. Dentro dela, tem uma forte tendência a valorizar as exportações brasileiras, para que a gente tenha sempre um resultado de balança comercial correto.

Pois bem, tudo isso tem que funcionar da forma mais harmônica possível. Tudo isso. Cada vez que um companheiro prefeito recebe uma quirelinha de dinheiro, e sinto muito orgulho de olhar na cara de cada prefeito e dizer, sem saber quanto ele recebeu dos outros: eu duvido que o ex-prefeito Imbassay tenha recebido, do seu antigo aliado, metade do dinheiro do governo federal que o João Henrique já recebeu, nosso. Eu duvido que o Mário Covas tenha recebido do Fernando Henrique Cardoso 30% do que eu já dei para o José Serra. Duvido que o Kassab, que é prefeito do Democratas, tenha recebido alguma coisa perto do que nós estamos dando para o PFL ou para o César Maia, no Rio de Janeiro.

Por quê? Porque nós precisamos construir uma nova lógica de gerenciamento administrativo neste País. A gente tem que ter a disputa eleitoral de forma civilizada, em que a gente disputa, quem ganhou, ganhou.



Agora, o que não pode é quem perdeu ficar tentando atrapalhar quem ganhou governar, criando dificuldades, criando obstáculos.

Como é que a pessoa passa o tempo inteiro, em uma campanha, prometendo para o povo que vai fazer o bom para ele, aí o outro ganha, ele fica trabalhando contra para prejudicar o prefeito quando, na verdade, o prejudicado é o povo, que não vai receber as obras.

Quando é que nós vamos ter juízo e maturidade para entender que a política não é a arte da desavença? A política pode ser a arte da confluência, do consenso, da maturidade. Vocês viram no Senado, me derrotaram, na CPMF, achando que fui eu quem perdeu. Tinha pessoa que dizia: “É, nós vamos tirar 120 bilhões dele até 2010. Eu quero ver o que vai acontecer.” Ora, para mim não vai acontecer nada. Eu tenho plano médico, eu pago. Eu quero saber é do povo pobre que teve 40 bilhões a menos na Saúde. Eu quero saber dos 16 estados brasileiros que não podem pagar sequer os 12% que estão na Constituição. Eu quero saber quantos coitados de prefeitos podem cumprir a Constituição e pagar o que está previsto para ele colocar na Saúde. Então, as pessoas acharam que me prejudicaram. Não prejudicaram, não me causaram um arranhão, uma vírgula. O mais eloqüente deles, eu tive 84% no estado dele, ele teve 4%. As pessoas precisam aprender que não é por um gesto de vingança ou de arrogância que eu vou prejudicar os que não estão no debate, aqueles que precisam da gente. E aquele que mais precisa da gente não pode nem vir ao ato, fazer um protesto. Está lá, na periferia, não pode ir a Brasília, não pode reivindicar. É para essa gente que nós temos que governar se a gente quiser tornar este País mais justo. Não basta a economia crescer.

Eu conheço país aqui, na América Latina, que cresce a 7%, 8% já há uns 10 anos, entretanto, a pobreza continua a mesma. O Brasil cresceu 14%, na década de 70 e não houve distribuição de renda. Ora, nós precisamos saber que nós somos eleitos para governar para a parte mais pobre. Nós governamos para todos, mas a parte mais pobre tem que ter a nossa



preferência para que ela deixe de ser pobre. Quando ela deixar de ser pobre, ela vai virar consumidora. Quando ela virar consumidora, ela vai comprar, a empresa vai produzir, o mercado vai vender, vai ter mais um emprego, mais um salário, mais um consumidor.

A Fátima me dizia: “Aqui na Bahia foi feita uma pesquisa há um tempo, no shopping center aí, 80% das pessoas que compravam eram da classe A e B”. Agora, fizeram uma mais recente, a classe C cresceu 30%. Eu dizia para a Fátima: eu lembro, Fátima, o meu filho caçula está com 23 anos, quando ele era pequeno, passavam aquelas mulheres vendendo danoninho, a gente só tinha dinheiro para comprar para o caçula e era uma desgraça. Quem é mãe e pai sabe, você comprar um danoninho, um filho de 10 anos pedir, e você falar: “eu não vou dar, não, é para o rabugento menor”. E hoje as pessoas mais pobres estão tendo o direito de comprar coisas que antes eram proibidas para elas. Nós temos essa obrigação, e não é uma obrigação do presidente Lula, não é uma obrigação do governador Jaques Wagner, é uma obrigação nossa, enquanto cidadãos.

A questão da dengue. As pessoas ficam achando que é o presidente da República que vai ter que comer os mosquitos da dengue. Aí, acham que é o governador, acham que é o prefeito. Ora, aí não tem presidente, não tem governador, não tem prefeito. A questão da dengue é uma questão de cada cidadão. Da mesma forma que ele toma banho de manhã, da mesma forma que ele escova os dentes de manhã, da mesma forma que ele bota o sapato de manhã, ele tem que saber se tem água parada no seu quintal, jogar fora, para que o mosquito não bote larva. Porque a gente não tem que esperar o mosquito nascer para matar, porque ele mata a gente primeiro do que ele. É preciso a gente evitar que ele nasça. Então, se cada um cuidar da sua casa, numa rua todos cuidarem da sua casa, não fica uma rua sem ser cuidada. Se todos os bairros cuidarem da sua casa, você já tem o bairro cuidado. Numa cidade, num estado e no País.



Mas, no Brasil, nós ficamos sempre um achando que é o outro que tem que fazer. Na questão da dengue, não é o outro. Às vezes, minha mãe dizia: “o macaco senta em cima do rabo e fica olhando o rabo dos outros”. A verdade é que, muitas vezes, a gente está fazendo discurso, tudo bonitinho, contra a dengue, e na casa da gente está lá uma poça d’água, à espera de um casal que faça o seu acasalamento “mosquitório” e coloque a sua larva lá e gere um mosquitinho para picar uma pessoa.

Por isso, companheiro Jaques Wagner, quero lhe dizer que saio da Bahia, hoje, com a alma lavada. Eu sou cidadão baiano. Soteropolitano. Eu já disse, no Teatro Castro Alves, há mais de 10 anos, que a minha afinidade com o povo da Bahia, o jeito com que eu sempre fui tratado aqui, o jeito feliz do povo da Bahia, o jeito alegre. Olha o sorriso dessa senhora, que coisa bonita! Eu sempre disse, Dilma, que em algum momento, em outra encarnação, eu devo ter nascido em algum lugar da Bahia. Devo ter nascido aqui, porque a minha identificação é muito grande.

Companheiro Jaques Wagner, tudo o que nós assinamos aqui – a Dilma é a mestre lá em Brasília, a Eva parece que é a sua mestre aqui – é preciso, Eva, ter cuidado, porque um documento que atrasa uma semana, atrasa uma obra um mês. É preciso não deixar atrasar, é preciso ir atrás do prefeito, é preciso ir atrás do secretário, porque é uma desgraça. Para construir uma coisa demora um século, para destruir, uma mentira destrói, uma ação destrói.

Então, gente, o Brasil vive um momento muito especial da sua história. O Brasil nunca teve um momento de auto-estima como tem agora, sem que a gente precise fazer uma musiquinha: “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo...” não precisa fazer. A auto-estima é a esperança que voltou a iluminar a alma e a consciência desse povo extraordinário.

Portanto, meus companheiros e companheiras, vamos fazer com que essas obras... Companheiro Wagner e prefeitos, não permitam que o processo eleitoral atrapalhe as obras. Wagner, você sabe que tem estado que eu tenho



que ir e tem um que pede: “Não vá lá, Presidente, porque não sei das quantas. Não vá lá...” As pessoas querem até que a gente não vá lançar obra. Tem gente morando na miséria e as pessoas não querem que vá: “Espere passar as eleições, Presidente”. Como é que pode? Esperar seis meses, com o povo necessitando do dinheiro e do investimento.

Então, é preciso que todos nós tenhamos grandeza. Eu digo sempre, Wagner, que eu agradeço a Deus. Eu perdi três eleições. Não é fácil você voltar para casa, depois de uma derrota e ficar lambendo as suas feridas, como dizia o nosso querido Brizola. Não é fácil. Porque político sem mandato neste País, nem vento bate nas costas. É verdade. Quando você tem mandato, você tem puxa-saco de magote. Quando você não tem mandato, o cara te vê em uma calçada, passa para a outra, porque ele acha que você vai pedir um empréstimo ou pedir para pagar a dívida da derrota dele. Então, eu sou um cara agradecido, porque a derrota não me deixou mágoas. Eu nunca fiquei com mágoa do Collor, nunca fiquei com mágoa do Fernando Henrique Cardoso. Eu achava que era um processo que nós tínhamos que superar. E, graças a Deus, nós superamos e, graças a Deus, nós ganhamos e, graças a Deus, a gente pode provar que o Brasil poderia estar muito melhor se a gente tivesse coragem de fazer as coisas simples que estamos fazendo. Não tem nenhum milagre, ou seja, é anunciar dinheiro e fazer ele parir, ali na hora, o resultado das coisas que você quer.

Por isso eu acho que, todos os elogios que fizeram aqui para a Dilma são importantes. Agora, Dilma, relativize isso, viu? É importante, porque eu sei o que é. Eu sei o que é tomar uma decisão no governo e, depois de três meses, sair pelo Brasil anunciando: “fizemos tal coisa”. Aí, quando eu chego no estado: “companheiro, chegou o dinheiro aqui?”. “Não, não chegou, Presidente, parou.” “Parou por quê?” Porque a Caixa fez isso, porque o Banco do Brasil fez aquilo, porque o BNDES fez aquilo, porque... É assim que as coisas funcionam. Não é isso? Então, o PAC está nos ensinando a mexer direitinho com a



máquina administrativa. Nós ainda temos uma revolução para fazer, que é mudar algumas coisas, eu acho. A Lei de Licitação não pode continuar do jeito que é, é preciso mudá-la para facilitar as coisas. Sabe por quê? Porque no Brasil se parte do pressuposto de que todo mundo é ladrão, então se cria a dificuldade. Mas a dificuldade não resolve nada, vejam quantos desvios que tem. É preciso que haja um pouco de disposição nossa.

Eu estou convencido de que a gente precisa... Hoje, por exemplo, o Tribunal de Contas da União, na verdade, ele quase que governa o País, porque ele diz que obra que pode, que obra que não pode. Ele é um órgão auxiliar do Congresso Nacional e não... O Ministério Público tem um papel importante, e não é culpa dele, foi nós que demos. Então, nós precisamos ver o que é bom para este País, o que pode facilitar a vida deste País, o que pode permitir que as coisas sejam mais ágeis.

Eu vou contar para os prefeitos a última novidade aqui. Nós aprovamos o PAC. Aprovamos o PAC, e aí eu estou em uma reunião, um belo dia, o ministro Guido Mantega e o ministro Paulo Bernardo falam assim para mim: “Presidente, nós temos...” Como é o tal de Cauc? Ou seja, os estados que fizeram acordo conosco não podem pegar dinheiro porque tem o negócio do Cauc. O cara que está devendo para a Previdência Social, para o governo federal, às vezes o cara deve hoje, amanhã não deve, depois deve amanhã. Todo dia, ele sobe e desce no ranking do Cauc. Eu falei: “Guido, não é possível, eu estou há mês andando por este País anunciando o PAC, agora você vem me dizer que tem um tal de Cauc. Tira esse inferno desse Cauc e vamos liberar as obras do PAC”.

Então, eu queria pedir a compreensão dos prefeitos, dos secretários, eu quero pedir a compreensão da Eva, sobretudo, do Jaques Wagner, que fiscaliza com a Eva, para a gente fazer as coisas andarem, o Brasil precisa. E também pedir aos prefeitos: pelo amor de Deus, quando vocês contratarem uma empresa para fazer uma obra do PAC na cidade de vocês, conversem



com a empresa para não levar trabalhador de fora, contratem o trabalhador da cidade, para a gente ir formando mão-de-obra qualificada.

Então, o que eu posso terminar dizendo para vocês? Que Deus nos abençoe. E vamos para Ilhéus agora.

Um abraço, companheiros e companheiras.

(211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de atos do PAC**

Lauro de Freitas - BA, 09 de maio de 2008

Eu quero dizer ao companheiro Jaques Wagner que, ao cumprimentá-lo, eu estou cumprimentando os ministros, os deputados, os senadores, os prefeitos que estão aqui porque, como tem muita autoridade, se eu for ler a nominata eu vou perder parte dos cinco minutos que a Moema disse que tinha, mas falou bem uns 15.

Toda vez que alguém vai falar ao microfone e fala: “Eu vou falar rapidinho”, pode saber que vai demorar. Nós temos que ser rápidos aqui, a ministra Dilma ia falar, a gente pediu para não falar porque nós temos ainda duas atividades, pode chover, e nós não queremos perder a oportunidade.

A primeira coisa que eu queria explicar para vocês é o seguinte: alguém pode perguntar: “Por que o Lula veio a Lauro de Freitas e não foi a outras cidades do interior da Bahia?” É importante lembrar, porque nós estamos em um período eleitoral, e esse período eleitoral começa a ficar delicado porque começam a aparecer torcidas nos atos do PAC, e o PAC é um programa institucional e não pode ser confundido com as campanhas legítimas e democráticas que os partidos vão fazer daqui para a frente. Mas eu vim aqui porque aqui é... Hoje, o que a Moema fez aqui, com o Ministro das Cidades, não foi assinatura de contrato. O contrato já foi assinado antes. Hoje foi a assinatura de ordem de serviço. Significa que amanhã as máquinas têm que estar trabalhando e produzindo o resultado do dinheiro que nós colocamos.

Mas daqui a pouco nós vamos a Salvador assinar, com o prefeito João Henrique e com os prefeitos de várias outras cidades, 467 milhões de reais para beneficiar as cidades da Bahia. Só para vocês terem uma idéia, eu queria até pedir a ajuda dos deputados e dos senadores, a Bahia tem 417 municípios.



Eu diria para vocês que é bem possível que mais de 300 municípios da Bahia têm obras conveniadas entre o governo federal, governo estadual e prefeitura, e quase todos eles têm obras do PAC. Aqueles que não têm ainda, é porque nem todas as prefeituras têm condições de fazer um projeto.

Às vezes acontece assim: a gente tem o dinheiro, a prefeitura não tem o projeto, o projeto demora para fazer. Nós criamos uma estrutura na Caixa Econômica Federal para ajudar as pequenas prefeituras a fazer projeto. A gente assina o contrato, depois de assinado o contrato a prefeitura faz licitação, e somente depois da licitação é que a gente vem aqui assinar a ordem de serviço. Às vezes demora, porque quando o prefeito vai fazer a licitação, tem três ou quatro empresas participando. Uma ganha, a outra entra com um recurso na Justiça e às vezes fica parado seis, sete meses, e o dinheiro depositado na Caixa Econômica Federal ou na conta da prefeitura não pode ser utilizado. Isso faz parte da burocracia e dos mecanismos jurídicos que nós criamos no Brasil, e que precisamos continuar aperfeiçoando.

O dado concreto e objetivo é que nós começamos a fazer uma coisa, que eu espero que daqui para a frente nunca mais pare. A verdade é que neste País os administradores públicos não gostavam de cuidar de saneamento básico porque, para muitos administradores públicos, ao enterrarem manilha embaixo da terra, não dava para colocar o nome da mãe, da sogra, do pai numa placa, dizendo que tinha uma obra. A obra fica escondida e ninguém quer cuidar disso. Para nós, a grande placa que queremos, a grande homenagem que queremos não é o nome da gente numa placa, não. A grande homenagem é ver uma criança brincando na rua sem pisar em esgoto a céu aberto, o grande patrimônio que nós queremos conquistar é ver uma criança tomar água tratada.

Ontem, Wagner, em Manaus, capital do estado do Amazonas, com mais de 2 milhões de habitantes, uma mulher disse a mim e ao prefeito: “Hoje vocês estão realizando o meu sonho”. E eu falei: qual sonho? Ela falou: “É a primeira



vez que eu vou tomar um banho de chuveiro”. É inacreditável que um país que é a oitava economia mundial, que tem vocação de se transformar numa potência econômica, numa potência social, tenha sido, ao longo de séculos, tratado da forma mais vergonhosa, dividido entre aqueles que a cada vez ficavam mais ricos e aqueles que a cada vez ficavam mais pobres, e eram escorraçados para o barro.

Nós não estamos resolvendo todos os problemas, nós estamos apenas apontando que é possível. E o maior orgulho que eu tenho de ter sido eleito presidente da República é poder provar para cada um de vocês e acabar com esta balela que durante 500 anos prevaleceu neste País: só pode ser governante quem é doutor, quem é empresário ou quem é rico. A minha chegada à Presidência da República é mais do que fazer o PAC. É despertar na cabeça de vocês que cada um tem inteligência suficiente, tem preparo suficiente para administrar a sua cidade, o seu estado e para administrar este País.

Eu espero que a minha passagem pela Presidência tenha quebrado os preconceitos históricos que foram criados neste País, espero que ela quebre os tabus que foram criados neste País. Porque eu cansei. Foram três derrotas: “O Lula não pode governar porque ele não fala inglês, o Lula não pode governar porque ele não tem um dedo, o Lula não pode governar porque ele é retirante nordestino, o Lula não pode governar porque ele é quase analfabeto, o Lula não pode governar porque não sei das quantas”. Não faltaram adjetivos para dizer que eu não podia chegar à Presidência da República. Pois bem, eu estou agora provando que é burrice. Eu estou agora provando que burro é quem confunde inteligência com anos de escolaridade. Burro é quem pensa assim. Porque na verdade... Companheiros, deixem-me falar uma coisa para vocês que é o seguinte: vocês não podem uma hora gritar o nome da Dilma e outra hora gritar Lula outra vez, vê se pode! Deixe-me dizer para vocês uma coisa: esse dinheiro que está vindo para cá, parte dele vai ser enterrado embaixo da



terra para fazer coleta de esgoto, para as nossas crianças não ficarem mais doentes. Parte dele vai levar água à torneira. É que quem já nasceu no asfalto, quem já nasceu com água encanada não sabe o que é uma pessoa não ter água em casa, não sabe o que é uma mulher tomar banho de bacia, não sabe o que é uma criança tomar banho em uma bacia, quando todo mundo tem direito de ter água encanada e um chuveiro para tomar um banho. Ninguém está pedindo nada, nem água mineral a gente quer para tomar banho, a gente quer água comum e tratada. É muito pouco o que nós queremos.

Eu descobri que a coisa mais fácil do mundo é cuidar dos pobres. Eu não sei por que, durante tanto tempo, cuidaram só dos ricos. Um rico, quando entra na minha sala, vai logo pedindo 1 bilhão, 2 bilhões, 3 bilhões para fazer um projeto não sei das quantas. O pobre, quando entra na minha sala, quer uma casinha de 30 m², quer um médico, quer água encanada. É a coisa mais simples do mundo, nós aprendemos, e por isso tem gente nervosa, por isso levaram a Dilma lá no Senado, porque era preciso questionar, achando que a gente tem medo de debate, achando que a gente tem medo de enfrentar discussão. Quem fala a verdade, conversa até com o diabo, sem medo, sai de cabeça erguida e ainda vai contar para Deus que derrotou o diabo.

Então, meus companheiros e companheiras, eu quero dizer para vocês que é com muita alegria que eu estou aqui, é com muita alegria que eu vou a Salvador hoje fazer acordo e contrato com prefeitos e com o governador. É com muita alegria que a gente vai assinar a questão do contrato para fazer a ferrovia Leste-Oeste aqui na Bahia, mil e poucos quilômetros de ferrovia. É com muito orgulho que a gente vai recuperar a indústria cacaueteira aqui na Bahia. É com muito orgulho que nós fizemos agora, um acordo da dívida agrária, com pequenos e com grandes, são 76 bilhões. Há mais de 20 anos se tentava fazer um acordo e não se fazia, e nós conseguimos fazer.

Portanto, meus companheiros e companheiras, eu lamento que a gente esteja em ano eleitoral, lamento pelo fato do PAC. Eu já tenho algumas



confusões espalhadas pelo País, eu não gostaria... Às vezes tem quatro candidatos no palanque e isso me incomoda, o povo vaia um, não vaia o outro e não é prudente, porque depois a imprensa escreve, e ela tem que escrever, porque aconteceu, aí ficam os adversários dizendo: “É campanha política, é campanha política”.

Eu acho que nós precisamos separar o que é obra institucional e o que é campanha eleitoral. Por isso eu fico agradecido de aqui ter gente de todos os partidos políticos, não sei quantos candidatos tem aqui. O dado concreto é o seguinte: eu não vou deixar de andar o País por conta de eleição, eu não vou deixar de andar o País por conta de briga de candidato. Eu vou continuar andando este País, porque cada vez que eu viajo e olho a cara do meu povo, mesmo pobre e sofrido, sorrindo, e a gente vê no sorriso uma chama de esperança, eu falo: é junto com esse que eu estou, é junto com esse que eu vou ficar, porque esse é que foi a razão pela qual todos nós aqui nos elegemos. Ninguém que está aqui faz discurso para ricos. Aliás, tem uma coisa importante, gente, que vocês também têm que aprender: pobre só tem valor no dia da eleição. No dia da eleição, se tiver um pobre descalço na fila e tiver um banqueiro de gravata, o candidato vai lá abraçar o pobre e esquece o banqueiro, porque é o único dia em que o pobre vale tanto quanto o rico. O dedinho dele, na hora em que vai na maquininha, vale... O que tem um tostão vale mais do que um que tem milhões, porque esse do tostão é a maioria do País. Agora, nem sempre, depois das eleições, o candidato se lembra dos pobres. Muitos se lembram e muitos, no dia seguinte ao que abraçaram o pobre, estão almoçando e jantando com o banqueiro, e o pobre está na frente da casa, pedindo um prato de comida.

Nós precisamos mudar esta situação no País. Eu sei que leva tempo, não é da noite para o dia, há uma cultura impregnada na cabeça da sociedade brasileira. A África do Sul só elegeu o Mandela quando o povo descobriu que os negros eram maioria e, se tiverem juízo, nunca mais deixarão um branco ser



presidente da República lá, porque eles são maioria. Se os pobres, a classe média, e pequenos e médios empresários quiserem mudar a história deste País, a gente começa a mudar numa eleição para vereador, para prefeito, para deputado, para senador, para governador e para presidente da República. A gente muda a história. Eu sei que a consciência diz. Eu sei que é um estágio, e eu quero dar a minha parte nesse negócio. A companheira sabe, muita gente fala de negro, mas nunca os negros foram reconhecidos como estão sendo reconhecidos no nosso governo.

Eu criei, agora, um Ministério para cuidar da questão da igualdade racial. Vocês não sabem como eu apanho: “O Lula tem muito Ministério, um Ministério que quase não tem nem orçamento”. Mas é preciso saber que metade da população brasileira é negra, é preciso saber que nós somos a segunda nação negra do mundo. Tem gente que está com raiva porque agora vão se formar 60 mil jovens no ProUni, e 40% deles são meninas e meninos negros. Este País tem que, um dia, fazer justiça; este País tem que, um dia, fazer as reparações que tem que fazer. E nós estamos fazendo.

Criei a Secretaria da Mulher. “Não pode”. Está lá a Secretaria da Mulher, conquistando o direito das mulheres, e foi graças à ela que a gente aprovou a Lei Maria da Penha. A Lei Maria da Penha é uma lei dura, porque a gente homenageou uma mulher que o marido tentou matar duas vezes, ela ficou paraplégica, levou 19 anos para condenar o marido, e só condenou porque foi à ONU, à Comissão de Direitos Humanos. Antigamente o marido batia na mulher, e eu sei que nem todas as mulheres têm coragem de denunciar, com medo de apanhar outra vez. O Estado precisa dar proteção. Mas, antigamente, o cidadão batia na mulher, dava uma cesta básica, e estava garantido. Hoje, não. Hoje são três anos e meio de cadeia, para o xilindró, para aprender.

Então, companheiros e companheiras, eu sou um homem, hoje – posso dizer para vocês –, feliz. Não sou realizado porque quero mais, sonho com mais e o povo merece muito mais. Quando eu vi, na semana passada, na



televisão, dizerem assim: “O Brasil consegue *investment grade!*”. Vocês sabem o que é isso? Nem sabem. Eu pensei que era sorvete. Não. É que o Brasil, na verdade, ganhou em qualidade; o Brasil, na verdade, passou a ser mais respeitado; o Brasil não deve, a nossa reserva é maior do que a nossa dívida. Então, o Brasil agora está mais chique, está mais respeitado, e isso é bom, muito bom. E eu fiquei feliz porque foi no meu governo, porque diziam que nós íamos quebrar o nosso País. E nós estamos quebrando, estamos quebrando eles de vergonha, porque governaram 500 anos e não conseguiram fazer o que nós estamos fazendo.

Por isso, Prefeita, que Deus a abençoe, abençoe o povo da Bahia, o povo de Lauro de Freitas, o povo aqui de Itinga. Eu espero voltar aqui, em uma outra vez, já com essas obras prontas, e espero que me convidem para inaugurá-las. Por enquanto, nós viemos anunciar o começo, mas, no dia da inauguração, eu peço a Deus que esteja vivo, que você esteja viva, e que o povo todo esteja aqui, para a gente comemorar mais uma obra na Bahia.

Um abraço, e que Deus abençoe cada um de vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Plano de Aceleração do Desenvolvimento e de Diversificação Agrícola na Região Cacaueira do estado da Bahia

Ilhéus-BA, 09 de maio de 2008

Meu caro companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,
Minha cara companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Meus companheiros ministros Reinhold Stephanes, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Geddel Vieira, da Integração; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

Senhoras e senhores deputados federais Alice Portugal, Lídice da Mata, Nelson Pellegrino, Veloso, Odorico Pinto, e o companheiro Walter Pinheiro,

Senhor Newton Lima, prefeito de Ilhéus,

Senhoras e senhores deputados estaduais,

Secretários estaduais,

Companheiros trabalhadores,

Companheiros pequenos proprietários,

Representante dos companheiros da indústria do cacau,

Meus amigos de Ilhéus, de Itabuna,

Companheiros prefeitos aqui presentes,

Vereadores,

Companheiros e companheiras,

Eu tenho tido uma preocupação, e faço questão de dizer para vocês, porque PAC também é um pouco de ensinamento político, de educação política. Eu tenho andado pelo Brasil e estou começando a sentir algumas dificuldades.

O PAC é um programa institucional do governo federal, dos governos



estaduais e das prefeituras. E eu tenho bilhões de reais para anunciar, fazer contratos e, ao mesmo tempo, assinar início de obras nas regiões. E eu estou percebendo que está ficando difícil, porque começa a se apresentar, no lançamento do PAC, a disputa eleitoral das prefeituras. E essa disputa eleitoral, que é democrática, legítima, saudável, e eu não posso falar mal de eleição, porque disputei um monte de eleições, mas é preciso que a gente consiga compreender o seguinte: nós viemos aqui anunciar um desejo dos produtores de cacau de muitos e muitos anos, de uma região que já foi muito rica, e uma região que, por conta de N motivos foi empobrecendo, e a indústria do cacau foi decaindo. Nós estamos trabalhando nisso há muitos meses.

Então, eu gostaria que as manchetes dos jornais amanhã, aqui na região, fossem o que disse o ministro Reinhold Stephanes, a explicação dele, os quase 2 bilhões e 200 milhões de reais que vão ser colocados para financiar o novo programa, da negociação da dívida de quase 1 bilhão de reais. Eu pensei que a manchete seria isso. Mas, qual é a minha preocupação, companheiros? É que amanhã a Manchete possa ser: “Geddel foi vaiado”. E o povo não saiba da notícia que aconteceu aqui. E a imprensa, se disser isso, não está mentindo, porque aconteceu, porque aqui prevaleceu, em alguns momentos, a disputa eleitoral de Itabuna, certamente, a disputa eleitoral de Ilhéus ou a disputa eleitoral de outro negócio. E isso está complicando.

Eu tenho que ir ao Maranhão. O povo precisa, o governo quer, a oposição não quer que eu vá. Eu tenho que ir à Paraíba inaugurar obras. O povo precisa, o governo quer, a oposição ao governador não quer que eu vá. É assim, em cada estado, e está ficando difícil. Ou eu vou e enfrento essa situação, ou eu paro de ir e vou ver o que acontece depois das eleições. Essa é uma coisa importante porque eu acho que a manifestação é democrática, vocês jamais me verão fazer críticas, vaia e aplauso para mim é a mesma coisa, só que a imprensa não publica aplausos, só vaias. A imprensa parece que tem ojeriza aos aplausos. Mil aplausos não valem uma notinha do jornal.



Uma vaia vale a manchete da primeira página. Esse é o dilema. Então, nós precisamos sempre, em todos os atos, medir qual é a manchete que a gente quer produzir no dia seguinte, porque senão todos nós perdemos. E nessa brincadeira de olho por olho, dente por dente, todo mundo vai ficar cego e vai ficar banguela. É preciso que tenha uma mediação. Digo isso com carinho.

Agora, eu estou feliz aqui. Posso dizer para o povo – que é a razão da grandeza do Jorge Amado, da região que o inspirou tanto –, que eu me sinto feliz, muito feliz, porque venho aqui à Bahia, nesta terra extraordinária, dizer para vocês: nós, definitivamente, vamos recuperar a indústria cacauera nesta região, vamos salvar a produção de cacau e, mais ainda, vamos fazer uma combinação perfeita entre a seringa, o cacau e o dendê. E, se Deus quiser, logo, logo, o dendê plantado aqui vai para a Petrobras montar uma usina de biodiesel e produzir biodiesel para que a gente possa gerar empregos aqui e gerar combustíveis menos poluentes para despoluir o planeta terra.

Mas também viemos anunciar outras obras importantes. Dos 417 municípios que tem a Bahia, mais de 300 estão recebendo dinheiro do PAC. Hoje, no Brasil, mais de 5.200 municípios têm alguma obra do PAC, seja água, seja casa, seja tratamento de esgoto, seja adutora, em cada um dos municípios deste País.

E vocês estão percebendo que isso começa a resultar em crescimento econômico. A indústria da construção civil, que havia 26 anos não crescia, está crescendo muito, gerando empregos, e começa a faltar betoneira, começa a faltar caminhão para entregar concreto, começa a falta azulejista, começa a faltar pedreiro, começa a faltar cimento, começa a faltar as coisas, por quê? Porque o País não estava acostumado a crescer. E na hora em que ele começa a crescer, a gente percebe que a gente tem que andar mais rápido, construir novas fábricas, produzir mais coisas. Porque se a vontade de comprar, do povo, for maior do que os produtos que a gente tem para vender, nós vamos ter inflação, e a inflação prejudica o pequeno, que ganha salário,



que não tem conta remunerada no banco. E, portanto, nós temos que incentivar o crescimento da economia brasileira.

Eu diria mais: o Brasil vive uma espécie de momento excepcional. A Dilma disse bem: nós não pagamos o FMI, Dilma. Não pagamos, nós devolvemos 16 bilhões e 900 milhões de dólares, que eram a reserva que tinha, do governo passado. A gente não utilizou e falamos para o FMI: “Pegue o seu dinheiro...” Vocês não sabem o prazer que um nordestino, torneiro mecânico, teve, quando liguei para o Presidente do FMI, um espanhol chamado Rato, liguei para ele e falei: “Presidente, eu estou lhe comunicando que o Brasil vai devolver os 16 bilhões e 900 milhões de reais”. “Não, presidente Lula, nosotros não precisamos de plata, pode se quedar em Brasil”. Você viu que eu estou chique no espanhol, aqui. Eu falei: “Não, nós não queremos o dinheiro, vamos devolver”.

Eu aprendi com uma mãe analfabeta, aprendi com a minha mulher, que a gente não precisa fazer dívida que a gente não pode pagar. A gente não tem que comprar se a gente não tem possibilidade, a gente não tem que se endividar se a gente não vai poder pagar amanhã. É melhor a gente ser pobre honrado, do que ser roto, dever para todo mundo e não pagar.

Bem, também pagamos o Clube de Paris. Mas qual é a vantagem que nós temos hoje? É que, quando nós entramos no governo, a gente não tinha crédito para pagar as nossas importações, e a gente teve, durante muito tempo, déficit na balança comercial: a gente comprava mais do que a gente vendia. É o caso do cacau. A gente está importando mais, agora, do que aquilo que a gente vende.

Então, o que nós fizemos? Eu viajei muito pelo mundo, comprei até um avião, que disseram que era “aerolula”. Porque, no fundo, no fundo, a mediocridade daqueles que governavam este País era tão grande, que eles não viajavam, eles achavam que os outros gostavam de nós pela beleza dos nossos olhos, que eles iam saber da nossa capacidade de produção. E eu



aprendi: quem quer vender, vai mostrar; quem quer vender, vai atrás.

Pois bem, nós saímos de 60 bilhões de exportação, vamos chegar a 185 bilhões de exportação. Nós, que não tínhamos reserva, hoje temos quase 200 bilhões de dólares do Tesouro Nacional, é mais dinheiro em caixa do que a dívida que a gente deve entre privada e pública. É por isso que a Dilma disse: “Nós deixamos de ser devedores e passamos a ser credores”. É como se um de vocês devesse, pagasse tudo e ainda tivesse um dinheirinho para emprestar para alguém mais necessitado. Então, eu estou feliz.

Na semana passada, o Brasil foi reconhecido como Investment Grade. Isso significa que o Brasil tem a sua economia mais ajustada, que o Brasil tem mais estabilidade e que, portanto, os investidores estrangeiros tem mais confiança em investir no nosso País. Nunca se investiu tanto na agricultura familiar deste País como estamos investindo. Nunca teve tanto crédito para o pequeno produtor como tem agora. Nunca teve tanto crédito consignado como tem agora. Nunca teve microcrédito como nós temos agora e fizemos o dinheiro circular neste País nas mãos dos pobres.

Aqui eu não sei se tem sindicalista. Noventa por cento dos acordos salariais feitos nestes últimos anos foram acordos salariais com ganho de aumento real de salário. O salário mínimo teve mais de 50% de aumento real. Então, nós sabemos que ainda não fizemos tudo, mas estamos provando que é possível fazer, de grão em grão a galinha enche o papo. O que acontecia era que antes, ao invés de grão em grão, todo mundo encher o papo, dava logo um punhado para um só, e o restante ficava com fome sem ter nem reajuste, nem aumento e nem crédito.

Pois bem, companheiro Jaques Wagner, hoje para mim é uma noite consagrada. Cheguei dez horas da noite, fui com a ministra Dilma jantar na casa do Jaques Wagner, comi um bacalhau que há muitos anos eu não comia. Aliás, eu nunca tinha comido um igual àquele lá. Fui para o hotel duas horas da manhã, acordei às seis horas da manhã, ainda não almoçamos, porque o



Jaques Wagner, para economizar dinheiro para a Bahia, não deu almoço para nós. Porque ele falou: “Não vou dar almoço porque agora é tudo para o cacau de Ilhéus”. Vamos ver se é verdade. Agora, vamos ver se a gente come uma comidinha no avião até São Paulo, de lá a Dilma ainda vai para o Rio Grande do Sul, porque ela é mãe, ela tem que passar o ano.... Ao invés da filha dela vir passar com ela, ela que vai passar com a filha, porque a filha está de lua de mel, então tem que ficar esperando a mãe visitá-la. Os Ministros vão para os seus estados passar com a sua família, mas na semana que vem estaremos viajando o Brasil outra vez, porque o lugar de presidente da República é dois dias no gabinete dele e três dias nas ruas deste País vendo a cara do povo, conversando com o povo, discutindo com o povo.

Eu quero fazer justiça, aqui, ao ministro Reinhold Stephanes, esse companheiro, quando eu o convidei para ser ministro da Agricultura, indicado pelo PMDB, eu falei: “Ministro, nós precisamos resolver o problema do cacau no sul da Bahia. Eu quero que você dedique exclusivamente, monte uma equipe para discutir isso”. Toda vez que eu encontrava o Reinhold, eu perguntava: “Reinhold, e o cacau? Eu preciso ir à Bahia e eu não posso chegar lá para falar com o Wagner sem o cacau”. “Está quase pronto, Presidente”. Quando ele disse que estava pronto, entrou a negociação da dívida agrícola do País, uma negociação com todos os produtores do País, 76 bilhões de reais. Setenta e seis bilhões de reais, nós fizemos um acordo com os agricultores e estamos preparando uma medida provisória que tem não sei quantas páginas. A gente cuida do grande, do médio e do pequeno. E tínhamos deixado o cacau, que era uma condição especial, para a gente fazer depois que a gente fizesse o acordo da dívida agrária. Mesmo assim, os companheiros incluíram na Medida Provisória a questão do cacau na Bahia, que vai ser votada por esses dias. E isso me dá a tranquilidade de elogiar. Porque graças a Deus, gente, ser presidente da República é como ser um maestro de orquestra: você não tem que saber tocar todos os instrumentos, você tem que entender de partitura, de



música, de saber coordenar. Ser presidente da República é saber escolher as pessoas certas para cada lugar. Por exemplo: este baixinho aqui me apresentou o Territórios da Cidadania, que o Wagner citou aqui. Eu sou militante de base, fui militante sindical, militante de igreja, eu nunca vi nada tão perfeito como o Territórios da Cidadania. São 120 territórios no Brasil inteiro, envolvendo mais de duas mil cidades. A gente vai entrar de uma única vez com programas de 19 ministérios em cada cidade mais pobre do País para ver se a gente resolve esse problema.

O companheiro Geddel tem sido uma surpresa extraordinária do ponto de vista da execução dos recursos que a gente tem. E minha companheira Dilma Rousseff, na verdade quando eu disse que ela era a mãe do PAC, é porque o governo só governa se tiver alguém que decida, que é o Presidente, mas se tiver alguém que acompanhe diariamente. É como uma mãe, se uma mãe quiser que o filho passe de ano, ela tem que acompanhar o estudo do filho na escola. Se ela falar para o filho: “Vai fazer a lição de casa, vai fazer a tarefa”. E o moleque desaparece, tranca a porta e vai ler gibí, vai ver desenho, vai para o computador, ele termina o ano, não passa e mãe fala: “eu não sabia”. Portanto, a mãe tem que ir atrás, tem que cobrar, tem que saber se ele fez. É o que a Dilma faz no nosso governo. Ela cobra de cada Ministro, ela quer saber se foi investido o dinheiro, ela quer saber se as coisas estão acontecendo corretamente. E é por isso que eu posso dizer para vocês que o PAC é o maior programa de investimentos em infra-estrutura que já se fez neste País, da forma coordenada, com conselho gestor, da coisa mais extraordinária.

E aí, companheiros, tem a última coisa que eu quero falar para vocês: a questão do investimento em educação. Veja, neste País, aqui na Bahia, nós estamos fazendo uma universidade federal nova, estamos fazendo seis extensões universitárias e estamos fazendo 12 escolas técnicas. Só para vocês terem noção do que está acontecendo no Brasil: de 1909 até 2003, portanto



mais de 90 anos, o Brasil construiu 140 escolas técnicas. Nós, em 8 anos, vamos construir 214 escolas técnicas neste País. Estamos fazendo, no Brasil, 10 universidades federais novas, e estamos fazendo 48 extensões universitárias no Brasil. Vamos fazer uma universidade para a América Latina, para trazer estudantes de outros países mais pobres da América Latina. E vamos fazer uma faculdade, para trazer estudantes dos países africanos de língua portuguesa, que é uma forma de a gente pagar a dívida histórica que nós temos com o continente africano, que ajudou a construir este País, ajudou na nossa cor, na nossa cultura, na nossa inteligência. E essa miscigenação entre europeus, negros e índios produziu homens e mulheres bonitos para caramba, como é o povo deste País.

Mais ainda, eu estou vendo, ali, os companheiros angustiados, com uma faixa do ProUni. O ProUni é um programa extraordinário. Este ano nós vamos formar... os primeiros 60 mil jovens tiram diplomas este ano. Jovens da periferia, jovens de escola pública, 40% deles negros. Ou seja, nós já temos 410 mil jovens que jamais poderiam entrar na universidade, fazendo universidade neste País. E, agora, criamos o Reuni. O Reuni, nós estamos aumentando de 12 para 18 alunos por professor, nas escolas federais, e vamos elevar mais quase 400 mil alunos nas federais brasileiras.

E por que estamos fazendo isso? Porque eu quero que os meus filhos tenham a oportunidade de estudar, que eu não tive. Eu quero que o meu filho seja um doutor, e os filhos de você sejam os doutores que nós não tivemos chance de ser. E quero que ele seja doutor, porque eu quero ele qualificado, eu quero ele formado profissionalmente. Porque todo mundo sabe o que significa um homem formado e um homem não formado. O formado tem facilidade de arrumar emprego e tem facilidade de ganhar um salário melhor. O não formado bota a carteira no bolso da bunda, anda dias e meses atrás de um emprego e ninguém pega o emprego, e quando pega é para ganhar um salário mínimo ou, às vezes, só arruma emprego terceirizado.



E, mais ainda, formar a mulher. No ProUni tem 1.200 índios fazendo universidade. E formar a mulher. Por que formar a mulher? Porque a mulher sofre duas vezes. A mulher, na verdade, é quem tem uma dupla jornada. Ela trabalha na fábrica, no escritório ou na loja, mas é ela quem levanta de manhã para fazer café para o marido, para fazer café para as crianças, para mandar a criança para a escola. É ela que arruma a cama, é ela que faz o jantar, ela que coloca as crianças para deitar. É esse o papel da mulher. E a mulher que tem profissão é mais respeitada, não apenas na rua, mas dentro de casa. Porque a mulher que não tem profissão fica tão dependente do marido, que ela é capaz de apanhar de um marido bêbado e não ter coragem de reclamar, porque ela precisa do pão de cada dia. Se ela tiver uma profissão, e tiver o seu emprego e o seu salário, quando o marido encher o saco, ela fala: "Pode cair fora, que eu não preciso de você. Eu não preciso". Uma mulher e um homem têm que viver juntos porque se gostam, porque se amam, porque se tratam bem, não porque um é dependente do outro.

É por isso que nós vamos investir na educação. Na educação, na formação profissional, em ferrovia, em tudo o que vocês possam imaginar. Nós encontramos o fio da meada. Os primeiros quatro anos foram difíceis, um processo de aprendizado, a oposição muito nervosa. Mas hoje, graças a Deus, a oposição está mais calma, está mais tranqüila. Nós estamos sabendo mais das coisas, as coisas estão funcionando bem. A Dilma, agora, no Senado, deu uma acalmada no pessoal. Mas nós precisamos ficar atentos.

Eu estou vendo faixa, aqui, sobre uma segunda ponte, Wagner, isso é com você, não é comigo não, esse negócio de ponte, aí. Não, o Wagner já está consertando uma ponte que tem aí. Obviamente que nós vamos fazer um outro PAC, se a ponte for importante, ele que peça para colocar no outro PAC.

Prefeito, eu quero agradecer o carinho. Quero agradecer uma cocada que eu comi ali, que fazia tempo que eu não comia uma cocada tão gostosa.

Companheiros e companheiras de Ilhéus e da região,



Eu estou realizado, porque era quase que uma profissão de fé a gente resolver esse problema do cacau, para essa região. Eu, que vou agora, no avião, comendo um quibezinho do Nassib, que o Wagner mandou colocar no avião. Obviamente que a Gabriela não está aí, para ir junto conosco.

Mas, de qualquer forma, companheiros, eu quero dizer que saio daqui com a alma lavada, de ter encontrado vocês e de poder dizer ao meu companheiro Jaques Wagner: companheiro Jaques Wagner, eu e você temos mais dois anos e oito meses de mandato. Vamos usar e abusar do direito de fazer o bem para o povo baiano.

Um abraço. Que Deus abençoe vocês. E até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao projeto Gasoduto Sudeste-Nordeste e primeira solda do Gasoduto no trecho Catu/BA-Cacimbas/ES

Catu – Bahia, 09 de maio de 2008

Eu não ia falar, mas tem um problema que quando eu vejo um microfone, me dá cócega na garganta e eu fico com vontade de falar, e vou dizer algumas palavras.

Primeiro quero cumprimentar o nosso querido companheiro, governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,

Nossos ministros,

Companheira Dilma Rousseff, da Casa Civil,

Márcio Zimmermann, interino de Minas e Energia,

Companheiro Geddel Vieira, da Integração Nacional,

Senadores César Borges e João Durval,

Prefeita de Catu, Gilcina Lago Carvalho,

Prefeito de Pojuca, Carlos Eduardo Bastos,

Nosso querido companheiro, José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Cumprimentar o cônsul-geral da China Li Jiaoyun,

Quero cumprimentar o José Sérgio de Oliveira Machado, presidente da Transpetro,

Paulo Godoy, presidente da Associação Brasileira da Infra-Estrutura de Indústrias de Base,

Nosso querido companheiro Luiz Gonzaga Belluzzo, um dos grandes economistas deste País, que veio conhecer Catu,

Companheiro Anisvaldo Bonfim Daltro, diretor do Sindicato de Químicos e Petroleiros,



Cumprimentar os companheiros empresários,
Diretoria toda da Petrobras aqui presente,
Companheiros e companheiras da Sinopec,

Quando a gente encontra uma mãe com uma criança no colo, a gente fica só olhando as virtudes daquela criança e a gente não lembra do sacrifício que a mãe teve para carregar aquele filho nove meses na barriga. Parece tudo fácil depois que nasce. Este Gasene é um pouco isso.

Eu lembro que o Gasene foi a única tomada de posição do governo que eu coloquei em votação. O Wagner era ministro, estava presente, a companheira Dilma estava presente, o José Sérgio Gabrielli estava presente. Nós tínhamos uma dúvida se a gente iria fazer o Gasene com os japoneses ou com os chineses. E por uma opção estratégica, de estabelecer uma relação mais forte com a China, nós tomamos a decisão de fazer com os chineses, isso em 2004. Já estamos em 2008 e somente hoje eu vim dar o primeiro ponto de solda no nosso famoso Gasene, em uma demonstração de que os nossos companheiros chineses são duros na negociação. Quando eu me encontrar com o Hu Jintao, eu vou falar para o Hu Jintao que ele precisa flexibilizar mais os companheiros chineses, porque eles são duros na queda.

Eu quero ressaltar a importância dessa parceria da Petrobras com a Sinopec. O mundo está, a cada dia que passa, nesse momento de globalização tão rápida, a exigir que a gente mude um pouco a geografia e a própria dinâmica da economia do mundo. Se nós analisarmos o que aconteceu no mundo em todo o século XX, nós vamos perceber que o mundo tinha a União Européia, altamente desenvolvida e crescendo; tínhamos o Japão, que teve um papel de crescimento extraordinário a partir da década de 50; tínhamos os Estados Unidos, que durante um século foram o país que determinou a economia do mundo; e nós tínhamos o restante do mundo, que envolvia China, Brasil, México, Índia e tantos países africanos, considerados países pobres, países do Terceiro Mundo. É importante lembrar que nós éramos o Terceiro



Mundo até outro dia.

A partir da década de 70, o gigante adormecido chamado China, acorda para um fato inusitado: estabelecer um misto de economia capitalista com a manutenção de um regime de governo em que o Estado tem muito poder para determinar as coisas. A China, ao acordar, estabelece regras de convivência com o mundo desenvolvido – eu me lembro de quando o Nixon determinou que a China seria a parceira estratégica dos Estados Unidos – e começa a mudar um pouco a cara do mundo. A China, para crescer o tanto que está crescendo, precisa comprar muito; ao mesmo tempo, para sobreviver, ela precisa produzir muito e também precisa vender muito. A China, hoje, é um país que detém 1 trilhão e 500 bilhões de dólares de reservas, o que não é pouca coisa e, talvez, um fato inusitado no mundo.

A Índia também dá um passo extraordinário e sai daquela condição de país extremamente pobre para uma economia em ascensão, também fazendo uma influência no chamado mundo ocidental. Sem falar da Rússia, com a queda do Muro de Berlim, que entra também neste mundo em que o mercado tem um poder muito forte. E o Brasil continuava sendo chamado de país de Terceiro Mundo. Qual é a lógica que nós estamos vivendo hoje? A lógica que estamos vivendo hoje é que ainda não ficamos ricos, nem China, nem Índia, nem Brasil, nem África do Sul, nem México, nem Indonésia, nem outros países asiáticos. Ainda não viramos países ricos, mais ou menos iguais à França, Alemanha, Estados Unidos ou Japão.

Mas a verdade é que nenhuma decisão econômica, hoje, no mundo é tomada sem levar em conta a existência de uma coisa à qual deram o nome de Bric's: China, Índia, Brasil, Rússia, África do Sul, e outros países importantes que eram considerados países periféricos. Qual é o desafio que nós temos agora, companheiro José Sérgio Gabrielli, companheiros ministros? Nós estamos vivendo um momento, nesses países chamados de Bric's e em outros países menos importantes do ponto de vista da população e do ponto de vista



do crescimento econômico, em que o povo está tendo acesso a benefícios que não tinha antes, ou seja, tem mais gente comendo no mundo, tem mais chinês comendo na China, tem mais indiano comendo na Índia, tem mais brasileiro comendo no Brasil, tem mais latino-americano comendo na América Latina e no Caribe, tem mais africanos comendo. A África está aprendendo a consolidar um processo democrático, e também está aprendendo que só pode dar o salto de qualidade que precisa, se houver democracia e paz, porque em guerra não é possível nenhum país se desenvolver.

Hoje, se andar em qualquer país da África, você encontrará chineses. Eu acabo de vir de Gana, e nas ruas de Gana você já encontra chineses fazendo negócios. Não é à toa que o Hu Jintao passou dez dias viajando pela África. Quando eu fiz a primeira viagem à África, algumas pessoas, no Brasil, faziam críticas dizendo: “o que o presidente Lula vai fazer na África?” A Petrobras, certamente, nem olhava para a África. A Petrobras adorava olhar para o Norte, também. Era um certo desprezo ou falta de visão de que nós precisávamos descobrir um mundo desconhecido que até então tinha sido pobre, porque não tinha tido a chance de ter uma participação ou de receber benefícios tecnológicos, que somente os países ricos tinham.

Na medida em que começa a melhorar a situação, todos começam a crescer e todo mundo começa a comer, nós temos um problema que eu não acho grave, que é a subida do preço dos alimentos. Mas esse é um desafio, e não pode ser encarado como uma coisa desastrosa para nós, porque, no caso do Brasil, no caso do Continente Africano, é a chance que nós temos de fazer mais uma revolução agrícola. Nenhum país tem a quantidade de sol, por ano, que tem o Brasil, a quantidade de água, a quantidade de terra agricultável e a quantidade de gente que sabe trabalhar no campo.

Portanto, nós poderemos fazer com que, não só o Brasil produza mais... Ontem eu tive uma belíssima informação: o Brasil cresceu 8% sobre o ano passado, na safra de grãos, que já tinha sido recorde histórico. Nós, agora,



saímos para 142 milhões de toneladas de grãos. Poderemos chegar a 150, 160 ou 180, mas o importante é que o Brasil, a China, a Índia e outros países utilizem o potencial que têm para ajudar os de baixo a crescerem, ajudar para que haja uma dinâmica no mundo em que, na medida em que os pobres comecem a consumir, os ricos não perderão com isso, os ricos vão vender coisas mais trabalhadas, manufaturados, produtos mais elaborados. Mas o pobre vai ter emprego, salário, vai virar consumidor e, portanto, o mundo tende a melhorar.

Por que eu estou dizendo tudo isso? Porque houve um tempo em que o Brasil – talvez na China e na Índia tenha acontecido o mesmo – se conformou, durante muito tempo, em ser pobre. Nós estávamos conformados de que nascemos para ser pobres. Olhávamos para os Estados Unidos com inveja, olhávamos para a Europa deslumbrados com o crescimento, quando os carros chegavam aqui, o modelo novo do Brasil já estava sendo usado há 20 anos no país de origem e a gente se contentava com isso.

Desde o tempo do movimento sindical, eu sempre acreditei que o homem é capaz de fazer tudo aquilo que se dispõe a fazer. Eu acho que a capacidade do ser humano é ilimitada. Ele pode fazer, infinitamente. Coisas que em um primeiro momento pareciam impossíveis de serem feitas, o homem é capaz de fazer.

Pois bem, o Brasil vive hoje um momento, eu diria – tem gente que não gosta que eu diga isso – mas o Brasil vive um certo momento de magia, é uma magia. Eu tenho dito para todo mundo, José Sérgio, que eu nunca trabalhei com a idéia de que o Brasil devesse fazer a loucura de crescer 10% ou 15% ao ano, como nós já crescemos aqui na década de 70. Eu trabalho com a idéia de que a gente possa crescer 4,5%, 5%, 5,5%, 6%, mas que a gente cresça durante um longo período, porque nesse crescimento de um longo período, a gente vai construindo as bases sólidas de um País altamente industrializado, para que a gente não retroceda quando acontecer uma crise asiática ou uma



crise em qualquer outro lugar do mundo. E a experiência que nós estamos vivendo agora é que a crise americana ainda não resvalou no Brasil.

Não sei se vocês acompanham a imprensa diária, o risco-Brasil, o risco não sei das quantas. Eu fico abismado de ver que o risco americano é zero. Está em uma crise desgraçada e não tem risco. Aumenta o risco do Brasil, o risco da Rússia e os americanos, que estão entupidos de dívida, até aqui, têm risco zero. É uma invenção das empresas que medem risco, na minha opinião. Mas de qualquer forma, esses dias, reconheceram o Brasil como um país altamente desenvolvido. Eles inventaram um nome bonito, chamado “*investment grade*”, minha língua nem dobra direito para falar o *grade*, mas é o nome que eles dão, a gente vai aprendendo, vai sofisticando.

Outro dia eu perguntei para o Celso Amorim: o que é isso? Ele falou: “Isso se chama grau de investimento”. Eu não entendi nenhum dos dois. Mas eu sei que uma coisa está clara nessas palavras difíceis: é que o Brasil virou mais sério, o Brasil adquiriu responsabilidade. E eu faço uma comparação para o povo entender: o Brasil é como se tivesse dois homens trabalhando com as suas famílias, e um fosse responsável, levasse o dinheiro para casa, pagasse as suas dívidas, comprasse a roupa necessária, a comida necessária e ainda guardasse um pouquinho de dinheiro; e o outro recebia o pagamento, ia para uma mesa de *snooker* e perdia o pagamento em uma mesa de *snooker*, a mulher gastava mais do que o marido ganhava. Esse nunca vai ter “*investment grade*”. Agora, aquele que cuida bem da família – é o que o Brasil está fazendo. Nós resolvemos cuidar bem deste País, sabendo que tem uma dificuldade, sabendo que as coisas não são fáceis.

A palavra correta para um governante não deveria ser a palavra governar, a palavra correta deveria ser: eu fui eleito para cuidar deste País, eu fui eleito para cuidar do povo deste País. Seria mais bonito do que dizer: eu fui eleito para governar. Cuidar, aumenta a nossa responsabilidade. Cuidar de quem, cara pálida? Cuidar daqueles que já estão cuidados, daqueles que já



têm muito dinheiro, daqueles que já chegaram à universidade, daqueles que têm o carro que quiserem ou cuidar daqueles que ainda não tiveram a chance neste País? Esse é o desafio.

Então, quando eu venho aqui, muita gente poderia perguntar: “Por que o Presidente sai de Brasília e vai a Catu, a Pojuca, fazer um pingão de solda?” Eu não fiz a solda, por responsabilidade, para cuidar do emprego do soldador, porque vai que eu faça uma solda melhor do que ele, e a Petrobras me oferece um salário melhor do que o de presidente, eu sou obrigado a vir trabalhar como soldador na Petrobras.

Pois bem, quando eu venho a um negócio como este, na verdade é uma coisa simbólica que eu faço, porque gerar 7 mil empregos significa 7 mil e 500 pessoas levando, no final do mês, um salário para casa; significa 7 mil e 500 famílias podendo comprar o que comer, o que vestir, e quem sabe até fazer investimento em alguma coisa: comprar um carrinho, uma geladeira nova, uma televisão. Na medida em que tem 7 mil e 500 pessoas trabalhando e ganhando salário, vai ter uma lojinha a mais para vender mais uma coisa, vai aparecer mais um comércio, ou seja, você cria um dinamismo na cidade, que é uma coisa excepcional, sobretudo se a gente aprender a contratar os trabalhadores da região, a educá-los. É uma coisa ainda difícil, porque quando a gente contrata uma empresa – e está aqui o companheiro da Abdib – normalmente ela leva quase que a estrutura dela para fazer uma obra. Na verdade, a gente deveria, um tempo antes, preparar a mão-de-obra local, qualificá-la, porque é muito difícil para um companheiro ver alguém de fora chegar à sua cidade e trabalhar, e ele, da cidade, continuar desempregado e passando necessidade.

Obviamente que somos todos brasileiros, todos temos o direito de trabalhar em qualquer metro quadrado dos 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, mas é preciso que a gente saiba que o jeito de a gente ajudar as cidades a se desenvolverem, é cuidar, com carinho, para fortalecer o desenvolvimento local, mesmo com um empreendimento da envergadura



deste, do Gasene, de quase 3 bilhões de reais, mais de 1 bilhão e 500 milhões de dólares.

Então, quando a Petrobras toma essa decisão e eu venho aqui, nós estamos dizendo o seguinte: o Brasil quer se transformar numa grande nação, o Brasil quer deixar de ser um país periférico, o Brasil quer se transformar numa nação economicamente forte, socialmente muito justa e, ao mesmo tempo, o Brasil quer se transformar numa nação com alto grau de conhecimento científico e tecnológico. Para isso, nós precisamos investir numa outra coisa, que é a educação, uma educação de qualidade, uma educação forte, para que a gente possa, não daqui a um mês, mas daqui a alguns anos, ter uma geração de brasileiros e brasileiras bem-formados, bem-estruturados tecnologicamente e cientificamente, para que a gente possa valorizar o preço da mão-de-obra e não deixar o preço tão pequeno como é hoje no Brasil.

Com um empreendimento destes, nós estamos dando um outro sinal: nós não queremos mais que o Nordeste brasileiro seja comparado ao Sul do País como o primo pobre. O Brasil precisa ser administrado de forma competente por presidentes que tenham noção da grandeza do Brasil, da diversidade econômica e cultural deste País, e que contribuam para que o desenvolvimento seja equânime. Ninguém quer diminuir São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul. Ninguém quer diminuir nada. O que nós queremos é que seja dada, ao Nordeste, tanto do ponto de vista das universidades, da formação de especialistas, como dos investimentos, a mesma oportunidade que já tiveram, na década passada, outras regiões mais ricas do País.

E é isso que nós viemos fazer aqui. Eu já vim a Catu, prefeita, na década de 80, já passei aqui. Eu tinha até um segurança aqui chamado comandante Zero, que era uma homenagem ao comandante Zero, da Nicarágua. Então, eu vejo a sua alegria, vejo a alegria do prefeito de Pojuca, e vejo que as coisas começam a andar. Agora, pasmem: o Brasil não será o país



que nós queremos ser se não houver, da parte do governo, da parte de cada homem e de cada mulher, essa determinação. Isso é determinação, isso não é apenas vontade. Às vezes, você tem vontade e as coisas não andam. Um gasoduto como este, tomamos a decisão em 2004 e demorou 3 anos e meio para a gente vir aqui, quase 4 anos. Então, nós que queremos um Brasil mais forte, que criamos o PAC em 2007, que estamos revolucionando um pouco este País e sabemos que todos os investimentos que estamos fazendo vão durar até 2010 e 2012, vemos aqui no Gasene uma grande expectativa para o Nordeste brasileiro. Não é só o gasoduto, por aqui vai passar gás, mas atrás virá uma indústria ou muitas indústrias.

A Bahia criou um pólo petroquímico na década de 70 e de lá para cá pouco investimento foi feito no pólo petroquímico. É preciso que as pessoas e que a gente convença os empresários a reinvestirem no pólo petroquímico da Bahia, porque o Nordeste todo, da Bahia até o Piauí ou até o Maranhão, precisa de investimentos massivos. Aí é que entra a nossa querida Petrobras, de tomar as decisões, não pensando apenas na relação custo-benefício para a empresa. Se tem uma coisa que precisa ser dedicada pela Petrobras, é que ela tem que ter o mesmo amor ao Brasil, que todos nós temos pela Petrobras. A Petrobras é a menina de ouro dos nossos olhos. Então, a Petrobras precisa pensar sempre, não no lucro que ela vai ter, mas no benefício que ela vai criar neste País. Se não for assim, a gente não consegue desenvolver. Da mesma forma, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica não podem pensar só no lucro, é preciso que essas instituições poderosas que nós mesmos criamos pensem um pouco na repartição daquilo que elas são capazes de produzir.

Meu querido companheiro José Sérgio, eu me lembro que quando eu fui indicar você para presidente da Petrobras... eu fui indicar o José Sérgio para diretor financeiro da Petrobras e naquele meu gabinete lá em Brasília eu ouvi muitas vozes dizendo assim: "O mercado não vai gostar, o mercado não vai aceitar, o mercado vai chiar". É engraçado, porque eu ganhei as eleições sem



pedir voto para o mercado, eu pedi voto para o povo, como é que eu não poderia indicar o tesoureiro da Petrobras?

Indiquei o companheiro José Sérgio, um ano depois ele já foi escolhido e premiado como o diretor financeiro mais premiado de todas as empresas de petróleo, altamente qualificado. Aí, todo mundo que dizia: “O mercado não vai aceitar”, voltava e falava assim: “Ele é competente, esse cara é bom, esse cara não sei das quantas”. Bem, eu resolvi indicá-lo para presidente da Petrobras. O companheiro José Eduardo Dutra ia candidato a senador e eu resolvi indicar o José Sérgio Gabrielli. Eu confesso a vocês que eu não sei, não conheci os outros presidentes da Petrobras, mas eu duvido que em algum momento a Petrobras tenha tido um presidente da qualificação técnica e humana que tem o companheiro José Sérgio Gabrielli.

Quando ele tenta fazer alguma coisa errada, a Dilma Rousseff é presidenta do Conselho da Petrobras, então ela trata de enquadrá-lo. Se não foi enquadrado dentro do Conselho, a gente é obrigado a chamar no meu gabinete para enquadrá-lo. Porque de vez em quando esses meninos... Veja esse negócio da Petrobras, eu queria fazer um desse aqui para fazer a reforma do Palácio do Planalto, eu preferia ter um desses aqui na Praça dos Três Poderes. Quando eu vou a um ato da Petrobras e vou a um outro ato qualquer... eu vou a um ato do coitado do Wagner agora, não tem 10% dessa chiqueza que tem aqui. Então, a Petrobras é aquela namorada ou aquele namorado que todo mundo queria ter.

Eu quero dizer para vocês que é um orgulho imenso trabalhar com esse companheiro da Petrobras. Acho que não tem um brasileiro que não tenha motivo de ter orgulho da Petrobras. A gente já tinha antes da camada pré-sal, imaginem agora com a camada pré-sal, que a gente ainda não sabe quanto tem, mas a gente pensa. Vocês sabem o que cada um de nós pensa. Imaginem o que tem lá embaixo, imaginem quando a gente começar a explorar isso em benefício do povo brasileiro, porque nós precisamos reparar os erros



do passado. Uma parte dessa riqueza tem que ficar para fazer os pobres crescerem neste País, não pode ser sempre para os mesmos. Nós precisamos pensar, temos tempo pela frente para a gente falar: como é que a gente vai fazer com que esse petróleo que está lá embaixo possa fazer com que o mais humilde dos baianos, que está morando na caatinga ou em uma palafita, possa receber os benefícios dessa grande descoberta que fez a nossa querida Petrobras?

Quando Deus colocou a camada pré-sal aqui, é como se fosse um brinquedo de esconde-esconde. Nós levamos milhões de anos para descobrir. Deus falou o seguinte: “O petróleo da Petrobras, da camada pré-sal, não é para ajudar o presidente da Petrobras, o presidente da República ou os empresários, não”. É preciso que o povo pobre sinta na sua alma que desta vez a riqueza que nós estamos produzindo vai gerar o pão de cada dia, a escola de cada dia e o emprego de cada dia que todos nós merecemos, temos direito e vamos conquistar.

Parabéns, companheiro José Sergio Gabrielli. Parabéns à Sinopec, e que Deus nos ajude a encontrar ainda mais coisa depois do pré-sal.

Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento da Política de Desenvolvimento Produtivo:
Inovar e Investir para Crescer**

Rio de Janeiro – RJ, 12 de maio de 2008

Meu caro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,
Meu caro senador, presidente do Senado, Garibaldi Alves,
Quero cumprimentar os meus companheiros ministros e ministras aqui
presentes,

Quero cumprimentar os companheiros governadores e agradecer, de
coração, a vinda deles aqui, porque foi um convite quase de última hora,

Quero agradecer ao companheiro Jaques Wagner, da Bahia,

Companheiro Jackson Lago, do Maranhão,

Eduardo Campos, de Pernambuco,

José Serra, de São Paulo,

Aécio Neves, de Minas Gerais,

Cássio Cunha Lima, da Paraíba,

Paulo Hartung, do Espírito Santo,

Eduardo Braga, do Amazonas,

Marcelo Miranda, de Tocantins,

Quero cumprimentar os demais companheiros, senadores e deputados
aqui presentes,

Cumprimentar os vice-governadores, aqui representados pelo Pezão, do
Rio de Janeiro, e pelo Wilson Martins, que representa o governador do Piauí,

Companheiros senadores e senadoras,

Companheiros deputados e deputadas,

Quero cumprimentar o presidente da Confederação Nacional da
Indústria, companheiro Armando Monteiro,



Quero dar os parabéns e cumprimentar o professor Luciano Coutinho, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social,

Quero cumprimentar os demais companheiros que falaram aqui, da Embraer,

Feliz da vida, Feijóo, pela combinação perfeita do seu discurso e do Armando Monteiro, até pareciam dois dirigentes sindicais dos metalúrgicos ou dois dirigentes da CNI, tal é a combinação de vocês,

Quero cumprimentar o Gerdau,
Companheiros e companheiras, o discurso é longo, a nominata também, mas quero dizer duas coisas para vocês, antes de falar o meu discurso aqui. Certamente, tem mais dirigentes sindicais aqui e devem estar se perguntando por que o Lula escolheu o Feijóo para falar.

Primeiro, porque hoje nós comemoramos um dia marcante na minha vida, na vida das conquistas democráticas do Brasil e também porque foi o primeiro dia que eu senti o peso de uma greve liderada por mim. Foi exatamente no dia 12 de maio de 1978 que, às 7h30 da manhã, eu recebi a notícia de que a Scania-Vabis tinha parado. E foi também a primeira vez que eu fui enganado, porque a Scania parou, eu fui para dentro da Scania, e tinha um empresário sueco que presidia a Scania, chamado Ladislau, e fizemos um acordo. Eu fui para uma assembléia às 5h da tarde, convenci os trabalhadores a voltarem e trabalhar, todo mundo voltou a trabalhar e eu me senti um verdadeiro rei. Só que, quando eu virei as costas, o Mario Garnero era presidente da Anfavea, a Anfavea se reuniu depois que os trabalhadores voltaram a trabalhar, e deram uma dura na Scania – pelo menos essa foi a história contada pela Scania – de que ela não poderia cumprir o acordo feito comigo. No dia seguinte, 13 de maio, os trabalhadores entraram na fábrica, a polícia cercou a fábrica, a chefia cercou os pavilhões da empresa, nós não conseguimos retomar a greve, e eu, que tinha saído às 5h da tarde como herói, fui tratado como se fosse o traidor da Scania, porque fiz os companheiros



voltarem a trabalhar sem que tivesse o acordo. Demorou 15 dias até conseguirmos ter uma paralisação dura na Ford. Naquele tempo a Mercedes não conseguiu parar, a Volkswagen não conseguiu parar, e o pessoal chorava porque não conseguia parar. Depois de 15 dias nós fizemos o acordo, e a condição para que a gente voltasse a trabalhar era fazer o acordo da Scania. Finalmente, depois de 15 dias, nós fizemos o acordo e tudo voltou a ser paz no ABC Paulista.

Então, hoje é um dia muito importante. Estarei indo às 19h para o Sindicato dos Metalúrgicos. Não estarei com uma camiseta e com um bonezinho dizendo “hoje eu não estou bom”, como era a marca do João Ferrador. Estarei com uma camisa dizendo “hoje eu estou bem, estou feliz, porque as coisas estão acontecendo no meu País”.

Quero dizer para vocês do constrangimento que tem um presidente da República ao anunciar um programa de desenvolvimento e dar a palavra à Petrobras. A dimensão dos bilhões da Petrobras é de tal envergadura maior do que tudo o que o Guido, o Miguel Jorge e o Luciano Coutinho falaram aqui, que eu penso que vai ter algum momento na história do Brasil – se a Petrobras continuar assim – que vai ter que ter eleição direta para presidente da Petrobras e ele indicará o presidente da República, tal é a capacidade de investimento.

Mas uma coisa importante que eu queria ressaltar, companheiros e companheiras empresários, é que o que disse o José Sérgio Gabrielli é um desafio de uma grandeza incomensurável e nós, certamente, precisamos nos preparar para enfrentar esse desafio. Se nós tivermos que fazer aqui no Brasil as plataformas, as sondas, os navios que precisamos, meu querido Gerdau, a indústria siderúrgica brasileira vai ter que fazer muitos e bons investimentos nos próximos anos, a indústria naval vai ter que se preparar de forma extraordinária, além do que nós temos que contribuir para preparar uma mão-de-obra altamente qualificada para enfrentar esse problema. São investimentos



de uma magnitude, que a minha cabeça não consegue guardar os números. É tanto bilhão... Vocês viram que o Guido apresentou 400 bilhões de um fundo garantidor “não sei para quê”. Só uma plataforma precisa de 700 milhões, ou seja, não dá para financiar, não dá para garantir a metade. Então, é uma dinâmica para a qual eu penso que o Brasil precisa se preparar. Eu devo ter algumas reuniões com alguns setores empresariais, talvez ainda nesta semana, porque nós temos desafios importantes e decisões importantes a tomar, se queremos ou não queremos dar o salto de qualidade que precisamos dar no Brasil.

No mais, companheiros e companheiras, quero dizer aos governadores, aos senadores, aos deputados que a presença de vocês aqui é muito importante, porque esse não é um programa do governo do presidente Lula ou um programa para demorar três anos. Na verdade, nós temos uma meta para três anos, mas o Programa é para muitos anos e, portanto, é um programa que tem que ter seqüência, é um programa que tem que ter continuidade. Eu acho extremamente importante a presença de vocês, para que essa política não seja um corpo estranho na vida de quem governa estados importantes, e que também estão vivendo um momento de crescimento, eu diria, muito importante.

Ao senador Garibaldi e ao companheiro Arlindo Chinaglia – que não pôde vir aqui porque está recebendo o presidente do Parlamento Português – quero dizer que, provisoriamente, algumas coisas desta política industrial terão que ser enviadas ao Congresso como medida provisória, porque senão elas não entrarão em vigor rapidamente, e nós poderemos, então, ter um retrocesso ou um atraso na Política de Desenvolvimento Produtivo que estamos fazendo aqui. Certamente, nós vamos contar com a compreensão dos senadores e dos deputados, e certamente, como aconteceu nas obras do PAC, o Congresso vai dar uma demonstração de competência e vai votar as coisas com a rapidez que o Brasil precisa – não é o Presidente que precisa.

Minhas amigas e meus amigos,



Hoje é um dia muito especial para mim e, acredito, para todos nós. Estou seguro de que a Política de Desenvolvimento Produtivo que estamos lançando agora dará sustentação a um longo ciclo de investimentos produtivos no Brasil, com ênfase na inovação, na competitividade, no apoio ao empreendedorismo e no crescimento das nossas exportações.

Mais do que uma política de governo, no dia de hoje estamos propondo ao País um compromisso entre o setor público e o setor privado, entre o governo, os trabalhadores, os empresários, os cientistas, enfim, entre todos os segmentos do povo brasileiro.

Nosso País quer recuperar a capacidade de criar e ousar, e por isso mesmo a Política de Desenvolvimento Produtivo tem forte amplitude e ambições comparáveis às de outras iniciativas, que em outras épocas ajudaram a transformar economicamente o País, como o Plano de Metas nos anos 50 e 60 e o Segundo PND nos anos 70.

Aqui um parêntese para homenagear duas pessoas: primeiro, um dos PND's está aqui, que é o ex-ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Veloso, e também o nosso companheiro Luiz Furlan, que fazia parte da equipe... No meu governo a gente divide as discussões entre equipe produtiva e equipe macroeconômica, e durante muito tempo nós brigamos para que a gente pudesse hoje estar lançando este Programa. Portanto, Furlan, a sua presença aqui nos envaidece muito, porque você tem parte no que nós produzimos. E ao companheiro Miguel Jorge, meus parabéns pela competência da equipe que você montou para que nós pudéssemos... Certamente, o João Paulo dos Reis Veloso tinha mais facilidade do que nós porque, naquele tempo, 60% do PND estava escorado em empresas públicas brasileiras, o Estado era muito mais forte do que hoje, o presidente tinha muito mais poder do que hoje, e eu preciso ter mais flexibilidade do que vocês precisavam naquela época. De qualquer forma, há um fato histórico relevante.

Mas, se nos inspiramos no passado, não é para repeti-lo. Temos os pés



bem plantados no presente e estamos com os olhos voltados para o futuro. Queremos responder, de forma pragmática e criadora, ao nosso grande desafio contemporâneo: assegurar uma trajetória de crescimento sustentável para o Brasil numa economia global competitiva e aberta.

Minhas amigas e meus amigos,

Queremos consolidar a vitória do Brasil sobre 25 anos de incertezas, de crescimento volátil e baixo. Durante 25 anos, paramos de planejar e de acreditar que nossos filhos e netos poderiam ter uma vida melhor do que a nossa. Foram 25 anos de marasmo e apatia, que impediram os empresários de investir vigorosamente em novas fábricas e criar novos empregos na escala demandada pelo nosso imenso desafio social. Foram 25 anos de descrença nas nossas próprias forças.

Felizmente, estamos virando essa página. Mas nem por isso queremos apagá-la da nossa história. Afinal, nesse período aprendemos muito e a duras penas. Aprendemos que não queremos inflação. Aprendemos que queremos um governo com suas contas em dia. Aprendemos que as empresas não podem ser eternamente ineficientes e viver às custas de subsídios e protecionismos descabidos.

Confirmamos a convicção de que a economia não pode se assentar no trabalho informal, de baixa qualidade e de baixos salários. Confirmamos também a certeza de que as microempresas são criadoras de oportunidades de emprego e renda e que é necessário espriar o desenvolvimento produtivo para regiões menos favorecidas.

E estamos aprendendo que respeitar, proteger e valorizar o meio ambiente pode assegurar um futuro decente para os nossos filhos e oportunidades para o nosso desenvolvimento.

Em suma, tiramos muitas lições desses 25 anos em que atravessamos, com enormes sacrifícios, o deserto da estagnação. Mas agora vivemos um novo momento. Chegou a hora de reforçar as bases do nosso futuro. Investir,



inovar e exportar são as nossas metas nesse momento de virada.

São metas claras e factíveis para os próximos 3 anos, organizadas em programas com um sistema de gestão que busca a eficácia e a prestação de contas. São metas baseadas na compreensão das transformações em curso no cenário mundial e inspiradas em uma visão de longo prazo. Constituem orientações estratégicas que, espero, possam servir para o desenvolvimento do Brasil nos próximos 10, 15 ou quem sabe, 20 anos.

Minhas amigas e meus amigos,

A aceleração das mudanças tecnológicas, que vêm produzindo impactos revolucionários sobre a economia mundial nas duas últimas décadas, é tão evidente que dispensa demonstração.

O investimento contínuo e crescente em novas fábricas, em inovação tecnológica e na criação de novos produtos é condição necessária para o sucesso de qualquer empresa e de qualquer país. Mas a disposição empresarial para investir depende de ações do governo, de um ambiente estimulante no País, de uma demanda em expansão, de confiança nas instituições, de expectativas de futuro positivas.

Nos últimos tempos conseguimos firmar as condições para que a disposição de investir voltasse a se manifestar de forma robusta no Brasil. Pelo lado da demanda, temos um mercado interno em franca expansão, com a inclusão de novos consumidores e a queda da desigualdade de renda, ao qual se soma um mercado externo ávido pelos principais itens de nossas exportações.

Pelo lado das empresas, o cenário também é propício: emprego em expansão, lucratividade em ascensão, ganho de produtividade, endividamento limitado e perspectiva otimista de mercado.

Mas, nos últimos anos, também conquistamos algo que não se mede em números, mas é decisivo para retomarmos o caminho do desenvolvimento: o País voltou a confiar em si mesmo.



Nenhuma nação do mundo conseguiu se desenvolver de forma vigorosa sem acreditar nas suas próprias forças, sem despertar suas energias adormecidas, sem ser estimulada pela esperança de um mundo melhor.

Hoje, nosso povo voltou a sonhar e a olhar o futuro com a cabeça erguida. Este é o cimento da auto-estima nacional. Sem auto-estima não há projeto que possa galvanizar o imprescindível sentimento de construção do futuro.

Vejo a sociedade brasileira despertando. Vejo nosso povo olhando para a frente com otimismo. Vejo o sistema democrático em pleno funcionamento. Vejo as instituições públicas se aperfeiçoando.

A política econômica é firme e aponta com clareza na direção de metas macroeconômicas sustentáveis. Além do mais, estamos atacando as deficiências do País nas áreas de educação, infra-estrutura, ciência e tecnologia, saúde e agricultura. O Brasil está vivendo um novo momento, um momento de inflexão e de transformação.

Minhas amigas e meus amigos.

O mundo também está passando por importantes mudanças. E é preciso entendê-las para afastar riscos e aproveitar oportunidades.

O atual contexto internacional é desafiador para o Brasil. No plano político, a multipolaridade vem se impondo num mundo marcado pela crescente diversidade de interesses.

No plano econômico, estamos assistindo à emergência de novos mercados e ao começo do fim do crescimento global puxado pela demanda do consumidor norte-americano. Cresce, em contrapartida, a importância das maiores economias dos países em desenvolvimento. Há indicadores de que esses países – entre eles, o Brasil – serão responsáveis por metade da taxa de crescimento da economia mundial em um futuro bem próximo.

Essa tendência já tem forte impacto na realidade atual. A maior lição da atual alta dos preços internacionais de energia, de *commodities* e de alimentos



é que ela resulta da incorporação de novos consumidores aos mercados e do desenvolvimento de grandes países antes considerados pobres.

Há mais chineses comendo. Há mais indianos comendo. Há mais africanos comendo. Há mais latino-americanos e brasileiros comendo. Isso é muito bom e não tem volta atrás.

Alguns se assustam com esse fenômeno. O Brasil, não. Temos terras férteis, temos sol, temos tecnologia, temos força de trabalho, temos capacidade empresarial e agricultura familiar para responder a esse desafio. Não estamos diante de um risco, mas de uma oportunidade, e não pretendemos desperdiçá-la.

As expectativas de futuro no Brasil também são positivas por outras razões. Ao contrário de outros casos, nosso País tem um sistema democrático consolidado e está marcado por um forte sentimento de unidade nacional. Sabemos combinar diversidade com harmonia cultural, religiosa e étnica.

Este é também um País onde as fronteiras de expansão produtiva ainda não estão esgotadas. Mesmo nossa face mais negativa pode ser entendida como oportunidade: a desigualdade. Se bem atacada, como nos últimos anos, resulta em novos cidadãos, em novos consumidores, como nos provam o acerto do Bolsa Família e das demais políticas sociais.

Minhas senhoras e meus senhores,

A geração e a difusão aceleradas de novas tecnologias, principalmente as tecnologias de informação e comunicação, introduzem novos produtos com preços cada vez mais baixos, oferecendo mais possibilidades de acesso a bens e serviços, bem como a disseminação de informações e conhecimentos para toda a população mundial.

Neste contexto, como tenho defendido insistentemente, os acordos multilaterais necessitam ser retomados, mas não em bases tradicionais. Temos defendido nossos interesses nas mesas de negociação de modo afirmativo, mostrando como são prejudiciais as regras atuais do comércio internacional.



Elas só beneficiam os países desenvolvidos, que continuam aferrados a posições insustentáveis, como os enormes subsídios e o protecionismo para a agricultura.

Avalio que o cenário de preços agrícolas e das *commodities* minerais, em alta, estará ajudando a causa dos países em desenvolvimento que possuem grandes reservas de recursos naturais, como o Brasil. Estou seguro de que, nessas condições, poderemos cumprir com sucesso uma forte agenda de expansão produtiva e inclusiva.

Em particular, estamos diante de uma forte expansão da demanda de alimentos, que multiplica as oportunidades para a nossa agricultura, tanto empresarial como a familiar e, concomitantemente, temos pela frente o desafio de responder à expansão sustentável das bioenergias e biocombustíveis. Não preciso dizer que para o Brasil, cujo potencial agrícola e mineral é extraordinário, trata-se de uma magnífica oportunidade.

As empresas e os centros de pesquisa brasileiros são destaques de competitividade e inovação em vários campos. A agropecuária – e aqui quero prestar minha homenagem à Embrapa, referência mundial na agricultura tropical –, as indústrias de celulose e de energia, a mineração, a siderurgia, entre outras, têm diante de si um futuro promissor, no Brasil e no exterior. Basta que sigam estratégias conseqüentes e persistentes. Neste contexto, reitero que é de interesse do Brasil apoiar o desenvolvimento produtivo da América Latina, do Caribe e da África.

Nos países industriais avançados, o investimento em conhecimento e na inovação descortina, continuamente, novas promessas científicas e tecnológicas. Uma progressiva convergência de novas tecnologias, principalmente nas áreas das tecnologias cognitivas e da informação, das biotecnologias e das nanotecnologias, vem criando novos mercados e modificando as estruturas dos mercados existentes.

Mas esse processo não beneficiará automaticamente o Brasil. As



políticas dos países desenvolvidos são orientadas, como não poderia deixar de ser, por seus interesses nacionais, o que tende a dificultar a transferência de tecnologia para os países em desenvolvimento, inclusive em campos de alto interesse social. Não podemos perder isso de vista, e temos de nos preparar para enfrentar essa realidade.

O Brasil tem reais possibilidades de ocupar a liderança em segmentos importantes de tecnologias avançadas. Cito alguns: o complexo industrial da saúde, da aeronáutica e das energias – inclusive a nuclear –, a agricultura, a indústria de bens de capital, a indústria automobilística e as tecnologias da informação e comunicação. Em todas essas áreas temos grandes ativos e conquistas, mas nossos competidores são muito fortes. Por isso, o Brasil não pode deixar de redobrar esforços para se aproximar das fronteiras da ciência e da inovação tecnológica, visando a participar ativamente do intercâmbio de conhecimento de tecnologias avançadas.

Por esta razão, a inovação empresarial merece prioridade e, para sustentar o investimento, a indústria de bens de capital recebe atenção especial da Política de Desenvolvimento Produtivo.

Minhas amigas e meus amigos,

É muito importante lembrar que o meio ambiente entrou com força na agenda internacional e na agenda de cada país. Há uma preocupação crescente com as mudanças climáticas resultantes do efeito estufa. Todos os países estão chamados a tomar medidas para reduzir a emissão de dióxido de carbono, através da utilização mais intensa de técnicas de conservação, e também da adoção das energias renováveis, das bioenergias e dos biocombustíveis.

Para o Brasil, reitero, trata-se de uma extraordinária oportunidade, mas para aproveitá-la, precisamos nos preparar. Temos que enfrentar preconceitos arraigados e lobbies poderosíssimos nos países desenvolvidos. Eles só serão vencidos com um intenso debate público, com a crescente organização dos



mercados e com o estímulo à participação de outras economias em desenvolvimento. Convoco todos os brasileiros, sem distinção, para essa batalha. Estou seguro de que vamos vencê-la. Os lobbies, por mais poderosos que sejam, não serão capazes de deter os biocombustíveis.

Abençoado por Deus, o Brasil dispõe, ainda, de um notável potencial de desenvolvimento no setor de petróleo e gás natural, graças às novas descobertas na camada pré-sal. Por isso mesmo, a Política de Desenvolvimento Produtivo terá como uma de suas missões maximizar a capacitação tecnológica e a competitividade dos vários setores produtores de equipamentos e sistemas que fortaleçam as cadeias de etanol, de petróleo e gás e de biodiesel.

Minhas amigas e meus amigos,

Aqui, um parêntese importante. Eu ia trazer aqui, mas não trouxe... Quando fui inaugurar a fábrica lá em Paulínia, eu tinha pedido para que a Braskem me desse de presente, para eu levar nas minhas viagens pelo mundo afora, o primeiro protótipo de um carro produzido com material de plástico, não-derivado do petróleo, mas derivado do etanol.

Certamente, o José Sérgio Gabrielli não gostou muito. Mas eu quero dizer, meu caro Emílio, que eu recebi o protótipo e não o trouxe aqui agora, porque é um protótipo internacional. É um protótipo que eu quero levar aos debates internacionais, e no dia 3 de junho já o estarei levando para um debate da FAO, que eu vou fazer, para mostrar que o Brasil não irá mudar o seu comportamento, de forma alguma, qualquer que seja a crítica que nos façam. Para cada crítica, duas respostas convincentes.

Minhas amigas e meus amigos,

Este é um momento histórico para o Brasil. Se tivermos competência para capturar as novas oportunidades oferecidas pela evolução da economia global e se, paralelamente, soubermos retomar o desenvolvimento competitivo de nossa diversificada base industrial e de serviços com firme dedicação à



inovação, poderemos construir um ciclo longo e duradouro de desenvolvimento econômico e social.

A nossa democracia consolidada, a nossa estrutura produtiva com potencial de se tornar cada vez mais eficiente, o nosso amplo mercado interno – tudo isso diferencia o Brasil no contexto internacional e nos coloca em posição favorável. É hora, portanto, de assentar as bases de um futuro próspero e socialmente decente.

Em termos históricos, a grande novidade do início do século XXI no Brasil é a crescente inclusão política, social e produtiva de grupos sociais menos favorecidos.

Nos últimos anos, graças ao controle da inflação, ao Bolsa Família e a outros programas sociais, ao aumento real do salário mínimo, à recuperação da economia e ao forte crescimento do crédito, 10 milhões de brasileiros deixaram a miséria. Outros vinte milhões de homens e mulheres, antes situados nas classes D e E, ingressaram na classe C, uma nova classe média. Sob o impacto da criação desse novo mercado de massas, a economia brasileira deu um salto à frente e mudou de patamar de crescimento.

Que esse processo continue reduzindo de forma persistente e firme a pobreza e as desigualdades sociais e regionais. Que nas próximas décadas construamos uma sociedade aberta à ascensão de todos. Assim, o Brasil deixará de ser definitivamente o país do berço e do sobrenome, para se converter no país do mérito e da igualdade de oportunidades.

Minhas amigas e meus amigos,

Mesmo depois de 25 anos de incertezas, de choques e de baixo investimento, nossa estrutura econômica nos setores industriais e nossas cadeias produtivas conseguiram sobreviver.

É verdade que muitas empresas pereceram. Mas, a grande maioria resistiu bravamente, empreendendo uma revolução silenciosa, de busca de qualidade e de produtividade.



Esta capacidade de resistência e de sobrevivência da empresa brasileira deve ser motivo de orgulho para todos nós. E é um dos mais valiosos ativos que temos para construir o nosso futuro, o nosso desenvolvimento produtivo.

Agora é hora de avançar. O Brasil, que recebeu o grau de investimento há poucos dias, é hoje um porto seguro para o empreendedor, para o investimento e para a inovação. A Política de Desenvolvimento Produtivo chega nesse momento, justamente para mobilizar todas as nossas energias para uma arrancada rumo ao futuro.

Vamos ampliar o investimento e a produção para atender ao mercado interno em expansão, para reduzir a desigualdade e para ampliar o acesso do brasileiro aos bens e serviços de qualidade de uma sociedade bastante contemporânea.

Vamos desenvolver competências duradouras, vamos fomentar uma infra-estrutura de pesquisa que atraia nossa juventude para a ciência, e a empresa privada para a inovação. É importante lembrar do PAC da Ciência e Tecnologia, quando destinamos 41 bilhões de reais, e todos nós precisamos ajudar o companheiro Sérgio Rezende a gastá-los bem. Eu sei que ele até já montou a equipe de fiscalização, e eu acho importante a gente saber que temos 41 bilhões. Precisamos desovar corretamente esses 41 bilhões para fazer a revolução tecnológica que tanto precisamos.

Vamos fortalecer nossa inserção externa com empresas industriais e de serviços de classe mundial: empresas internacionalizadas, marcas reconhecidas, produtos de qualidade. Aqui eu quero dar um aviso. Em Angola, há algum tempo – alguns empresários aqui, estavam comigo em Angola – fiz uma crítica, dizendo que era preciso que as empresas brasileiras perdessem o medo de se transformar em empresas internacionais. Eu me lembro que a manchete de um jornal, em São Paulo, era a seguinte: “Lula critica empresários”. Na verdade, eu tinha feito um desafio que, graças a Deus, está sendo levado a sério e muitas empresas brasileiras hoje estão comprando



ativos em outros países, mostrando que era uma política acertada, sobretudo se a gente olhar países como o Canadá, onde a Vale do Rio Doce já é a segunda empresa. Quem imaginava que o Brasil seria o segundo maior investidor estrangeiro no Canadá, em toda a América Latina, na África? E temos muito mais coisas para fazer, basta que nós acreditemos.

Repito: atravessamos o deserto da estagnação. A terra fértil já está à vista. Só depende de nós alcançá-la e conquistá-la; só depende da nossa união, do nosso trabalho, da nossa determinação; só depende da nossa capacidade de enfrentar os verdadeiros problemas do País, deixando de lado as miudezas, o medo do novo e os preconceitos; só depende da nossa confiança em nós mesmos, no nosso povo e no nosso País.

Vamos, todos juntos – governo, empresários, trabalhadores, técnicos, cientistas – enfrentar esse desafio. É isso que nós, do governo, queremos. É isso que queremos de vocês e, certamente, é isso que o Brasil quer de todos nós.

Muito obrigado e que Deus os abençoe.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos relativos a obras do PAC dos municípios do ABC

Santo André-SP, 20 de maio de 2008

Não vou repetir, aqui, os números já ditos pela Dilma Rousseff, pelo Marcio, pelo João Avamileno. Eu queria dizer que é uma alegria estar outra vez em Santo André. Lamentando, e queria, João, fazer um apelo para você me ajudar, fazer um apelo para o chefe dos Bombeiros aqui, em Santo André, porque já faz um mês e meio que eu estou para vir aqui inaugurar a universidade, e tem um problema, eu não sei se é de habite-se, não sei se é no elevador. Mas, pelo amor de Deus, era importante ver logo o que é, para a gente inaugurar logo essa universidade federal. E eu sou obrigado a apelar ao prefeito e ao Corpo de Bombeiros, e a quem de direito, porque eu estou lá em Brasília, e vai ser difícil eu acompanhar de perto isso.

Porque, vejam, nós temos duas coisas para fazer: eu tenho que vir inaugurar o primeiro pavilhão da Universidade Federal de Santo André e, depois, a gente tem que ir para São Bernardo lançar a pedra fundamental da universidade que vai ser a extensão da Universidade de Santo André, vai ser em São Bernardo. Aqui, quando ela estiver funcionando plenamente, nós vamos ter aproximadamente uns 15 mil estudantes em Santo André e uns 10 mil estudantes em São Bernardo do Campo. E queremos ter uma das maiores e mais completas universidades do País aqui, no ABC, porque era uma vergonha o ABC não ter uma universidade.

Eu sempre entendi que não era possível que a região mais industrializada do Brasil não tivesse uma universidade pública federal. Portanto, meu apelo aqui ao companheiro João Avamileno, para que interceda junto aos Bombeiros para ver o que é. Talvez os Bombeiros tenham razão.



Então, é importante só ver o que está acontecendo, para a gente resolver.

A segunda coisa é que vocês perceberam, pelo que falou a companheira Dilma, a quantidade de dinheiro que está sendo investido aqui, na região do ABC. Se a gente for analisar o que nós estamos colocando no Rodoanel, mais o que está sendo colocado na represa Billings, que uma parte pega Santo André, pega o ABC, mas também Guarapiranga, e se a gente for analisar o que estamos investindo para resolver o problema das favelas e transformar as favelas em uma vila normal, que não tenha cara de favela, tudo isso, são quase 5 bilhões de reais até 2010.

Portanto, nós queremos contribuir para que todas as cidades brasileiras que tenham favelas – sobretudo aquelas cidades que pertencem às regiões metropolitanas – o Estado brasileiro, através do governo federal, do governo estadual e das prefeituras, faça uma interferência muito grande para que a gente possa melhorar a vida das pessoas.

Porque, o que acontece? Nós tínhamos que escolher, se nós tivéssemos 40 bilhões para urbanização de favelas e saneamento básico, se nós fossemos gastar esse dinheiro em quase 6 mil municípios, você ia ter um pouquinho em cada município. O que nós fizemos? Vamos pegar todas as capitais brasileiras e todas as cidades que pertencem às regiões metropolitanas, e vamos gastar esse pesado dinheiro lá, porque é lá onde está a violência, é lá onde as pessoas moram mais comprimidas, é lá onde as pessoas estão afastadas dos seus parentes que ficaram em outros estados, é ali que pode surgir a criminalidade, é ali que pode surgir o crime organizado.

Então, nós resolvemos atacar. Porque na hora que o Estado chega num bairro, que é uma favela, faz rua, coloca luz, leva escola, constrói casas, faz centro de lazer, o que vai acontecer? Nós estamos dando cidadania para as pessoas. E as pessoas vendo a presença do Estado dentro do seu bairro, não vão precisar mais dizer que aquele bairro é violento, aquela favela é violenta, que lá só tem maconha, que lá só tem isso, só tem aquilo. Só tem isso porque



não tem a figura do Estado. O Estado não vai com educação, não vai com saúde, não vai com casa, não vai com lazer.

E, aí, você pega uma menina de 17 anos, um jovem de 18 anos, não conseguiu fazer universidade, não conseguiu aprender uma profissão, não tinha perspectiva de emprego, fica em casa, morando num barraquinho de 3X3 ou, quem sabe, 4X4, sem ter um computador, sem ter perspectiva de vida, o que vai acontecer? É desgraça pura na vida desse jovem. Se o Estado não oferece, alguém vai oferecer.

Pois bem, nós estamos tentando fazer aquilo que deveria ter sido feito há 40 anos, há 50 anos. A Dilma é do Rio Grande do Sul. Eu viajo muito com outros ministros do Brasil inteiro. Quando a gente chega em Santo André, ou em São Bernardo, ou em São Caetano, ou em Diadema, de helicóptero, as pessoas percebem que são cidades ricas. Mas as pessoas não percebem que a pobreza está lá embaixo, porque os ricos vão morando cada vez mais no alto e os pobres vão ficando cada vez mais nas beiras dos córregos, nas encostas dos morros.

Agora, companheira Dilma, o Aloizio e o Suplicy conhecem isso bem, a Marta conhece bem. Eu vou te dizer uma coisa: a indústria automobilística veio para cá na década de 50. Foi uma benção de Deus a indústria automobilística vir para cá, porque essa região aqui virou a região mais desenvolvida do País. Aqui, há 20 anos, Dilma, a gente ia fazer um ato como este, você pedia para levantar a mão, 80% era trabalhador da indústria automobilística, ou trabalhava numa revendedora de carro, ou trabalhava em uma autopeças, alguém era ligado à indústria automobilística. O que aconteceu, por que começou a surgir favelas em São Bernardo, Santo André e em outras cidades? Em São Caetano, não existe favela, porque São Caetano só tem 14 quilômetros quadrados de extensão territorial, não tem mais o que construir lá, a não ser desmanchar uma casa e fazer outra. Mas, aqui, ainda tem terreno, tem perto da represa Billings. Por que essas cidades começaram a ficar empobrecidas? Por causa



da crise econômica que nós tivemos a partir de 1980. Você está aqui com o companheiro Montorinho, que foi dirigente sindical, o Vicentinho, que foi presidente, o Marinho, que foi presidente do sindicato e hoje é Ministro da Previdência. Nós tivemos uma crise profunda, na década de 80. Quem está lembrado? Acho que estou vendo até o João Bosco, ali. Eu estou vendo o Saulo, mais acolá, o Cicottinho mais ali, eu vi a Miriam descer para abraçar um monte de companheiros dela. A verdade, é que esta região entrou numa crise profunda, na década de 80.

Quando a gente começou a pagar a dívida externa brasileira, o desemprego começou a acontecer e nós passamos, praticamente, 26 anos sem ver a indústria brasileira crescer. A indústria automobilística, empresas como Volkswagen que chegaram a ter 44 mil trabalhadores, hoje deve ter 16 mil, 13 mil trabalhadores, aqui. Então, vocês vejam o que aconteceu de trabalhador que foi mandado embora. E aqui, em Santo André, várias empresas que fecharam, empresas grandes que tinham dois, três mil trabalhadores, que fecharam. Quando o governo brasileiro resolveu tirar os impostos para importar autopeças, quebrou quase todas as empresas de autopeças aqui no ABC. Aí, Dilma, era desemprego. Aí, aquela fartura de peão trabalhando passou a ser uma fartura de companheiros desempregados. Era ferramenteiro que estava seis, sete anos sem arrumar emprego, era torneiro, era frezador, era pintor. Nós passamos a viver uma crise profunda, as cidades foram empobrecendo e pessoas foram morando em favelas. O cidadão pagava numa casa 500 reais, apenas como exemplo, de aluguel, ele preferia ir morar em um barraco, pagar 200 e ter mais 300 para ele comer.

Nós, agora, com o PAC, nós estamos querendo acabar com isso. Nós precisamos reverter, nós estamos querendo acabar com as favelas definitivamente. Não é mandando os favelados ir embora, não. É construindo casas decentes para que os favelados morem.

Veja que coisa fantástica. A coisa que eu mais admiro é uma cidade que



tem praia. Em uma cidade que tem praia, as pessoas não sabem quem é rico ou quem é pobre. Você levantou, domingo de manhã, colocou um shortinho, uma bermuda, colocou um chinelo, colocou cinco pilas aqui no bolso para tomar uma caipirosca ou uma cerveja, botou um Ray-Ban, mesmo que seja aquele comprado na feira, entrou na areia da praia ninguém sabe se você é francês, é brasileiro, é inglês, é africano. Você está lá junto com qualquer madame, junto com um qualquer, você é igual. Aqui não. Aqui, a gente é conhecido pela fotografia do lugar onde a gente mora. Então, aqui, numa cidade como o ABC, em que não tem área de lazer, aqui ou a pessoa tem dinheiro para ir numa pizzaria, num boteco, tomar uma cervejinha à noite, ou a pessoa sabe pescar, como eu, ia na represa Billings pegar uma tilapiazinha de 30 gramas, uma tilapiazinha sem vergonha, que hoje eu acho crime, mas eu cansei de pegar tilapiazinha deste tamanho assim, porque não tinha peixe maior.

Mas essas pessoas aqui, Dilma, embora seja a região mais desenvolvida do País, essas pessoas se quiserem ter um pouco de lazer, eles têm que ir para a praia ou viajar para o interior, se tiver uma casa de campo ou alguma coisa. Se não, aqui, essa região chama-se trabalho, trabalho e trabalho. São pouquíssimas as áreas de lazer. Além de trabalhar que nem um desgraçado, o cara ainda morar em uma favela, aí já é demais.

Então, companheiros, nós estamos mudando isso. O PAC é o primeiro grande começo para a gente tentar acabar com as palafitas no Brasil. Quem é do Nordeste sabe o que é uma palafita. Aquelas pessoas que moram naquelas casinhas em cima do mangue, cheias de trapiches, um quarto e cozinha, ali tem um buraco, ali eles fazem as necessidades, ali eles cozinham, ali eles dormem, ali o casal namora. É uma desgraça. Então, nós temos que acabar com isso, porque isso passou a ser uma vergonha deste País. Este País que cresceu até 14% ao ano e, mesmo assim, os pobres aumentaram ao invés de diminuir.



O que nós estamos provando agora? Nós estamos provando que é possível este País crescer melhorando a vida do povo. Aliás, é para isso que ele tem que crescer. É para melhorar a vida do povo. É para dizer para os jovens pobres que eles têm direito a entrar numa universidade e tem que entrar numa universidade sem pagar. Por que o que acontece aqui? Pega um trabalhador de uma casa como esta aqui, que é uma casa de classe média, de um cidadão que está trabalhando e construiu com a sua família. Às vezes, o companheiro ganha até um salário razoável, mas se ele quiser colocar uma filha dele para estudar medicina e ela não passar na USP, não passar na Unicamp, ela vai pagar sabe quanto? Dois mil e quinhentos reais por mês. É metade do salário dele que vai para a escola. Então, nós precisamos garantir que as pessoas tenham possibilidade.

Por isso, nós estamos fazendo no Brasil 10 universidades federais novas, estamos fazendo 48 extensões universitárias, levando universidades para o interior, estamos fazendo 214 escolas técnicas profissionais no interior deste País. Criamos o ProUni, que já colocou 365 mil jovens na universidade, este ano se formam os primeiros 60 mil jovens do ProUni e 40% deles são negros e negras que antes não tinham oportunidades. Agora, nós criamos o Reuni. O Reuni vai colocar mais 400 mil jovens nas universidades. O que nós fizemos? O Reuni, nós pegamos as escolas públicas federais e estamos dando um aumento para as universidades e estamos exigindo que as universidades aumentem o número de alunos por professor, que hoje a média é de 12 alunos, para 18 alunos, como é na França. Que a gente ocupe alguns horários noturnos para dar aulas para os jovens que trabalham de dia e isso vai permitir que a gente coloque mais 400 mil jovens na universidade. Até 2010, nós teremos quase que 1 milhão de jovens a mais na universidade brasileira. Além disso, com as escolas técnicas, com o aumento do tempo da escolaridade de oito para nove anos das nossas crianças, com o Fundeb, com o Programa de Desenvolvimento da Educação... E mais, nós vamos levar até 2010, também,



para 55 mil escolas públicas, vamos levar Internet banda larga para que as crianças tenham acesso à Internet. Todos os alunos do ensino técnico já têm laboratório de informática.

Então, companheiros e companheiras, o Brasil está vivendo um momento muito importante. Vocês acompanham pela imprensa, nem sempre a imprensa diz tudo o que está acontecendo no Brasil. Às vezes, se a gente quiser saber mais, a gente lê a imprensa internacional, que fala bem. Eu nunca vi como a imprensa espanhola, alemã, americana e inglesa gostam tanto do Brasil. A nossa, demora mais para enxergar.

Mas, de qualquer forma, vocês viram na televisão, esses dias – o Eduardo é quem fala essa palavra bonita – vocês viram que o Brasil atingiu o *Investment Grade*. Viu o “Grade” que eu falei? A língua até entortou. Na verdade, aí, traduzindo para o português, a gente fala: o Brasil atingiu o grau de investimento. Também não quer dizer nada para ninguém. A verdade é o seguinte: o Brasil conquistou a sua respeitabilidade internacional. O que aconteceu, essas palavras bonitas que eles falam é o seguinte: o Brasil atingiu um grau de respeitabilidade. Nós controlamos as nossas contas, gastamos o que temos que gastar, controlamos a inflação, o País está crescendo e, portanto, o povo pobre está comendo mais e, portanto, o Brasil, hoje, é merecedor de mais confiança do que era quando nós entramos.

E isso não é tudo o que nós queremos. Nós queremos mais. Nós lançamos, segunda-feira... Esse grau de investimento, eu, às vezes, fico preocupado que vocês não entendam. Vamos pegar eu e o Aloizio Mercadante como exemplo, aqui. Eu sou um cara trabalhador, ele também, é trabalhador. Eu ganho 10 por mês, ele ganha 10 por mês. Só que eu sou um cidadão casado, vou completar, sexta-feira, 34 anos de casado, eu sou um cara que pego o meu salário, levo para casa, sento com a minha esposa, discuto com ela o que tem que pagar, discuto com ela o que tem que fazer com a molecada, não compro nada que eu não possa comprar, e se sobrar um



dinheirinho, eu vou fazer uma poupança. Então, esse é o Lula. O Aloizio Mercadante recebe o mesmo salário que eu, gosta de parar no boteco para jogar um snooker, não vai para casa direto com o salário, aí gasta, tem um monte de amigos, aí, encontra com o Cicotti, com o Saulo, com o Luizinho, e ele fala: “Pode beber por minha conta, que eu vou pagar”. Bem, quem é que é o grau de investimento, entre eu e o Aloizio? Se alguém quisesse vender alguma coisa, ia vender para quem? Para mim ou para o Aloizio? Então, isso é grau de investimento. Isso é o que o Brasil conquistou: credibilidade. As pessoas percebem que o País ficou sério.

E, por conta disso, nós lançamos o Programa de Desenvolvimento Produtivo, que é para incentivar as nossas empresas a exportarem mais, para incentivar os nossos empresários a investirem mais, para que a gente possa ter mais empregos, mais renda, mais poder de consumo e melhoria de vida das pessoas.

Eu estou confiante, e quero dizer ao meu companheiro, pedir desculpas ao Aloizio pela brincadeira. Não, eu sou o Aloizio e ele é eu, tá? Ele é o grau de investimento e eu sou o não-investimento. O dado concreto é que aqueles que achavam que nós íamos levar o Brasil para o buraco, aqueles... Aqueles, agora, inventaram o seguinte: “Ah, o Brasil está dando certo porque o Lula tem sorte. Esse Lula tem uma sorte danada”. Agora, eu pergunto aqui: quem é a mulher que casa com um homem que não tenha sorte? Quem é o homem que vai casar com uma mulher azarada? Ora, Deus queira que daqui para frente o Brasil só eleja Presidente com muita sorte. Porque o cara que tem azar é o cara que perde as eleições.

Então eu acho, companheiros e companheiras, que nós chegamos a um momento em que eu posso dizer para vocês: eu vislumbro que o Brasil vai ter os próximos 10 ou 15 anos de muito crescimento. E se a gente tiver 10 ou 15 anos de crescimento constante, sustentável, a gente vai recuperar aquilo que nós deixamos de ganhar quando ficamos 26 anos sem crescer.



Agora, vocês estão percebendo na televisão que tem o problema do aumento de alimento. Vocês já ouviram falar, está tendo um problema de aumento de alimento. Deixa eu explicar para vocês uma coisa que está acontecendo: esse aumento de alimento é uma coisa que vocês estão acompanhando, que está acontecendo na China, que está acontecendo na Índia, está acontecendo no Brasil, está acontecendo nos Estados Unidos, está acontecendo no Chile, vocês estão ouvindo dizer que é um aumento de alimento global.

Por quê? É importante saber o porquê. Em primeiro lugar, é importante saber que tem mais gente comendo, no mundo. A China melhorou muito de vida, tem mais chinês comendo, tem mais indianos comendo, tem mais brasileiros comendo, tem mais africanos comendo, tem mais latino-americanos comendo, por quê? Porque nesses últimos anos, a vida do povo pobre ganhou um fôlego, eles começaram a comer mais. Na hora que eles começam a comer mais, o que tem que acontecer? Nós temos que produzir mais. Nós temos que aumentar a produção de arroz, a produção do trigo, a produção de feijão, a produção de soja. Porque quando a gente estiver produzindo mais do que as pessoas querem comprar, o preço cai. Quando a gente estiver produzindo menos do que a quantidade de pessoas que querem comprar, a tendência é o preço subir. Para entender isso direito, imagine o seguinte: se vão 10 de pessoas de manhã no primeiro supermercado que encontram comprar uma lata de óleo de soja, se tem 10 para comprar e só tem uma lata, pode ficar certo que o dono do mercado vai aumentar o preço da lata. Agora, se ele tiver 10 latas e se tiver um comprando, pode ficar certo que ele vai baixar o preço da lata para mais gente comprar.

Então, nós, agora, no governo, trabalhamos para manter esse equilíbrio, combinar a taxa de consumo da sociedade com a taxa de crescimento da economia, para que haja o equilíbrio entre oferta e demanda, entre a vontade de comprar e o que a gente tem disponível para vender. Esse é um trabalho



que certamente preocupa todo mundo, preocupa a mim, porque uma coisa que eu quero garantir para o povo brasileiro é o direito de comer. E quando aumenta o preço do alimento, significa que o pobre sofre mais, o pobre paga mais a conta. Então, nós estamos trabalhando para não deixar a inflação subir, nós queremos controlar a inflação, queremos que a economia cresça e nós queremos permitir que isso aconteça por mais de 10 ou 15 anos.

Daqui a pouco, daqui a dois anos e sete meses, está chegando o final do meu governo. Eu quero sair do governo, mas é importante avisar sempre para os brasileiros e para as brasileiras, eu já estou vendo um monte de candidatos por aí, já tem até pesquisa. Eu ainda não tenho nem candidato e nem candidata, mas vou ter e vamos eleger o nosso candidato para poder seguir a nossa política. Porque tem muita coisa para acontecer no Brasil. Eu tenho sorte, eu tenho tanta sorte que a Petrobras encontrou o petróleo na camada pré-sal, a sete mil metros de profundidade, eu tenho tanta sorte, que a Petrobras vai ter que mandar fazer 200 navios, eu tenho tanta sorte que ela vai ter que comprar dezenas de plataformas, dezenas de sondas e isso vai significar sorte do Lula para recuperar a indústria metal-mecânica, a indústria naval e gerar mais empregos. Eu tenho tanta sorte que a indústria automobilística está batendo recorde todo santo dia de produção e de venda. E por quê? Porque nós temos sorte. Antes, um companheiro para comprar um carro, eram 24 meses. Depois, passou para 36 meses. Nós fizemos reunião com a indústria automobilística e nós dizíamos: “Querem vender mais carro? Então vocês aumentem o número de prestações”. Para um companheiro trabalhador, o carro é uma paixão. Tem três paixões para a mulher e para o homem. A mulher quer um homem bonito, honesto, trabalhador e decente, quer uma casa própria e quer um carro. O homem quer uma mulher bonita, trabalhadora e decente, uma casa e um carro. Pois bem, quer vender um carro? Aumenta o número de prestação, porque se a prestação couber dentro do salário, o companheiro compra o carro. Mesmo que a rua esteja cheia, que



ele não queira sair no domingo. Quantos domingos, à tarde, eu passei lavando a calotinha do meu carro. Porque, Dilma, a gente quando é pobre, que a gente tem um carro, a gente cuida do carro quem nem cuida do bumbum do filho da gente, limpa direitinho, passa flanela, alisa, deixa brilhando, é assim mesmo. Pode ser que alguém rico não trate o carro, mas o pobre trata, é um membro da família, não é?

Então, companheiros, eu quero te dizer, meu companheiro João Avamileno, segunda-feira estaremos em Diadema para inaugurar o Quarteirão da Saúde. E eu quero, João, ainda no mês que vem, voltar a Santo André para inaugurar a universidade. Vocês têm que fazer esse compromisso comigo, porque a minha comitiva aqui, nós levantamos seis horas da manhã, não tomamos café, não almoçamos e vamos jantar em Brasília. Isso, se eu chegar em casa e a dona Marisa estiver de bom humor. Se estiver de mau humor, eu vou comer só amanhã.

Gente, um grande abraço, que Deus abençoe vocês e até outro dia, se Deus quiser.

(S211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a reunião extraordinária de chefes de Estado e de Governo da União Sul-Americana de Nações - Unasul

Brasília-DF, 23 de maio de 2008

Primeiramente, apenas para que cada presidente acompanhe, a idéia é que tenha um pequeno discurso meu, agora, como anfitrião. Depois, o nosso querido companheiro Evo Morales ocupa a Presidência e faz o seu discurso. Depois, assinaremos o Tratado. Depois, o companheiro Evo Morales convida a nossa querida Michelle Bachelet, que também faz o seu discurso. Depois, então, ficamos os presidentes aqui, para termos um tempo livre para debate.

Vamos esperar a imprensa chegar e enquanto a imprensa se arruma... Entre nós hoje tem um aniversariante, o companheiro Alan García, que completa 34 anos de idade, ou 39. Por coincidência, hoje também, eu completo 34 anos de casado.

O governo e o povo brasileiros se sentem profundamente honrados em receber os presidentes e chefes de Governo da União Sul-Americana de Nações, neste momento histórico em que assinaremos o Tratado Constitutivo da Unasul. É uma particular alegria, para mim, ser o anfitrião desta reunião, tendo ao meu lado o companheiro Evo Morales. Quero transmitir-lhe, caro Evo, o meu reconhecimento pessoal pela competência e dedicação com que a Secretaria Pro Tempore boliviana trabalhou neste ano e meio. Quando lançamos em Cuzco, em dezembro de 2004, os fundamentos deste empreendimento, poucos imaginavam que quatro anos mais tarde teríamos constituído uma verdadeira união sul-americana. A América do Sul renova a confiança na capacidade de seus povos de construir um destino comum de desenvolvimento, justiça social, democracia e paz.

O Tratado Constitutivo dá personalidade jurídica à Unasul, que ganha



expressão política e meios institucionais para realizar seus objetivos. Tiraremos proveito da vastidão de nosso território, banhado pelos oceanos Atlântico e Pacífico e pelo mar do Caribe. Valorizaremos a diversidade de nossos povos e de nossa cultura. Construiremos nossa unidade sobre a base dos processos de integração bem-sucedidos do Mercosul e da Comunidade Andina. Nosso foro será enriquecido pela contribuição caribenha, por meio da Guiana e do Suriname. Mais de 300 milhões de homens e mulheres se beneficiam, hoje, de uma excepcional fase de crescimento econômico e de exitosos programas de inclusão social. Constituem enorme base produtiva e grande mercado de bens de consumo. Não por acaso, somos hoje um dos principais pontos de atração de investimento no mundo.

A América do Sul é hoje uma região de paz, onde floresce a democracia. Todos os seus governantes foram eleitos em pleitos democráticos e com ampla participação popular. A instabilidade que alguns pretendem ver em nosso continente é sinal de vida, especialmente de vida política. Não há democracia sem povo nas ruas, sem confronto de idéias e de propostas. Tampouco há democracias sem regras e sem diálogo. Esses progressos nos campos econômico e sociopolítico nos conferem crescente projeção num novo mundo multipolar que se está constituindo.

Com este Tratado Constitutivo, a América do Sul ganha estatuto de ator global. Estamos superando a inércia e as resistências que, ao longo de 200 anos de vida política independente, impediram que trilhássemos juntos o caminho da unidade. Ao darmos institucionalidade à nossa União, estamos transformando em realidade o sonho integrador de nossos próceres e libertadores. Já no preâmbulo, o Tratado nos lembra que a integração sul-americana é essencial para o fortalecimento da América Latina e do Caribe. Com a entrada em vigor do Tratado, nossos vizinhos latino-americanos e caribenhos estão convidados a associar-se à União. A Unasul nasce, assim, aberta a toda a região, e nasce também sob o signo da diversidade e do



pluralismo. As decisões da Unasul serão tomadas por consenso, que se construirá na base do diálogo, da harmonia e do respeito mútuo. Por meio do exercício permanente do entendimento, afiançaremos a estabilidade regional e o desenvolvimento em bases solidárias.

Senhoras e senhores presidentes,

O Tratado Constitutivo não é um fim em si mesmo, é o fundamento normativo para que nossa União possa alcançar seus objetivos. Queremos avançar rapidamente com projetos inovadores e de grande alcance em áreas prioritárias, como integração financeira e energética, melhoria da infra-estrutura regional e das conexões rodoviárias e ferroviárias, estabelecimento de uma vigorosa agenda de cooperação em políticas sociais, e fortalecimento da cooperação educacional.

O Conselho Energético e os grupos de trabalho já colocaram sobre a mesa elementos que nos permitirão ter um plano de ação com propostas concretas e metas alcançáveis. Necessitamos de trocas comerciais justas e equilibradas. Precisamos fazer do comércio um instrumento de crescimento econômico e progresso social em prol, sobretudo, dos mais pobres. Devemos incentivar a criação de cadeias de integração produtiva entre nossas empresas estatais e privadas. Vamos desenvolver parcerias em setores estratégicos, como indústria aeronáutica, construção naval, medicamentos e equipamentos militares. São mecanismos abrangentes e estruturais para superar as assimetrias entre nossos países.

Senhoras e senhores,

Estou convencido de que é chegada a hora de aprofundarmos nossa identidade sul-americana, também no campo da defesa. Nossas Forças Armadas estão comprometidas com a construção da paz. A presença de muitos de nossos países na Minustah, força da ONU que garante a segurança no Haiti, é exemplo dessa determinação. Devemos articular uma visão de defesa na região fundada em valores e princípios comuns, como o respeito à



soberania e à autodeterminação, a integridade territorial dos Estados e a não-intervenção em assuntos internos.

Por isso, determinei ao meu ministro da Defesa que realizasse consultas com todos os países da América do Sul sobre a constituição de um Conselho Sul-Americano de Defesa. Creio que deveríamos discutir essa decisão aqui. Com esse mesmo espírito proponho a realização no Brasil, no segundo semestre deste ano, de uma reunião que permita detalhar o funcionamento e os objetivos do Conselho.

Caros companheiros,

A América do Sul vive momento de excepcional crescimento, com a redução da pobreza e da desigualdade. Criamos as condições para um desenvolvimento sustentado, que nos têm permitido enfrentar a atual instabilidade econômica mundial. Nossa região torna-se um interlocutor cada vez mais indispensável, à medida que o mundo se vê diante da necessidade de compatibilizar segurança alimentar, suprimento energético adequado e preservação do meio ambiente. Quando a escassez de alimentos ameaça a paz social em muitas partes do mundo, é em nossa região que muitos vêm buscar propostas. Temos consciência de nossas responsabilidades globais, mas não abrimos mão de exercê-las de forma totalmente soberana. Não nos deixamos iludir, tampouco, pelos argumentos daqueles que, por interesses protecionistas ou motivações geopolíticas, se sentem incomodados com o crescimento de nossa indústria e de nossa agricultura e com a realização do nosso potencial energético. Uma América do Sul unida mexerá com o tabuleiro do poder no mundo, não em benefício de um ou de outro dos nossos países, mas em benefício de todos.

Senhoras e senhores presidentes,

Estamos deixando para trás uma longa história de indiferença e de isolamento recíproco. Nossa América do Sul não será mais um mero conceito geográfico. A partir de hoje é uma realidade política, econômica e social, com



institucionalidade própria. A Unasul deve ser construída como parte de nossos projetos nacionais de desenvolvimento, e essa tem sido a orientação do meu governo desde o primeiro dia. O Brasil quer associar seu presente e seu futuro ao destino da América do Sul. Nenhum de nossos países pode, sozinho, aspirar à prosperidade. Mais do que generosos, temos que ser solidários. Hoje dotamos a América do Sul de um arcabouço flexível e ágil para articular as iniciativas comuns nesse processo ambicioso de integração. Nossos êxitos permitirão aumentar nossas ambições e realizar novos avanços.

Meus amigos e minhas amigas,

Temos razão de sobra para renovar o nosso orgulho, e o local em que estamos, que leva o nome do pai da Constituição brasileira, deputado Ulysses Guimarães, não poderia ser mais apropriado. Além de lutar com obstinação pela redemocratização do Brasil, Ulysses Guimarães soube aliar ousadia à capacidade de diálogo, o que tornou possível o consenso. Nossos governantes têm o sentido da história. Sabem que os contenciosos atuais, mesmo quando revestidos de dramaticidade, são passageiros, não devem se sobrepor ao projeto de integração. Juntos seremos mais soberanos.

Antes de convidá-los a proceder à assinatura do Tratado Constitutivo da União Sul-Americana de Nações, eu quero passar a palavra ao nosso querido companheiro Evo Morales.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura do XX Fórum Nacional do Instituto Nacional de
Altos Estudos – INAE**

Rio de Janeiro – RJ, 26 de maio de 2008

Meu caro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,
Meu caro Ken Shimanouchi, embaixador do Japão no Brasil,
Ministro Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia,
Ministro João Paulo Reis Velloso, superintendente-geral do Instituto
Nacional de Altos Estudos e coordenador do XX Fórum Nacional,

Meu caro Luis Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,

Meu caro Jaques Wagner, governador da Bahia,

Meu caro Eduardo Suplicy, senador da República,

Quero cumprimentar o professor Edmund Phelps, e em nome dele
cumprimentar todos os convidados estrangeiros que estão participando deste
XX Fórum,

Quero cumprimentar os ex-ministros aqui presentes,

Cumprimentar os empresários, os trabalhadores e a imprensa,

Quero começar, meu caro Luciano, prestando a minha solidariedade ao
corpo de funcionários do BNDES. É bem possível, que em uma instituição do
tamanho do BNDES, possa ter uma ou outra pessoa que cometa desvios e,
portanto, tem que pagar o preço do desvio cometido. Mas é bem verdade
também, que poucos países do mundo conseguiram criar uma instituição de
financiamento tão sólida, como é o nosso querido BNDES. Eu quero dizer que,
o centro de excelência que é o BNDES deve ser motivo de orgulho para todos
nós, brasileiros, e deve ser motivo de orgulho para todos nós brasileiros e para
aqueles que, não sendo brasileiros, convivem conosco na elaboração de
projetos.



Quero, em primeiro lugar, fazer um agradecimento especial ao ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso. Ao longo das duas últimas décadas, ele soube manter vivo o debate nacional, soube alimentar e respeitar as diversidades de opiniões, sempre com a mente voltada para o bem do Brasil. Soube cultivar o respeito e a camaradagem entre espíritos diversos.

A cada ano, este Fórum debate questões relevantes e contribui, para caminhar em direção a um País ainda melhor. Desta vez, o Instituto Nacional de Altos Estudos indaga: “para onde vai o Brasil, econômica, social e politicamente?” Quero aproveitar esta oportunidade para transmitir um pouco da minha percepção, de que algo profundamente novo e transformador vem ocorrendo no mundo e no Brasil. Uma transformação que afeta a vida de cada um de nós e que tem impacto sobre as estruturas políticas e as instituições nacionais e internacionais.

Lembro que, na volta de Davos, em 2003, observei que a geografia econômica mundial estava mudando. Alguns até acharam graça, outros deram os ombros, mas eu acredito nisso e penso que a realidade está confirmando essa expectativa. Nos últimos anos, centenas de milhões de pessoas começaram a mudar de patamar social. Velhos conceitos e antigas estruturas políticas e geopolíticas estão dando lugar a fenômenos antes desconhecidos. E o que acontece, de novo, na vida econômica e na política mundial? Vários países em desenvolvimento estão crescendo a um ritmo mais vigoroso do que as economias tradicionais. Com isso, o elevador social começa a funcionar, e o mundo vem mudando bastante nos últimos anos, para melhor. Neste novo mundo, os mais pobres estão comendo o que antes não podiam comer. Pode não ser do bom e do melhor, mas, para muitos, já vai ficando no retrovisor a angústia de não ter o que comer no dia seguinte. Hoje, há mais chineses, indianos, africanos, latino-americanos comendo. Há mais brasileiros comendo também, o que é muito bom e, felizmente, não tem volta.

Alguns se assustam com esse fenômeno, o Brasil não. Temos terras



férteis, temos sol, temos água, temos tecnologia, temos força de trabalho, temos capacidade empresarial e agricultura familiar para responder a esse desafio. Volto a dizer: não estamos diante de um risco, mas de uma oportunidade, e não pretendemos desperdiçá-la. Pode estar aí o começo de um novo mundo nos trópicos, desta vez sintonizado com o mundo temperado de forma pró-ativa.

O forte crescimento econômico das nações emergentes começa a espalhar, gradativamente, o eixo da produção – e mesmo das tecnologias dos Estados Unidos e da Europa – para novas regiões do mundo, dentre as quais se encontra o Brasil. Nosso País, em particular, emerge com força e dinâmica inéditas em sua história. O atual contexto internacional é desafiador para o Brasil. No plano político, a multipolaridade vem se impondo num mundo marcado pela crescente diversidade de interesses. No plano econômico, estamos assistindo à emergência de novos mercados e ao começo do fim do crescimento global, puxado apenas pela demanda do consumidor norte-americano.

Há claros sinais de que os países em desenvolvimento, entre eles o Brasil, serão responsáveis por metade da taxa de crescimento da economia mundial em um futuro bem próximo. É inegável que o nosso Planeta ainda tem enormes desequilíbrios, mas também é inegável que o mundo todo ganha quando aqueles que se encontravam, por séculos, à beira do caminho, passam a trilhar a estrada principal. Nos últimos 20 anos, mais de 500 milhões de pessoas saíram da linha da pobreza definida pelo Banco Mundial. Elas não ficaram subitamente ricas, mas, pelo simples fato de viverem melhor, cria-se um mundo novo, as vidas cotidianas de suas famílias mudam, assim como se alteram as grandes estatísticas agregadas à renda do emprego e dos produtos internos de cada país.

Minhas amigas e meus amigos,

Entre os países que crescem mais rapidamente, apenas dois fazem



parte das dez maiores economias do mundo, e o Brasil é um deles. Nossa responsabilidade cresceu, sensivelmente, nesse novo cenário. O Brasil está fazendo a sua parte, e vamos fazer mais, vamos responder de forma pragmática e criativa ao nosso grande desafio contemporâneo: assegurar uma trajetória de crescimento sustentável para o Brasil numa economia global competitiva e aberta. Acompanho os números da economia com todo o cuidado, e me preocupo muito com os escorregões da velha ordem mundial. De tempos em tempos, bolhas especulativas se formam, estouram e teimam em atormentar a vida dos países mais pobres. Isso não é justo. É algo que não podemos aceitar. Nossos países querem respirar, crescer e amadurecer de forma a liberar o potencial criativo de suas populações. A crise que nasceu nos Estados Unidos, em intensidade poucas vezes vista desde o início do século passado, ainda pode nos afetar. De todo modo, é certo que estamos mais bem preparados para enfrentá-la, não apenas porque a nossa economia está mais sólida, mas também porque sabemos qual o caminho a ser trilhado: é o caminho do crescimento econômico com inclusão social, da criação de empregos e da distribuição de renda.

É por isso que as nações emergentes assumem um papel inédito, de lastro, nos mares revoltos de nossos dias. Com todas as dificuldades, aprendemos que uma economia dedicada a melhorar a vida dos pequenos e desamparados, não pode ser movida pela especulação financeira. E aprendemos, duramente, o valor de manter a moeda estável, de modo a garantir, sobretudo, o poder aquisitivo da renda dos mais pobres.

A crise atual mostra que, nos países ricos também há muita coisa para ser consertada, afinal, ela foi produzida pelos seus desarranjos. Não há o menor sentido, em que Estados Unidos e Europa continuem com suas políticas restritivas no campo da agricultura. Os subsídios e o protecionismo agrícola que semeiam obstáculos no caminho da Rodada de Doha são também, os principais fatores que estimulam a inflação mundial de alimentos.



Nossa expectativa é de que a Rodada de Doha, seja concluída até o final do ano. Vamos trabalhar com empenho nessa direção. Só cabe aos governantes, sobretudo, dos países ricos, darem uma chance ao livre fluxo mundial de grãos, proteínas e biocombustíveis. A barreira protecionista que se ergue em favor dos produtores das nações ricas é, na verdade, um muro inaceitável, um muro de indiferença que as nações desenvolvidas erguem para perpetuar a miséria nas nações pobres e em desenvolvimento. Da nossa parte, estamos prontos para negociar.

Participamos do G-20 para intervir articuladamente, junto a OMC, na expectativa de pôr fim às barreiras comerciais e com a mesma disposição, entendemos que o Brasil deve oferecer toda a sua contribuição para o desenvolvimento de um Mercosul e de uma comunidade Sul-americana de Nações, afinadas com a satisfação das necessidades de suas populações.

Minhas amigas e meus amigos,

Há poucos dias, na abertura da Conferência da Unasul, observei que a América do Sul afirma a sua presença no plano internacional, renova a confiança em si mesma e na capacidade de seus povos construir um destino comum de desenvolvimento, justiça social, democracia e paz. Nossa região torna-se um interlocutor cada vez mais indispensável, à medida em que o mundo se vê diante de necessidades de compatibilizar segurança alimentar, suprimento energético adequado e preservação do meio ambiente.

Quando o descaso entre a oferta e a demanda mundial de combustíveis fósseis dá origem à disparada de preços, forçando igualmente a inflação, mas esse desequilíbrio pode e deve ser progressivamente superado pelo uso de biocombustíveis e outras fontes alternativas de energia. O Brasil oferece ao mundo o etanol. Mostramos a todos a alta eficiência em custo e produtividade do etanol da cana, frente a outras formas atualmente disponíveis de etanol.

Não é correto afirmar que vamos prejudicar o cultivo de alimentos. Não é o caso do Brasil. Nós vamos convencer o mundo de que o etanol pode ajudar



bastante, a diminuir a crise energética, a poluição e também a inflação. Nós temos certeza de que o mundo pode e deve assinar um pacto global, pelo uso de fontes alternativas de energia. Todos estão chamados a adotar medidas para reduzir a emissão de dióxido de carbono, pela utilização mais intensa de técnicas de conservação e também pela adoção das energias renováveis, das bioenergias e dos biocombustíveis. Para o Brasil aproveitar essa extraordinária oportunidade, é preciso enfrentar preconceitos arraigados e *lobbies* poderosíssimos nos países desenvolvidos. Eles só serão vencidos com intenso debate público.

O Brasil não teme esse debate, ao contrário, deseja travá-lo com seriedade, confia nos seus argumentos e não se assusta com campanhas orquestradas. Por isso mesmo, na semana que vem, estarei em Roma, na Conferência da FAO sobre segurança alimentar, mudanças climáticas e bioenergia, para defender nosso ponto de vista e para falar sobre nossa experiência vitoriosa na produção simultânea de alimentos e etanol.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil vem fazendo o que deve ser feito com seriedade. Crescemos 5,4% no ano passado e neste momento, nossa economia cresce a um ritmo de 5% ao ano. Podemos sofrer algumas conseqüências da crise internacional, mas estou certo, estou convencido de que agora trilhamos um caminho sustentável. Somos um dos raros países do mundo, que consegue diminuir a pobreza e ao mesmo tempo as desigualdades. É o que nos diferencia do passado, quando apenas crescíamos. Hoje, há mobilidade de renda no Brasil, há crédito facilitado, há inclusão de milhões de pessoas que foram deixadas à beira da estrada por décadas e décadas.

Sabemos que muitas vezes o debate sobre o rumo da economia vem na sua forma mais simplificadora, contábil, como se os números do nosso Orçamento pudessem ser modificados sem atingir a vida das pessoas. O zelo pelas finanças públicas é essencial para a construção de um País digno, mas



só podemos tratar bem da economia, se nossos olhos e ouvidos estiverem abertos para a superação das dificuldades da nossa população. O forte compromisso com a repartição dos frutos da economia para todos, sobretudo, para os mais pobres, é um traço essencialmente novo no Brasil, neste mundo que se desenha. Repetiram à exaustão, que nossa política econômica era apenas uma continuidade de políticas anteriores. Insistiram que é tudo uma questão de sorte ante a bonança internacional.

Eu não costumo ficar brigando com os fatos. Tenho por hábito manter as coisas boas e procurar introduzir outras ainda melhores e a melhor delas, em nossa economia, foi, é e continuará sendo, o cuidado com as pessoas e com a distribuição de renda, pois acredito, piamente, que não há economia sustentável, sem que haja uma forte inclusão social.

Meus amigos e minhas amigas,

Não basta falar que o bom momento da economia mundial nos ajudou. Ótimo que tenha sido assim e que tenhamos sorte, mas apenas sorte não teria sido suficiente para nos colocar onde estamos hoje. A sorte, como se sabe, ajuda quem trabalha seriamente e os brasileiros e as brasileiras trabalham muito. Disse no passado e repito com ênfase: não vale a pena governar se não for para reduzir a pobreza e as desigualdades. É assim que meu governo toma conta da economia, é essa a bússola que me orienta a tomar todas as minhas decisões. Construir um País, não é tarefa apenas do governo, muito menos de um único governo. É esforço coletivo que demanda tempo para maturar e envolve os outros poderes constituídos e as demais forças vivas da sociedade.

Tenho reiterado que os principais projetos do País devem ser abraçados por todos, independentemente de divergências de momento. A política de desenvolvimento produtivo, lançada neste mesmo auditório, com muitos de vocês presentes, pretende selar um compromisso entre o setor público e o setor privado, entre o governo e os trabalhadores, os empresários, os cientistas, enfim, entre todos os segmentos do povo brasileiro. O governo



apresentou e já está executando o PAC, de modo a acelerar nosso crescimento e corrigir rapidamente os graves problemas de infra-estrutura. Aos investimentos do PAC agregamos, ainda, esforços renovados em melhoria da educação, e impulso à inovação tecnológica nas empresas e em nosso sistema de educação superior. Este tripé – crescimento, educação e tecnologia – dará sustentabilidade à geração de empregos, à superação da pobreza e à diminuição das desigualdades.

O governo também enviou ao Congresso Nacional o projeto de emenda constitucional da Reforma Tributária, e firmou sua intenção de vê-la aprovada ainda este ano. Cabe agora aos congressistas, aos governadores, aos prefeitos e aos agentes econômicos e sociais fazerem a sua parte e mudarem a rotina do calendário em ano eleitoral. Já é visível a melhoria do ambiente de negócios proporcionada pelas inúmeras mudanças na legislação, entre as quais destaco a Lei de Falências e a das Sociedades Anônimas, bem como a do Seguro de Créditos e a da Construção Civil. Confio no Congresso Nacional para completar as principais modificações que ainda estão pendentes, como por exemplo, a Lei das Licitações e do novo Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência.

Minhas amigas e meus amigos,

Temos um país que cresce, que diminui a pobreza e a desigualdade. Temos prioridades e, mais do que isso, temos instituições democráticas consolidadas. No Brasil, a regra do jogo não muda mais de um momento para o outro, e a previsibilidade é uma constante para os agentes econômicos e sociais. Portanto, a base para que nós tenhamos uma evolução, está dada. Em nossa economia, temos empresas de excelência, de pequeno, médio e grande porte, que competem fora do Brasil e ganham mercados muito exigentes. Nosso País tem também uma enorme vantagem em recursos naturais. Estão aí as recentes descobertas de petróleo e gás no pré-sal, que comprovam esta nossa afirmação. Dispomos também de uma rica diversidade de pesquisas



científicas e tecnológicas. São elas que impulsionam nossas melhores empresas e nos dão competitividade em diversos setores. Temos uma grande riqueza em software e tecnologia da informação, o que nos possibilita dispor, entre os países emergentes, da melhor experiência em termos de governo eletrônico, sistema eleitoral e sistema de pagamento. Acima de tudo, o País tem trabalhadores cada vez mais qualificados e prontos para novos aprendizados. Vejo, com satisfação, que o emprego formal está crescendo fortemente no País, num sinal de que os avanços da economia estão se consolidando e as oportunidades crescendo.

Meus amigos e minhas amigas,

Essa é a base que nos deixa orgulhosos no Brasil. Temos, ao mesmo tempo, sérios desafios em educação, saúde e segurança pública. Reconhecemos que nem sempre conseguimos nos adiantar e tratar adequadamente de todos os problemas. Ainda assim, estamos convencidos de que um novo capítulo foi aberto no Brasil, afinado com o momento vivido por outros países emergentes, com a vantagem de que nosso País tem um sistema democrático consolidado e está marcado por um forte sentimento de unidade nacional. Sabemos combinar diversidade com harmonia cultural, religiosa e étnica. Meu compromisso permanente é com o fortalecimento das instituições democráticas.

Meus caros companheiros da mesa, amigos, convidados,

Insisto que nenhuma nação do mundo conseguiu se desenvolver de forma vigorosa sem acreditar nas suas próprias forças, sem despertar suas energias adormecidas, sem ser estimulada pela esperança de um mundo melhor. Nesse aspecto tão crucial, constato com alegria que o País deu uma virada nos últimos anos. Conquistamos algo que não se mede em números, mas é decisivo para retomarmos o caminho do desenvolvimento: o País voltou a acreditar em si mesmo. Sabemos que temos muito a fazer, mas sabemos também que estamos no rumo certo. Aprendemos que uma boa combinação



de políticas econômicas e sociais forma a base da superação de nossa pobreza secular e de nossa desigualdade entre classes sociais e regiões. Temos a certeza de que podemos avançar mais na construção de um Brasil ainda mais justo, e também na construção de um mundo melhor.

Minhas amigas e meus amigos,

Quando o ministro João Paulo dos Reis Velloso me convidou para vir aqui, eu, que já vi tantos companheiros do meu governo – e antes de ser governo, do meu Partido – virem a este debate, sempre imaginei que fosse apenas uma coisa de economistas, e economistas são figuras importantes nas discussões sobre o rumo de um país. Tem economistas que acertam – temos até o Prêmio Nobel da Economia no nosso meio –, mas também tem economistas que erram. Eu fico imaginando, ministro João Paulo dos Reis Velloso, se nós resolvêssemos fazer um levantamento de tudo o que foi dito sobre a economia brasileira nos últimos anos, iríamos perceber que a maioria dos economistas que faz análise econômica errou, e errou muito sobre as avaliações. Eu não sei porquê, mas todas as vezes que há uma análise sobre os acertos da economia do País – que não são mérito do meu governo, mas eu acho que são mérito do povo brasileiro –, mesmo quando falam bem, inventam um “porém”, um “entretanto”, um “mas”, para tentar criar uma explicação. Por que é tão complicado reconhecer que as coisas estão dando certo no nosso País? E é bom que dêem certo, é bom que os empresários ganhem mais, é bom que as empresas cresçam, é bom que os trabalhadores reivindiquem mais, é bom que os trabalhadores façam greve quando precisarem fazer greve e é bom que todos nós tenhamos consciência de que estamos no mesmo barco e que se ele afundar, poucos se salvarão ou quase ninguém vai se salvar.

O momento que o Brasil está vivendo, eu penso que é o momento que muitos sonharam e muitos trabalharam. Os empresários que acreditaram na economia brasileira e fizeram investimentos, os empresários que não tiveram



medo do Lula e não fugiram para Miami, os empresários, que antes de qualquer coisa, antes de qualquer governo e antes de qualquer partido, são brasileiros e por isso, confiam neste País, que já fez dezenas e dezenas de experiências.

Quantas vezes, eu como dirigente sindical, acordava com notícias nos jornais como se o Brasil tivesse chegado ao paraíso e quantas vezes, no dia seguinte, eu acordei com o fracasso, porque em política econômica não tem mágica. Administrar o governo não é tão simples como administrar uma empresa, porque os componentes políticos que fazem parte da governança de um governo, são infinitamente mais complicados do que a relação do dono de uma empresa com os seus subordinados. E nós, com a graça de Deus, encontramos um jeito de fazer com que as coisas funcionassem como se estivéssemos regendo uma orquestra, que ainda precisa de ajustes, quem sabe contratar novos músicos, quem sabe melhorar a partitura, mas o dado concreto é que os ouvidos do povo, que antes eram chamados de ouvidos “mocos”, porque os governos não davam atenção ao povo, já estão sentindo a beleza dessa sinfonia chamada Brasil. Já estão sentindo que o Brasil encontrou o seu caminho, já estão sentindo que muitas vezes nós temos brigas descabidas.

Eu vi, agora há pouco, no final do ano passado – ministro João Paulo Reis Velloso, companheiros governadores – a guerra que foi feita para diminuir a CPMF e tiraram do Orçamento do governo, 40 bilhões de dólares por ano. E quem perdeu com isso foi o PAC da Saúde, que nós já tínhamos lançado. Agora, é engraçado e me desculpem os companheiros, com o maior carinho, eu não vi nenhum produto reduzir de preço depois que acabou a CPMF. Me parece que não foi passado para o custo do produto os 0,38%. Parece que aumentou apenas nos ganhos daqueles que pagavam CPMF, porque muita gente ainda teima em acreditar que o Estado tem que ser fraco. O Estado fraco não governa, o Estado fraco não revolve os problemas. É diferente um Estado



não se meter a ser administrador daquilo que a iniciativa privada faz e o Estado deixar de cumprir com as suas obrigações de atender, sobretudo, a justiça das regras do jogo e governar pensando em ajudar a parte mais pobre da população, porque no fundo, no fundo, são esses que precisam do governo.

Certamente o Júlio Lopes não precisa do Estado brasileiro, certamente o governador Sérgio Cabral também não, certamente o ministro João Paulo Reis Velloso também não, pelo contrário, eles são contribuintes fortes – com o pouco salário que ganham – do Imposto de Renda. Mas a verdade é que tem milhões e milhões de almas, homens, mulheres e crianças, que se não tiverem, o Estado brasileiro colocando o seu dedo e fazendo a política voltada para eles, eles não estão organizados para reclamar, eles não vão à Brasília, eles não têm *lobby*, eles não têm sindicato, eles não têm nenhuma organização e é para esses que o Estado precisa olhar, porque os outros olham para o Estado.

Vir a este Seminário, meu caro João Paulo Reis Velloso, no momento em que ele completa 20 anos de idade, me dá a oportunidade de dizer algumas coisas que muitas vezes um Presidente não pode dizer, porque um Presidente tem que ser muito cauteloso. Falar de CPMF aqui, certamente eu arrumei algum adversário, mas eu fiquei acompanhando o que aconteceu nesse final de semana. Nós criamos a União Sul-Americana de Nações, e quando eu reparo o que a imprensa brasileira retratou, sobretudo, a imprensa escrita, eu vi um fracasso, quando na verdade, para quem já foi governo e faz política na América do Sul, sabe que o que nós conseguimos fazer, na sexta-feira, foi algo de uma dimensão tão incomensurável, que nem os mais dedicados cientistas políticos acreditavam que pudesse ser feito. Nós fizemos. Falta fazer muito ainda, porque nós trabalhamos, aqui na América do Sul, com a possibilidade de que as novas gerações – já não acredito mais para o meu governo – possam criar uma moeda única, possam criar um banco central. Isso parece impossível como parecia impossível, depois da 2ª Guerra Mundial, ser a França e a Alemanha, os países que articularam a unidade da União Européia. Nada é



impossível quando se pensa grande, nada é impossível quando nós estamos despojados de preconceitos, nada é impossível quando as coisas que nós queremos fazer são feitas em benefício da maioria e não da minoria.

Queria dizer a vocês que temos um grande embate pela frente: é o embate dos biocombustíveis, da energia renovável. O Brasil estará realizando, nos dias 20 e 21 de novembro, em São Paulo, um grande evento internacional, para o qual eu já quero convidar todos os especialistas, para a gente debater com o mundo, em qualquer lugar do território ou do Planeta, a questão dos alimentos, a questão da inflação e, sobretudo, a questão da nova matriz energética que precisa despoluir um planeta tão poluído. É muito engraçado que os países responsáveis por 70% da poluição do Planeta, agora ficam de olho na Amazônia da América do Sul, como se fosse apenas nossa a responsabilidade de fazer o que eles não fizeram durante todo o século passado.

Eu queria aproveitar para dizer que o mundo precisa entender que a Amazônia brasileira tem dono e que o dono da Amazônia é o povo brasileiro, são os índios, os seringueiros, os pescadores, mas também somos nós, que somos brasileiros, e que temos consciência de que é preciso diminuir o desmatamento, é preciso diminuir as queimadas. Mas também temos consciência de que precisamos desenvolver a Amazônia, afinal de contas, lá moram quase 25 milhões de habitantes que querem ter acesso aos bens que nós temos no Rio de Janeiro, em São Paulo ou em qualquer outro lugar. Por que essas pessoas têm que ficar segregadas? Eu penso que esse será o debate das próximas duas décadas. O Protocolo de Quioto já faliu. Foi muito bonito assinar, maravilhoso, todo mundo assinou, agora, quem tinha que tomar medidas para cumprir o Protocolo de Quioto, nem referendou. Fomos nós que referendamos, e somos nós, com a utilização de 100% de etanol, que reduzimos ou tiramos do ar 800 milhões de toneladas de CO². Somos nós, com o etanol e com o biodiesel, que estamos oferecendo ao mundo a certeza de



que é possível construir um combustível não-poluente, e que poderemos avançar na construção de um etanol de segunda, de terceira geração. Temos cientistas para isso, afinal de contas, lançamos o PAC da Ciência e Tecnologia, e foram 41 bilhões, entre privados e públicos, até 2010.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu acho que não depende mais do governo, não depende mais da boa vontade do ministro João Paulo dos Reis Velloso, do governador Jacques Wagner ou do governador Sérgio Cabral. No Brasil, a coisa mais simplista do mundo é a gente transferir responsabilidade para os outros. A questão da inflação não é uma coisa apenas do governo. Eu jamais iria pedir para alguém ser fiscal de inflação. Mas a verdade é que todos nós temos um pouco de responsabilidade. Sabemos onde ela está, sabemos como ela vem e, portanto, a responsabilidade é de todos nós para a inflação não voltar mais, porque quem perde com isso são os pobres deste País. E se nós quisermos construir um mundo verdadeiramente mais justo, com menos bandidos, com menos crime organizado, com menos drogas, com menos violência, não tem saída, colocando mais policiais nas ruas. A saída é a presença do Estado, oferecendo oportunidades, oferecendo cultura, oferecendo lazer, oferecendo empregos, oferecendo renda, oferecendo saúde, oferecendo educação, como estamos fazendo agora, no Complexo do Alemão, em Manguinhos. Estamos fazendo porque acreditamos que na medida em que o Estado esteve, durante décadas, ausente, esse Estado passa a ser vítima das suas próprias políticas.

Um dia, aqui, junto com o Sérgio Cabral, eu ouvi uma pessoa muito importante do Rio de Janeiro, hoje senador, o Dornelles. O Dornelles, que já esteve em cargos muitos importantes da esfera federal, quando foi candidato ao Senado, depois das eleições, me disse o seguinte: “Presidente Lula, eu tenho a idade que tenho, já ocupei todos os cargos que ocupei, e somente na minha campanha para o Senado é que me dei conta de que, a poucos metros do meu nariz, estavam os grandes problemas do Rio de Janeiro, que eu



achava que estavam tão distantes, que eram tão distantes de mim. Eles estavam ali, no meu calcanhar”. Se todos nós fizéssemos essa descoberta, meu caro Sérgio Cabral, certamente a vida nas grandes regiões metropolitanas deste País iria melhorar. Eu tenho consciência de que o PAC é a grande revolução na área de urbanização de favelas, e para tentar consertar... Eu não chamo de fazer o novo, mas falo de reparação. O que nós estamos fazendo, atacando as favelas do Brasil, é uma reparação da irresponsabilidade administrativa que tomou conta deste País nos últimos 50 anos. Eu acho que isso só pode ser feito se nós estivermos acreditando no Brasil, se estivermos acreditando em nós, e se pararmos de olhar o chamado mundo desenvolvido, onde as coisas já estão mais ou menos boas.

Cada vez que discuto com um companheiro europeu... Eu acho fantástico cada vez que eu chego à Suécia, à Suíça, à Finlândia, à Dinamarca, nesses países desenvolvidos, o país parece a casa de um recém-casado que voltou de lua-de-mel: está tudo no lugar, não tem nada fora do lugar. O Brasil é uma casa de um casal que já tem dez filhos, que brigam entre si, que se chutam e que está tudo fora do lugar. O que nós estamos tentando é consertar, dar um rumo e despertar na cabeça de cada criança, de cada adolescente deste País... E são 4 milhões e meio, de 15 a 29 anos, que já desistiram da escola. Nós estamos tentando dizer para eles: “É muito melhor ser bom, é muito melhor ser justo, é muito melhor ter esperança, é muito melhor acreditar que a tua vida vai mudar, a partir de amanhã, para melhor. Ao invés de um revólver, pegue um caderno; ao invés de usar droga, vá para uma sala de aula”. Essa não é uma tarefa fácil e, por favor, não debitem isso nas minhas costas, porque esse é um problema secular e eu tenho apenas seis anos de governo, o Sérgio tem apenas três anos. Debitemos nas costas de todos nós, que vai ficar muito mais fácil, todos nós juntos, encontrarmos uma solução definitiva, para que este País, concomitantemente com o crescimento econômico e concomitantemente com a repartição de renda, se transforme em



um País, onde seus filhos tenham motivo e razão de sobra, para levantar todo dia dizendo: “eu sou brasileiro e não desisto nunca, eu amo o meu País”.

Muito obrigado e boa sorte ao Seminário.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Complexo Quarteirão da Saúde**

Diadema-SP, 26 de maio de 2008

Meu querido companheiro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Meu querido companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,

Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,

Minha querida companheira Marta Suplicy, ministra do Turismo,

Meu querido companheiro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República,

Dois grandes queridos companheiros que têm me ajudado no Senado, o companheiro Aloizio Mercadante e o companheiro Eduardo Suplicy,

Deputados federais que têm nos apoiado na Câmara dos Deputados: Arnaldo Faria de Sá, Cândido Vaccarezza, Carlos Zarattini, Paulo Teixeira e o nosso companheiro Vicentinho,

Meu querido companheiro José de Filippi Júnior, prefeito da cidade de Diadema, e nossa querida primeira-dama do município, Inez Maria Boffi de Filippi,

Deputados estaduais,

Deputadas,

Vereador Milton Capel, presidente da Câmara Municipal de Diadema, em nome de quem quero saudar a todos os vereadores presentes,

Meu caro Osvaldo Misso, secretário municipal de Saúde,

Luis Carlos Theóphillo, secretário municipal de Serviços e Obras,

Senhora Pubenza López, coordenadora-geral do Complexo Quarteirão da Saúde,



Nossa querida Maria Aparecida Flaviano Gomes, presidente do Conselho Popular de Saúde,
Companheiros da imprensa,
Secretárias municipais,
Agentes de saúde,
Médicos,
Dentistas,
Enfermeiros,
Auxiliares,
Companheiros e companheiras,

Vejam o que é o destino: em dezembro de 1983, portanto há 25 anos, a gente tinha eleito aqui, para prefeito, o primeiro prefeito do PT no Brasil, o companheiro Gilson Menezes. E aqui, dez meses depois de o Gilson ter tomado posse, nós inauguramos o primeiro pronto-socorro de Diadema, que funciona até hoje.

Passados 25 anos, o mandato do companheiro Filippi termina no dia 31 de dezembro à meia-noite, mas ele só vai dar posse para o próximo prefeito no outro dia de manhã. E, hoje, no último ano do companheiro José de Filippi, a gente inaugura essa obra que, sem dúvida nenhuma, é a melhor obra de saúde inaugurada em todo o ABC paulista. É a obra, certamente, mais qualificada para atendimento ao povo da cidade de Diadema.

Arlindo, é importante prestar atenção numa coisa, você e meu companheiro Temporão... José Mentor, eu não falei teu nome porque você não estava na nominata, mas você chegou agora, bem lembrado. Mas vejam que importante: se a gente for pegar os estudos de renda na cidade de Diadema, nós temos, em Diadema, quase que 90% da população entre as classes C, B e E, e nós temos 10% da população que pertencem às classes A e B.

Eu, que freqüento Diadema desde 1970, há 35 anos, quando aqui vinha



como diretor do Sindicato fazer panfletagem na porta de fábrica, e Diadema só tinha essa avenida, que não era esta avenida, era apenas um trechinho de asfalto aqui no meio e tinha um outro trecho de asfalto, aqui, que não tinha nem guia e nem sarjeta e que Diadema era tida como uma cidade quase que a prima pobre das pobres do ABC paulista.

Nesses anos, vocês, e você, companheiro Filippi, como último prefeito, vocês conseguiram transformar Diadema numa das cidades mais extraordinárias do ABC paulista. Aquela prima pobre que não tinha água potável, aquela prima pobre que não tinha luz na rua, aquela prima pobre que não tinha asfalto, nem guia e nem sarjeta na maioria das ruas, aquela prima pobre que diziam que para cá só vinham os pobres do Nordeste, aquela cidade que tinha 90 mortes por cada mil crianças que nasciam, aquela cidade que ganhou o primeiro pronto-socorro no governo do PT, com o companheiro Gilson, tem o prazer de anunciar ao Brasil, que quem quiser ver o que é respeito ao povo pobre deste País, venha ao Quarteirão da Saúde para ver a decência e a qualidade.

Aqui, companheiro Temporão, vai ser feito muito tipo de exame, aqueles que até agora só rico tem direito e eu também por ser presidente da República. Aqueles que só meia dúzia têm direito de ir ao Albert Einstein, de ir ao Sírio-Libanês, de ir ao Instituto do Coração, de ir em uma clínica particular de classe alta. Aquelas máquinas bonitas, que a gente jamais esperou que um pobre deitasse nelas para fazer um exame. Agora, Diadema, que não faz distinção de classe, que não divide as pessoas entre pobres e ricos, tem uma máquina em que, tanto pode deitar Sua Excelência, o presidente da República, ou Sua Excelência, o prefeito, e pode deitar nela, para fazer exame, o pedreiro que ajudou a fazer esta Casa de Saúde extraordinária.

Isso, meu querido companheiro Filippi, é uma revolução que um dia a história vai contar. O começo da criação de uma sociedade onde as pessoas não sejam tratadas em função da origem de berço, onde as pessoas não sejam



tratadas melhor em função da sua cor, onde as pessoas não sejam tratadas melhor em função da sua profissão, mas onde todos sejam tratados em igualdade de condições, porque todos são iguais perante a lei de Deus e perante a lei dos homens que está escrita na nossa Constituição.

O que nós estamos fazendo hoje, com a inauguração desse Quarteirão da Saúde, é possivelmente a maior lição de cidadania que a gente pode dar àqueles que ainda teimam em achar que pobre não tem que ter os mesmos direitos que os ricos. Nós, e eu, como presidente da República, quando venho aqui, eu não venho pedindo para vocês freqüentarem, porque se eu pudesse fazer um pedido para vocês ou para Deus, eu ia pedir: Deus, faça com que nenhuma dessas mulheres e desses homens precise entrar neste hospital, para eles nunca ficarem doentes. Mas eu sei que não é assim, eu sei que neste País muita gente ainda morre por falta de atendimento. Eu sei que neste País muita gente ainda vai a um hospital e, quando precisa de um especialista, ainda é obrigado a esperar meses e meses, como se a gente pudesse pedir para a doença: “espera que o meu médico só vai poder me atender daqui a oito meses. Espera um pouco, doença”.

Nós, em dezembro do ano passado, tivemos uma derrota no Senado da República. Nós assistimos, embora tivéssemos maioria no Senado, nós assistimos aos senadores da oposição não deixarem passar a CPMF, porque nós tínhamos lançado um programa chamado PAC da Saúde, onde nós iríamos investir mais 24 bilhões de reais para melhorar a saúde, para levar médicos à sala de aula para atender a criança quando ela começasse a estudar, levar dentista para ver uma criança no primeiro dia de aula, levar um oftalmologista para cuidar dos olhos da criança no primeiro dia de aula. Isso, por enquanto, meu companheiro Arlindo, está parado. Mas nós somos teimosos, e nós vamos, aos poucos, colocar em prática o PAC da Saúde, porque nós entendemos que esse Quarteirão da Saúde precisa ser um estímulo, companheiro Temporão, para que a gente possa fazer outros



Quarteirões da Saúde espalhados por todas as cidades brasileiras, para que as pessoas tenham tratamento de primeira classe, para que as pessoas sejam respeitadas.

Eu acho que, de vez em quando, eu agradeço até pela nossa oposição ter reprovado a CPMF. A verdade é que nenhum empresário reduziu o custo dos produtos que eles vendem por conta da CPMF. Se alguém souber de um produto que caiu de preço, porque os empresários retiram do preço o 0,38%, me diga, que vai merecer um prêmio. O dado concreto, é que nós apenas somos truncados para não fazer tudo que a gente quer fazer no País.

Quando eu pensei no programa Brasil Sorridente, é porque eu estava inconformado de andar por este interior, de andar por este País, Temporão, e encontrar meninas de 15 anos de idade, meninos de 16 anos de idade, de 17 anos de idade, já sem poder sorrir porque não tinham os dentes da frente, porque não tinham água tratada, porque os dentes ficavam cariados e eram obrigados a extrair, porque pobre não tinha tratamento de canal, pobre não tinha ortodontia, pobre só podia arrancar um dente. Esse era o tratamento que era dado para pobre neste País. O Brasil Sorridente ainda não cumpriu com todos os objetivos que nós queremos, porque ainda não foi possível fazer o tanto de consultórios que nós precisamos fazer. Mas quando você me disse, Filippi, que aqui, talvez, seja o menor índice de cárie de todo o País ou de toda São Paulo, quando você me disse que aqui vai ter 11 gabinetes odontológicos, com dentistas trabalhando o dia inteiro para cuidar do povo, eu sou obrigado a terminar aqui dizendo para vocês: que Deus faça com que eu e todos os outros que dirigem alguma coisa neste País, se lembrem de que Diadema conquistou uma coisa que disse a nossa companheira Aparecida...

Os prefeitos que estão de fora, não pensem que o Filippi tem moleza aqui, não. Esta cidade aqui, no nosso primeiro governo, eu não agüentava levantar às três horas da manhã, com a turma que era contra o Gilson, com gravador para falar mal do Gilson. Depois, a turma que era favorável ao Gilson,



com gravador para falar mal da turma que ia lá falar mal do Gilson. Eram duas horas da manhã, três horas da manhã, quatro horas da manhã.

Essa cidade aqui, companheiros, é uma cidade guerreira, é uma cidade em que as pessoas conquistaram cada coisa lutando, perseverando e, eu diria, com muita consciência política.

Eu, Filippi, não poderia deixar de te dar os parabéns. Desde 2004, o Filippi me fala que precisa de um pouquinho de dinheiro do governo federal. O pouquinho dele é que é mais do ele colocou. Mas, aí eu pensava que a gente ia inaugurar em 2005. Não foi possível. Imaginava que a gente ia inaugurar em 2006. Não foi possível. Vem 2007, e o Filippi toda vez ligava: “Estão faltando umas quirelinhas, estão faltando cinco mil, o novo Ministro não quer dar, estão faltando oito”. E o Ministro falava: “A cada dinheiro que a gente dá, o Filippi aumenta um pedaço do Quarteirão da Saúde”. Era uma coisa que, no começo, era para custar 25 milhões, chegou a 70 milhões. Porque, na verdade, não é um pronto-socorro, não é um hospital, é um conjunto de coisas boas para a população. Porque eu espero, Filippi, que tenha um carrinho para carregar as pessoas, porque até a pessoa atender todos os consultórios que tem aí, todos os médicos que tem aí, todos moças e rapazes bonitos, todos simpáticos, devem até ganhar um salário bom, ajudados pelos agentes de saúde que vão às casas antes, para evitar que as pessoas fiquem doentes. Eu espero, de coração, que a gente possa ter condições de fazer mais Quarteirões da Saúde como este.

Minha mulher veio aqui com a Inez fazer uma visita. A Marisa chegou a Brasília, boquiaberta, com a beleza disso aqui. E eu te confesso, Filippi, que, no primeiro momento, eu não tinha dimensão do que era. Eu achei que era apenas mais um pronto-socorro. Mas quando o meu carro apareceu naquela esquina, que daquela esquina eu vi essa fachada, eu falei: é mais uma fachada, vamos ver por dentro. E entrei lá por trás, e comecei a andar, e comecei a ver consultórios, e comecei a ver médico, e comecei a ver



máquinas, eu falei: não apenas as crianças vão morrer menos em Diadema, mas os velhinhos vão viver mais em Diadema, vão ter mais longevidade. Eu espero que todas as máquinas para cuidar das mulheres também funcionem bem, porque nós sabemos o quanto a mulher precisa ser tratada com carinho especial e há alguns exames que somente elas, mulheres, têm que fazer.

Eu quero dar os parabéns ao companheiro Filippi. De coração, Filippi, eu acho que muitos prefeitos brasileiros de cidades mais ricas do que Diadema deveriam passar aqui nesta avenida e voltar para a sua terra com vontade de fazer igual ou melhor do que você fez.

Quero agradecer aos vereadores que certamente aprovaram verbas para que o companheiro Filippi pudesse trabalhar. Quero agradecer as emendas da Assembléia Legislativa, mesmo que poucas, foram 1 milhão e meio, que deu para ajudar a fazer alguma coisa aqui. E quero dar os parabéns ao ministro Temporão, porque embora ele saiba que eu sou amigo do Filippi, ele não pode ir dando verbas para o Filippi em detrimento a outras prefeituras, mas ele deu apenas aquilo que era necessário para fazer. Quero agradecer ao Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara e aos deputados que, por mais que apareçam na televisão divergências, a verdade é que o governo conseguiu aprovar, até agora, 99% de todas as coisas que eram importantes serem aprovadas para o nosso País. Agradecer aos nossos senadores. E, sobretudo, agradecer ao povo de Diadema.

Eu queria dizer para vocês que meu mandato termina no dia 31 de dezembro, dois anos depois do mandato do Filippi. E eu tenho fé em Deus que, da mesma forma que eu comecei, em 69, andando por Diadema, eu vou continuar andando por Diadema a partir de 2010, porque aqui eu preciso provar que não venho à busca apenas de voto, aqui eu tenho muitos companheiros e companheiras, que independem do processo eleitoral.

Meus parabéns a Diadema. Que Deus abençoe todos vocês. E que Diadema possa continuar sendo exemplo para São Paulo e para o Brasil.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um abraço.

(S211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de lançamento do Programa de Modernização e Expansão da Frota e de Embarcações de Apoio da Petrobras

Niterói – RJ, 26 de maio de 2008

Prometo não falar do Corinthians, nem do Vasco e nem do Flamengo. Hoje, eu quero falar de nós mesmos.

Primeiro, quero cumprimentar o querido companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Cumprimentar o querido companheiro governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,

Cumprimentar o companheiro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social,

Nosso querido Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar os companheiros senadores, Paulo Duque e Eduardo Suplicy,

Deputados federais, Alexandre Santos, Chico D'Angelo, Edmilson Valentim, Edson Ezequiel,

Nosso companheiro Godofredo Pinto, prefeito de Niterói, na pessoa de quem quero cumprimentar os demais prefeitos da região,

Nosso companheiro Márcio Zimmermann, secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia,

Nosso querido Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Nosso querido companheiro Sérgio Machado, presidente da Transpetro,

Nosso companheiro Ariovaldo Rocha, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Naval,

Nosso companheiro Hélio Seidel, coordenador da Federação Única dos Petroleiros da FUP,



Nosso companheiro Reginaldo Costa e Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói,

Minha querida companheira Tainá dos Santos, soldadora do Estaleiro Mauá,

Meu caro companheiro Raildo Viana, oficial de náutica da Transpetro,

Meus caros empresários, empresárias da Indústria Naval de Offshore,

Minhas queridas e queridos companheiros da Petrobras e Transpetro,

Meus amigos e minhas amigas,

Vamos, aqui, dizer que no próximo anúncio que nós fizemos aqui da Indústria Naval, o meu cerimonial vai colocar o presidente do Sindicato dos Trabalhadores ao lado do presidente do Sindicato da Indústria Naval e, entre uma conversa e outra, eles sairão daqui acordados sem que tenha muita divergência. Colocaram um numa ponta, outro na outra, como se fossem adversários quando, na verdade, um depende do outro.

Mas, meus amigos, tudo que eu tinha escrito aqui já foi dito pelos companheiros que me antecederam, inclusive alguns números que eu ia citar aqui o Sérgio Machado já tratou de citar. Agora, o que me dá orgulho, e muito orgulho, é saber que nós fomos capazes de construir o momento que nós estamos vivendo.

Eu me lembro quando tomei posse, em 2003, sempre as pessoas me cobravam, quem é que ia ser o Ministro da Fazenda, quem é que ia ser o Ministro do Planejamento... Porque quando os outros ganhavam, ninguém queria saber nada. Mas quando dependia de mim, então todo mundo queria saber, que era para poder demonstrar confiança ao mercado. Eu lembro que eu disse que nós iríamos começar fazendo o necessário, depois nós íamos fazer o possível e quando menos se esperasse de nós, nós estaríamos fazendo o impossível. E isso está acontecendo aqui, neste momento. Quando nós tomamos posse, a indústria naval brasileira que já tinha tido 36 mil



trabalhadores, na década de 70, estava reduzida a pouco mais de 1.900 trabalhadores. Apenas cinco anos e meio depois, essa indústria naval já está com 40 mil trabalhadores, isso porque mandaram sete diretores do sindicato embora, era para estar com 40.700. E porque nós ainda não contratamos os 600 que foram formados e que estão ávidos para trabalhar, na medida em que as encomendas comecem a aparecer? Obviamente, que todos nós sabemos que para contratar mais trabalhadores é preciso que tenha mais contratos de navios e que esses contratos sejam de médio e de longo prazo para que as empresas também possam pensar o seu futuro, contratando as pessoas dentro da certeza de que as encomendas vão acontecer. O que nós não podemos aceitar e permitir é que erros do governo, erros do Sérgio Cabral, erros do Sérgio Gabrielli, erros do Sinaval ou erro de qualquer um de nós... a gente possa anunciar um grande Programa de contratação de navios, vocês fazem os estaleiros, contratam os funcionários, depois não têm os navios. Aí a vaca vai para o brejo. Então, é preciso que isso funcione como se fosse uma orquestra bem articulada, bem afinada, em que a gente saiba, no longo prazo, quantos navios nós queremos, quantas sondas nós queremos, quantas plataformas nós vamos ter, porque aí a gente vai poder dizer quantos estaleiros e quantos diques secos nós vamos precisar no Brasil. E aí, também, nós vamos saber quantos trabalhadores nós vamos precisar contratar para concluir esse projeto todo que nós estamos desenhando neste momento e neste ato que estamos fazendo aqui. Eu estou convencido de que é um momento sem volta, é um momento em que não haverá retrocesso.

É preciso lembrar a todos vocês que a primeira tentativa do Estado brasileiro de oferecer recursos para ampliação e o fortalecimento da indústria naval ocorreu há 50 anos, no Plano de Metas do presidente Juscelino Kubitschek, quando foi criado o Fundo da Marinha Mercante no nosso País. E todo mundo sabe que o Juscelino tinha uma visão de futuro, pensava como estadista e, por isso, pensava que a indústria naval não era uma coisa



secundária para o País. Noventa e cinco por cento de tudo que nós compramos e que nós vendemos vai de navio. Não vai nem de carro, nem de caminhão, nem de trem, nem de avião, vai exatamente de navio.

E a coisa mais absurda que aconteceu neste País é que, um dia, alguns iluminados resolveram dizer ao País que nós não precisaríamos de Marinha Mercante, que nós não precisaríamos de indústria naval, que ficaria muito mais barato comprar as coisas lá fora.

Vejam só, se a gente deixasse a nossa querida Petrobras trabalhar apenas pela cabeça empresarial, que é justo que tenham os companheiros da direção da Petrobras, se eles apenas pensassem em perdas e danos no curto prazo, obviamente que ficaria mais fácil para a Petrobras comprar lá fora. Por que eu vou encomendar um navio aqui que não tem estaleiro? Vai demorar! É mais fácil ir à Coréia, ir a Cingapura, ir à Noruega, ir não sei aonde e comprar o navio pronto. Não tem nenhum problema, quem sabe até saísse um pouco mais baratinho do que o que a gente constrói aqui. Isso é verdade. Agora, o que nós estamos construindo, junto com os nossos companheiros da Petrobras? É que a visão não pode ser apenas a de curto prazo. É preciso ter consciência de que uma empresa como a Petrobras não pode existir apenas para ser a 6ª maior empresa do mundo, a 3ª das Américas. Não! Ela existe também para ser a alavancadora do desenvolvimento deste País, a geradora de oportunidades para outros setores da sociedade.

Eu já vi, José Sérgio, em debates, economistas dizerem o seguinte: “Ah, o Presidente está dizendo que a Petrobras tem que fazer aqui, mas fica mais barato comprar lá fora”. Agora, sabe, a imbecilidade chega a tal ponto que as pessoas não se lembram de que, ao investir aqui, a gente vai contratar um trabalhador, que vai estar com um macacão, como vocês estão, que vai ganhar um salário, que vai virar consumidor, vai cuidar da família, portanto, vai gerar um emprego no comércio, que vai comprar mais da fábrica, que vai contratar mais um trabalhador, mais um consumidor. E assim a gente vai construindo



uma nação de homens produtivos, de homens trabalhadores. E é esse o papel que o Estado brasileiro tem que jogar, porque se não for o orgulho de vocês estarem com o macacão, cuidando do filho de vocês, o crime organizado está aí, à espera dos deserdados deste País para crescer e para mandar na sociedade brasileira. Porque nós precisamos pensar no País como um todo, no resultado de cada gesto, no resultado de cada aplicação, no resultado de cada empreendimento.

E é com muito orgulho que eu me sinto um dos responsáveis pela recuperação da indústria naval no nosso País. Sinto-me orgulhoso. Porque vesti o meu primeiro macacão na vida em janeiro de 1965, portanto, já faz muito tempo que eu vesti um macacão. E eu sei o orgulho, eu sei o que significa para um chefe de família, eu sei o que significa para uma mãe ter o seu filho de 18 anos perambulando pelas ruas quando no fundo, no fundo, ela gostaria que ele estivesse ou numa escola estudando, ou no mercado de trabalho, trabalhando.

Este País, que tem tudo para ser o mais extraordinário país do mundo, ficou três décadas sem oferecer oportunidade à sua indústria e ao seu povo. Foram três décadas de estagnação. E, sobretudo, nas duas últimas décadas, se vendeu a idéia de que nós não precisaríamos produzir nada, era mais fácil a política do “prato feito”, comprar tudo pronto. E o nosso País, por conta disso, gerou, na periferia dos grandes centros urbanos, um exército de milhões de adolescentes de 15 a 29 anos que passaram boa parte da sua vida sem ter oportunidade.

Quando eu vejo uma menina dessas de macacão, sendo soldadora, lembro que há 30 anos soldador era uma profissão de homem, mulher não trabalhava de soldadora, porque era uma profissão insalubre. E quando a gente vê uma companheira com o orgulho com que ela me abraçou ali dentro, na hora em que estávamos esperando, eu fico imaginando quantas meninas e quantos meninos a gente pode transformar em pessoas orgulhosas de serem



brasileiras e brasileiros.

Este ato de hoje, meu caro Sérgio Cabral, é mais um passo na consolidação da nossa indústria naval. E nós queremos mais estaleiros, mais estaleiros no Rio de Janeiro, mais estaleiros em Pernambuco, mais estaleiros na Bahia, porque se a gente não fizer mais estaleiros, quando a Petrobras precisar de mais navios, não tendo estaleiros, a gente vai ter que comprar lá fora.

Eu não quero que a Petrobras, porque descobriu o pré-sal, vire apenas uma grande exportadora de petróleo. Não. Vamos exportar. Não quero que o presidente da República do Brasil coloque aqueles panos na cabeça, como se fosse um sheik do petróleo. Não. Eu quero que a gente aproveite o petróleo para industrializar este País, para consolidar um modelo de desenvolvimento baseado numa indústria nacional forte, com muito investimento em tecnologia, muito investimento em mão-de-obra qualificada. Porque aí, não vamos ser mais nós que vamos contratar navios lá fora, serão eles que virão contratar aqui. Nós temos toda a América do Sul, nós temos toda a África. Cada país africano, agora, está descobrindo petróleo, vão fazer os seus investimentos. Na América do Sul, quase todos os países. E o Brasil não vai jogar fora essa oportunidade.

Eu quero dizer aos empresários brasileiros e às nossas empresárias: confiem, porque a indústria naval brasileira veio para ficar, ela veio para ganhar e para se transformar, outra vez, na grande indústria naval do mundo. Quero dizer aos companheiros empresários e aos companheiros trabalhadores: nós temos que aproveitar este momento para estabelecer a concórdia e a harmonia entre nós. Eu acho justo que os trabalhadores se manifestem, reivindicuem. Acho justo que, no primeiro momento, os empresários digam que não vão dar, mas depois sentem à mesa de negociação. E acho justo que a gente possa consolidar não apenas o crescimento da indústria naval, mas a gente possa consolidar uma indústria naval com trabalhadores altamente qualificados, com



trabalhadores bem remunerados, porque isso vai fazer com que a nossa indústria não apenas seja grande, mas que possa ser melhor do que outras indústrias navais espalhadas pelo mundo afora.

Eu quero dizer aos companheiros trabalhadores, saio daqui agora, vou para Diadema para inaugurar um hospital. A imagem que vai ficar aqui ou que a imprensa vai escrever amanhã, a imagem que vai ficar aqui, na minha cabeça, não é a discussão que o nosso presidente do Sindicato, justamente, cobrou aqui. A imagem que eu vou levar daqui é ver brasileiros e brasileiras, chefes de famílias, trabalhadores, sentados e em pé, dizendo: agora, sim, vale a pena eu ter mais orgulho de ser brasileiro e brasileira.

Um abraço e parabéns a todos.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de entrega da primeira locomotiva de grande porte produzida
no Brasil**

Contagem – MG, 27 de maio de 2008

Primeiro quero dizer a todos vocês, da alegria de estar aqui na GE hoje, na cidade de Contagem, no nosso querido estado de Minas Gerais.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro, governador do estado Aécio Neves e cumprimentando o Aécio, quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras que estão aqui na mesa, porque eu quero falar um pouco do significado do dia de hoje.

Primeiro, Aécio, você e a Marília, é importante que a Cláudia Goulart, que não trata de locomotiva, mas trata da saúde de quem trabalha com a locomotiva – aquela moça bonita de vermelho – já assinou, parece, um contrato para ser feito aqui em Contagem. Então, parabéns à GE Saúde, que como mineira, silenciosamente estava trabalhando, Aécio, enquanto você e Miguel Jorge falavam.

Eu quero dizer aos empresários aqui presentes, aos representantes das empresas brasileiras e aos trabalhadores, uma coisa importante que está acontecendo no Brasil. Ontem, eu fui ao Rio de Janeiro, participar de um evento da Petrobras e da indústria naval brasileira. Nós assinamos um acordo para a construção de mais 42 navios construídos por estaleiros brasileiros. E até 2014, nós teremos que produzir mais 200 navios no Brasil. Navios grandes, navios médios e navios de apoio para a atividade da Petrobras, sobretudo, depois da camada pré-sal, que nós esperamos que tenha mais petróleo do que o mais otimista dos brasileiros acredite. E lá, ouvindo os discursos, tanto dos trabalhadores quanto dos empresários, me chamou a atenção para o momento em que este País teve um homem que pensou grande, que foi o nosso



saudoso mineiro Juscelino Kubitschek, com o seu Plano de Metas para o Brasil.

Ali ele pensou uma marinha mercante forte, ali ele pensou uma indústria naval forte, ali ele pensou uma rede de ferrovias muito forte. Pensou também em rodovias, porque no Brasil, o grande problema que a gente tem, é que de vez em quando, para criar uma coisa, a gente quer anular outra, quando na verdade seria a gente tentar, sempre, combinar as duas porque se nós conseguirmos combinar um sistema perfeito intermodal de transporte, seria a solução para todos nós, aproveitando o potencial de hidrovias que temos, aproveitando a costa marítima que temos, aproveitando as rodovias que temos e as ferrovias que nós precisamos fazer, novas, e as que precisamos recuperar.

Eles me diziam que a indústria naval brasileira, na década de 70, só perdia para a indústria naval do Japão. Era a segunda maior indústria naval do mundo. Trinta anos depois, uma indústria naval que chegou na década de 70 a ter 36 mil trabalhadores, tinha apenas 1.900 trabalhadores, não construía mais nenhum navio, apenas fazia conserto em alguns navios. Nós entendíamos que era possível recuperar a indústria naval brasileira. Fizemos um desafio aos empresários da indústria naval, fizemos um desafio à indústria de base brasileira, fizemos um desafio ao BNDES e ao próprio companheiro nosso, o ministro da Fazenda, para que a gente fizesse funcionar o Fundo da Marinha Mercante, que foi criado pelo Juscelino Kubitschek e passados apenas quatro anos e meio, a indústria naval brasileira já tem hoje, 40 mil trabalhadores com carteira assinada, construindo navios e barcos por este País afora.

Só para a gente ter idéia do que vai acontecer no Brasil, além dos navios, a Petrobras precisa contratar, quase com uma certa rapidez, 26 sondas. Além das sondas, contratar mais plataformas. Nós estamos trabalhando, primeiro, para atender à demanda da Petrobras, para garantir que essa demanda permita que a gente reconstrua a nossa indústria naval, e que a



gente possa ter engenharia para produzir aqui, com componentes nacionais, grande parte de tudo o que vamos precisar para extrair a quantidade enorme de petróleo que temos na camada pré-sal.

Falando nos navios, eu me lembro das ferrovias. Eu me lembro que em 2004, se não me falha a memória, fui à cidade de Osasco inaugurar a nova fábrica de vagões, onde era a antiga Cobrasma. Todo mundo se lembra que a Federação das Indústrias de São Paulo teve um presidente chamado Luiz Eulálio Bueno Vidigal, que era dono da Cobrasma, onde houve a famosa greve de 1968, com o líder sindical José Ibrahim, e logo depois a grande greve de Contagem, também em 1968.

Nós tínhamos parado de produzir trilhos no Brasil, nós tínhamos parado de produzir vagões. O Ivoncy Ioschpe disse que a encomenda que tinha tido, no ano anterior, era de apenas 200 vagões. Eu fui inaugurar a nova Cobrasma, produzindo então vagões e rodas para trens, e lá tive a oportunidade de conhecer um metalúrgico que, em 1968, apertou a campainha da Cobrasma, que era a senha para os trabalhadores entrarem em greve. Ele foi preso logo em seguida, mas apertou a campainha. E esse trabalhador, emocionado, com lágrimas nos olhos, dizia para mim que ele não imaginava que fosse viver para ver o Brasil produzir novos vagões, novas rodas para trens, novos trilhos e, muito menos, novas locomotivas.

Hoje, a indústria brasileira... Por isso, o meu agradecimento à direção da GE, que acreditou numa conversa que tivemos em meu gabinete, de que podiam apostar na construção de locomotivas aqui no Brasil, porque nós iríamos recuperar as ferrovias brasileiras, iríamos construir as parcerias que faltavam ser feitas no Brasil e, ao mesmo tempo, iríamos fazer as ferrovias novas que precisam ser feitas.

O Brasil, nos próximos anos, se transformará num grande exportador mundial. E nós sabemos que para ser um grande exportador, precisamos ter meios de transporte ágeis e baratos. Noventa e cinco por cento do transporte



brasileiro que vai para o exterior, vai de navio. Portanto, temos que fazer as nossas ferrovias chegarem até os principais portos brasileiros, e construir os portos que ainda precisamos construir. Obviamente que a gente não vai querer construir nada novo enquanto não fizer funcionar as coisas que já existem e que não estão funcionando adequadamente. Por isso, estamos no processo de dragagem dos 17 principais portos brasileiros; por isso, tomamos a decisão de construir a Ferrovia Transnordestina, que é uma ferrovia de quase mil e 700 quilômetros. Muita gente dizia: “Ela não é economicamente viável”, e o Estado brasileiro, de vez em quando, precisa convencer os empresários de que a construção dessa obra a transformará em uma obra economicamente viável. Esperar ter o dinheiro primeiro para começar a construir a ferrovia, não daria certo. Vamos fazer a ligação com as regiões que produzem soja no País, vamos tentar ligar a região que produz muito gesso no País, e vamos transformar essa Ferrovia que está desmontada há mais de 30 anos, em uma ferrovia para ligar dois portos importantes, Suape e Pecém, passando em Alagoas e passando em Eliseu Martins, no estado do Piauí.

Quando nós chegamos, eu fui inaugurar um trecho da ferrovia, Alfredo, me corrija aqui, da Ferronorte se não me falha a memória naquela época, em que nós formos lá perto de Rondonópolis e a rodovia estava pronta, vai até Santos, mas faltavam 280 quilômetros para chegar a Rondonópolis, que é um grande centro produtor deste País. Eu lembro que na viagem de 100 quilômetros, que eu fiz de trem, os empresários me prometeram: “nós vamos fazer, vamos fazer”. Mas na verdade, os empresários não se entendiam entre eles porque tinham ferrovias diferenciadas e estavam brigando entre si. Eu sei que, somente no ano passado é que nós conseguimos convencer – hoje parece que a LS – de que aquele trecho é extremamente importante ser feito e agora o ministro dos Transportes me comunicou que já tem os contratos assinados, não sei se vai entrar em licitação, já vai começar a obra, para que a gente possa, dar ao Brasil, a oportunidade de escoar a sua produção com a



facilidade de um país, que quer se transformar em uma grande nação, precisa ter.

E quando eu venho aqui hoje, inaugurar essa locomotiva, quem não entrou, se entrar vai pensar que está na cabine de um avião, tal é a modernização dentro da cabine daquela locomotiva. E quando a gente sabe que ela pode substituir algumas dezenas e dezenas de carretas que passam pelas estradas brasileiras, nós também queremos afirmar que não queremos tirar as carretas das estradas brasileiras, porque queremos dar empregos para os motoristas, mas o motorista de caminhão não pode transportar uma carga por 2 ou 3 mil quilômetros. Carga tem que ser transportada de caminhão por 200 ou 300 quilômetros no máximo. Nós temos que construir e aprender a conviver com terminais que possam fazer com que os caminhões sejam apenas os entregadores em curtas distâncias e que os trens, as hidrovias e o transporte marítimo se encarreguem de fazer o restante do transporte neste País.

A GE, eu diria, quase dá um presente ao Brasil, a Minas Gerais, a Contagem, mas me dá um presente, porque nessas conversas que a gente tem com empresários e os empresários têm com a gente, nem sempre a gente acredita no empresário e nem sempre o empresário acredita na gente e me parece que nessa coisa, pintou uma química de otimismo neste País, porque em um tempo muito menor do que a gente esperava, eu fui convidado a vir aqui com o governador para inaugurar essa primeira locomotiva. Eu poderia agora, dizer aos companheiros da direção da GE e aos trabalhadores: estejam certos de que não tem retorno para o Brasil. Eu não vou dizer de forma brusca e grosseira: agora vai ou racha. Eu não vou dizer porque eu não quero que rache, eu quero que vá.

Mas a verdade é que o povo brasileiro encontrou um jeito de fazer com que as coisas dessem certo neste País. O País encontrou um jeito de fazer com que as pessoas confiem nas conversas que tenham com os governantes,



com os políticos e com os empresários brasileiros. E quero dizer mais para a GE. Não é apenas o mercado brasileiro, é o mercado da América do Sul, é o mercado da América Latina e é o mercado africano, que pouca gente presta atenção. Países como Angola estão crescendo a 19% ao ano e se o Brasil não tomar cuidado e fizer as parcerias que precisa fazer na África, podem ficar certos, que já tem gente fazendo. Os chineses estão lá, investindo em ferrovia, investindo em hidrovia, investindo, sobretudo, na busca de minérios de tudo que possa ter embaixo da terra e o Brasil não pode ficar parado, esperando ver as coisas acontecerem no continente africano, sem a nossa participação.

Portanto, eu acho que a GE – e queria que vocês marcassem o dia de hoje – marcou um gol extraordinário, acreditando no potencial ferroviário brasileiro. Podem ter certeza de que eu pretendo viver ainda uns 30 anos, se Deus for condescendente comigo, e nós nos encontraremos daqui a uns 10 anos para ver o que aconteceu nesta fábrica da GE em Contagem, e o que aconteceu no sistema ferroviário brasileiro.

No mais, quero parabenizar a nossa Marília, que veio aqui, humildemente, falou seus dois minutinhos, saiu daqui sem pedir nada, e ganha de presente uma fábrica de alto valor agregado, uma fábrica de tomógrafo. Eu acho que Contagem ganha mais um grau de confiança. É importante, Aécio, saber porque a GE está acreditando muito em mim. Você percebeu que a Diretoria é quase toda mineira.

Da nossa parte, Governador, Prefeita e empresários diretores da GE, queremos dizer a vocês que estamos dispostos, junto com a Prefeita e com o Governador, a fazer o que pudermos para que isso aqui se transforme também num grande centro de engenharia, e que a gente possa exportar não apenas as locomotivas, mas a inteligência do povo brasileiro em forma de produtos com muito valor agregado.

Parabéns aos trabalhadores da GE, parabéns ao povo de Contagem, parabéns ao povo de Minas Gerais e parabéns à Direção da GE.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um abraço e boa sorte no Brasil.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse do novo ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc**

Palácio do Planalto, 27 de maio de 2008

Meu estimado companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu mais novo ministro empossado, Carlos Minc, ministro de Estado do
Meio Ambiente,

Minha querida companheira Marina Silva, ex-ministra e hoje senadora da
República,

Meu caro Capobianco, que assumiu o cargo de ministro interino com o
afastamento da companheira Marina,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Meus companheiros governadores de estado, estou vendo aqui o
Wellington, do estado do Piauí; Sérgio Cabral, do estado do Rio de Janeiro,

Companheiros ministros presentes,

Companheiros deputados,

Companheiros senadores,

Companheiros e companheiras que vieram a esta posse do
companheiro Carlos Minc como ministro do Meio Ambiente,

Não é a primeira vez que eu digo que esse é o pior momento do
exercício do governo, talvez em todos os níveis. Sempre a saída de um
companheiro ou de uma companheira do governo nos deixa muito
sensibilizados e muito tristes, ao mesmo tempo em que a entrada de um novo
companheiro é motivo de alegria.

Eu penso que, de uma vez por todas, nós precisamos compreender que
a questão ambiental no Brasil e no mundo precisa ser tratada com a seriedade,



não que o mundo exige de nós, mas com a seriedade de quem precisa cuidar dos que hoje habitam o Planeta e dos que virão depois de nós.

Eu penso que todos nós sabemos que acabou o tempo em que as pessoas entendiam que o processo de degradação ambiental, de poluição das nossas águas, de matança da nossa fauna, da nossa floresta fosse qualquer exemplo de desenvolvimento.

Eu fui deputado constituinte e lembro que naquele período, quando se discutia a questão ambiental, havia um debate se nós iríamos permitir o crescimento da população de jacaré no Brasil, ou se nós iríamos distribuir motosserra para resolver o problema do desenvolvimento da Amazônia. Eu lembro até que um canal de televisão tinha um programa especial, transmitido lá do estado do Amazonas, em que a disputa se dava entre os que queriam salvar os jacarés e os que queriam cortar, com motosserra, toda a Amazônia. E isso perpassou meses e meses da Constituinte.

Lembro de outros debates em que muitas pessoas tratavam a questão ambiental como se nós quiséssemos transformar todos os lugares a serem preservados, como se fossem uma coisa intocável, sem levar em conta que era possível encontrar sempre um jeito de fazer com que o desenvolvimento pudesse chegar a todas as regiões do País sem que nós precisássemos destruir aquilo que era essencial à vida humana.

A companheira Marina cunhou uma frase importante, logo que tomou posse como ministra, em 2003, que tinha acabado, no Brasil, o momento em que se discutia apenas a palavra “proibir fazer”. E ela disse: Ao invés de proibir fazer, nós precisamos discutir o “como fazer”. E esse foi o comportamento da companheira Marina, durante 5 anos e meio em que foi ministra do Meio Ambiente.

Sabe a companheira Marina que não foi fácil, não é uma tarefa fácil. Porque sempre haverá aqueles que acham que desenvolver o País é degradar, e sempre haverá aqueles que acham que desenvolver o País é destruir um



pouco das coisas que nós temos, a qualquer custo. Isso não é verdade e não pode ser assim. Mas, também não pode ser verdade que não se possa fazer nada, como também alguns defendem, tentando transformar determinadas áreas do Brasil em santuários da humanidade. A Marina provou que a sensatez, a habilidade política, o respeito às leis e a competência técnica podem trabalhar juntos, quando se instituiu a transversalidade no nosso governo e conseguimos fazer o projeto da rodovia possivelmente mais bem projetada, que foi a BR-163. Soube fazer isso também, quando depois de discutir com tantos e tantos ministros, consegui organizar o licenciamento para que nós pudéssemos fazer o processo de integração das bacias do São Francisco com o processo de revitalização. Soube fazer isso quando, na última semana antes de sair, apresentou aqui, neste plenário, o Plano Amazônia Sustentável. Um programa que levou quase cinco anos para ser elaborado, um programa que levou quase cinco anos para ser elaborado, um programa em que teve a paciência de ouvir todos aqueles que pensavam contra, todos aqueles que pensavam a favor, os governadores, os prefeitos, os especialistas. E o resultado de tudo isso foi a apresentação de um programa, apresentado aqui neste salão e que, lamentavelmente, companheira Marina, não mereceu quase nenhuma lembrança da imprensa brasileira. Se você pegar o que foi publicado do PAS, no dia seguinte, a impressão que eu tive é que nós não fizemos nada aqui, porque os ouvidos moucos não quiseram retratar a força daquilo que aqui foi apresentado.

A companheira Marina sabe, como ninguém, o quanto ela apanhou. Não foram poucas as vezes em que, em conversas com a Marina, ela me dizia: “Eu já falei, já dei entrevista, já publiquei, mas não adianta, Presidente, não sai”. Porque, muitas vezes, as coisas para acontecerem no Brasil, precisam estar primeiro no *New York Times*. Foi assim que o nosso bravo lutador Chico Mendes, depois de anos e anos de luta, começou ser conhecido e a ser levado a sério no Brasil, sobretudo por uma parte do Brasil mais distante de Xapuri,



depois que ele foi premiado internacionalmente.

Hoje, eu vejo o mundo falar da Amazônia como se o mundo, além do interesse, que é bom que se tenha pela Amazônia, quisesse dizer que a Amazônia é uma coisa do mundo e não uma coisa do Brasil.

Eu, muitas vezes, leio artigos nos jornais, leio entrevistas de dirigentes estrangeiros, que ao discutir a questão do aquecimento global, eles não discutem o desmatamento que já fizeram nos seus países, eles não discutem a quantidade de emissão de gases CO₂ que emitem todo santo dia, eles não discutem diminuir minimamente o padrão de consumo que eles têm, porque eles acham que nós, brasileiros, temos que fazer aquilo que eles não fizeram e sequer, tomaram a decisão de cumprir o Protocolo de Quioto, que todos assinaram.

E mais grave ainda, é que tentam passar para a sociedade, no mundo inteiro, a idéia de que agora vai ter uma inflação de alimento no mundo, e a inflação de alimento será causada pela produção de biocombustíveis, sobretudo pelo etanol brasileiro ou pelo biodiesel brasileiro, sem sequer querer discutir concretamente se isso é verdade ou se é mentira. Qual é a base científica para você fazer uma afirmação dessa, sem sequer fazer uma única crítica ao aumento do preço do barril de petróleo que, em poucos anos, disparou de 30 para 135 dólares o barril? Isso não se discute, companheiro Celso Amorim. Não se discute, por exemplo, quanto que o aumento do petróleo implica no custo do frete que transporta o alimento que nós comemos no mundo. Isso não se discute, companheiro Sérgio Cabral. O que se discute é a coisa maléfica que o biocombustível pode causar, se nós, nem sequer, começamos a produzir aquilo que nós achamos que o Brasil e o mundo podem produzir, sem precisar tocar numa árvore da floresta Amazônica, sem precisar mexer numa árvore dos parques que nós transformamos em reservas, e que não foram poucas neste País.

Eu me lembro das discussões infundáveis que nós fizemos aqui para que



a gente conseguisse desenvolver a hidrelétrica do rio Madeira. Lembro das brigas que criaram entre a Dilma e a Marina. Eram os desenvolvimentistas a qualquer custo contra os ambientalistas a qualquer custo. E eu, que participava das reuniões com as duas, não via a briga que eu lia no jornal no dia seguinte. Eu não conseguia entender quem é que passava aquela divergência. Eu, de vez em quando, olhava se embaixo da minha mesa tinha um pequeno anão que passava a notícia que eu não tinha discutido, porque não era possível. Quantas vezes eu fui dormir pensando em descobrir quem era uma tal de fonte que passava informações que não tinham acontecido na minha mesa. Eu sei do tormento que você viveu, Marina, porque não foram poucas as vezes em que conversamos. E sei, meu caro Minc, do tormento que você vai viver.

No primeiro momento, tentou-se vender a idéia seguinte: Marina sai porque é ambientalista e Minc entra porque é desenvolvimentista. Sai uma mulher que queria preservar a Amazônia, uma mulher do Acre, e entra um carioca que quer destruir a Amazônia. Eu, como conheço os dois há 30 anos, sei que nenhuma das duas versões é verdadeira. Nem o Minc é um cortador da Amazônia e nem a Marina deixou de levar a sério todas as possibilidades de apresentar, como apresentou no Plano Amazônia Sustentável, as possibilidades de levar o desenvolvimento para aquela região, de melhorar a vida dos seringueiros, de melhorar a vida dos extrativistas, de melhorar a vida dos pescadores, de melhorar a vida dos agricultores e de permitir, inclusive, que a indústria madeireira pudesse sobreviver fazendo as coisas corretas como têm que ser feitas. Quem viveu esses cinco anos e meio com a Marina, e eu tive o privilégio de viver mais, antes de ser governo do que depois de ser governo, posso dizer que muitas vezes, Marina, a injustiça foi dura.

Eu, aliás, queria confessar uma coisa agora. Eu, nesses cinco anos e meio em que a Marina foi ministra do Meio Ambiente, eu vi pouquíssimas colunas falando bem da Marina, a maioria falava mal, sobretudo quando tinha um anúncio de alguma coisa nova. E a impressão que eu tenho, Marina, é que



depois que você entregou a carta dizendo que gostaria de fazer outra caminhada, algumas pessoas resolveram falar de você o que poderiam humildemente ter falado quando você era ministra, porque você merecia antes, durante e merece depois.

Eu sempre digo que eu não tenho depressão, mas, às vezes, eu fico assim meio deprimido. Não chega a ser uma depressão, não preciso de analista, não preciso de nada. O meu analista é o dia seguinte, é a verdade que demora um pouco, mas aparece. Eu, quando convidei a Marina para ser Ministra do Meio Ambiente, é porque eu conhecia a trajetória política da Marina. Antes de ser presidente da República, antes de ser deputado federal, antes de passar sequer, Minc, passar aqui... Aliás, eu passei aqui, na década de 80, Marina, e eu lembro que era um ônibus cheio de metalúrgicos, a gente estava sendo julgado pela Suprema Corte, pela morte do nosso companheiro de Brasília, Wilson. A gente tinha sido condenado, e a gente veio aqui, para o julgamento no Superior Tribunal Militar. E a gente pegou um ônibus cheio de metalúrgicos, Dulci, e fomos andar na Esplanada dos Ministérios. E eu lembro que, um dia, a Marisa olhou assim para mim, a gente passando naquelas casas, naquelas mansões, a Marisa falou: “Vocês são um bando de trouxas, se vocês acreditam que um dia os do andar de cima vão deixar os do andar de baixo chegar ao Palácio do Planalto”.

Isso não faz muito tempo, isso faz pouco tempo. E desde aquele tempo eu lembro da briga que você, que Jorge Viana, que Simbad, que Chico Mendes, que Raimundão, que o Tião Viana, que tantos companheiros fizeram no Acre, tantos companheiros fizeram no estado do Amazonas, fizeram no Pará, fizeram no Mato Grosso, fizeram em Rondônia. O que não falta são companheiros que a vida inteira lutaram para que as pessoas pudessem entender que não era possível alguém sair de São Paulo, queimar uma imensidão de terras, achando que lá poderia criar gado ou plantar café, sabendo que não ia dar certo.



Foi por isso que você veio para o Ministério. Porque olhar para a sua cara é olhar para a cara do meio ambiente deste País, é olhar para a cara das pessoas que querem preservar este País. Houve até quem escrevesse que parece que a relação Marina e Lula estava abalada. Eu posso te dizer, Marina, que o carinho, o respeito e a nossa relação de amizade fazem com que, nos momentos em que a gente teve maior divergência, a nossa amizade fosse inabalável. Não existe nada que possa dizer: o Lula está magoado com a Marina. Não existe. E não ficarei contrariado se o contrário não for verdadeiro. Porque as pessoas precisam compreender que a relação entre os seres humanos é, possivelmente, a coisa mais profunda que acontece na nossa passagem pela Terra.

Lembro que, um dia, minha mãe disse para mim: “Meu filho, você só descobre o valor da pessoa quando a pessoa não existe mais”. Isso, na vida cotidiana de quem tem filho é a coisa mais natural. O filho, quando é solteiro, dá pouca importância para o pai ou para a mãe, porque ele tem uma vida toda pela frente. Quando ele casa, que tem um filho, ele volta para casa ligeirinho, todo final de semana.

Eu tenho a convicção, Marina, de que você volta para o Senado para continuar a sua trajetória. E tenha convicção de que o que você fez, que não foi reconhecido ainda por muita gente neste País, será reconhecido ao longo do tempo. Afinal de contas, a história mostra que está cheio de gente, no Brasil, reconhecidas depois de 30 anos, 40 anos, 20 anos, 10 anos. Às vezes, demora tempo para as pessoas reconhecerem. E aqueles que te prejudicaram, aqueles que não deram valor a muitas coisas que você fez, certamente, daqui a alguns anos, estarão dando valor.

A única coisa que nós não podemos aceitar é que a sua importância se dê apenas pelo fato de que “parece” que tem uma briga da Ministra do Meio Ambiente com o Presidente da República. Nós já tivemos, na história do PT, gente que mereceu páginas de jornais porque brigava contra o PT. Quando



falava mal, merecia páginas inteiras, quando falava bem, nem um rodapé. Isso acontece na nossa experiência.

E o seu valor, Marina, transcende isso. Para mim, tenho certeza que para os companheiros do governo que conviveram com você. E poderia dizer, sem medo de errar: a grandeza que você tinha antes, a grandeza que você teve durante o governo, e a grandeza que você tem, como formação, como quase que profissão de fé, não vai diminuir nunca, porque a pessoa que formou a personalidade que você formou, lutando 24 horas por dia para ter um espaço na vida política deste País, não se deixa acreditar nas coisas fáceis que se apresentam para nós.

Portanto, Marina, eu, de coração, sou agradecido pelo que você fez, nesses cinco anos e meio de governo. Quero desejar a você, no Senado, a mesma tenacidade e a mesma alegria que você teve no governo. E tenho certeza que você continuará no Senado, brilhando com a mesma competência com que você brilhou no Ministério. Aqueles que ainda não sabem disso, logo, logo, irão descobrir a importância que você teve, neste governo.

Ao querido companheiro Carlos Minc, que já falou, numa semana, mais do que a Marina falou em cinco anos e meio. E para provar que não é contra a Amazônia, veio de verde. E veio com uma tarja preta dizendo: É proibido desmatar a Amazônia. É isso que significa essa gravata dele.

Minc, sabe como é que eu me sinto aqui, hoje? Você está lembrado de um jogo, na Copa de 1962, quando o Pelé foi tirado de campo? Você lembra quando o Pelé foi tirado de campo? Você devia ser muito jovem, eu já tinha idade para ver. O Pelé se machuca, tiram o Pelé de campo, e todos os brasileiros, otimistas como sempre: “Acabou, o Brasil perdeu”. E, aí, colocaram um menino chamado Amarildo, e ele fez os dois gols brasileiros. E o Brasil, que teve no Garrincha o maior astro daquela Copa do Mundo, se transformou em bicampeão mundial.

Se eu quisesse fazer uma analogia ao futebol, faz de conta que você



está entrando no lugar do Pelé. E é importante lembrar que o Pelé não era insubstituível, porque depois de 1962, de o Brasil ser campeão do mundo sem o Pelé, o Santos foi campeão do mundo sem o Pelé, também, contra o Milan, num jogo em que o Pelé não pôde jogar, o Amarildo jogava no Milan, e entrou um pernambucano chamado Almir. E o Santos foi bicampeão mundial.

Eu sei da sua relação com a Marina. Eu não estou tirando um estranho e colocando um estranho. Na verdade, você e a Marina militaram muito tempo juntos, só que um levantando de manhã, abrindo a janela e vendo a floresta do Acre, e o outro vendo a praia de Copacabana. As duas precisam ser preservadas: a praia de Copacabana e a floresta Amazônica. Então, eu quero desejar a você, meu querido, toda a sorte do mundo. E quando tiver dúvida, não tenha nenhuma vergonha, telefone para a Marina e converse com a Marina, que eu tenho certeza que ela será a sua parceira.

Ao companheiro Capobianco, secretário-executivo da Marina durante todo esse tempo, companheiro que assumiu como ministro, interinamente, eu quero te dizer, Capobianco, que muitas vezes insinuava-se que o Capobianco era a verdadeira ONG dentro do Ministério. E eu, que te conheci, também, antes de ser governo, posso te dizer uma coisa: eu, nesses 62 anos de vida, aprendi a respeitar as pessoas pelo caráter e pela lealdade. E quero aqui, de público, dizer para todo mundo saber: em todos os momentos que eu vivi com Capobianco, em todas as reuniões que participamos juntos, você, Marina, o Basileu, eu posso dizer para vocês que eu sou grato à honestidade que vocês tiveram conosco nesse período. Porque muitas vezes se vende facilidade: “Ah, é fulano de tal que não quer dar uma licença prévia para tal coisa”. Mas, muitas vezes o que não aparece é que o pedido de licença não está completo, (inaudível) não foi bem feito. Nós temos casos de empresas públicas brasileiras que não fazem as coisas bem feitas e depois é mais fácil jogar a culpa em cima de quem tem que dar licença. Eu aprendi isso no governo, por isso quero agradecer também a você a lealdade e o companheirismo que você teve nesse



período todo.

No mais, quero dizer para vocês, para terminar: aqui neste governo não existe política de ministro “A” ou do ministro “B”. Aqui nós aprendemos, inclusive por sugestão da Marina, a criar uma coisa chamada transversalidade, em que, muitas vezes, sentam 19 ministros em uma mesa para discutir um tema, seja ele meio ambiente ou TV digital, seja ele integração do São Francisco ou seja ele combate à seca ou à enchente. Nós aprendemos que decidir coletivamente às vezes demora mais, mas quando a gente delibera, as coisas funcionam infinitamente melhor. O que era grave era quando governos que passaram por aqui tinham um Ministro do Desenvolvimento que pensava uma coisa, o Ministro da Fazenda pensava outra, o Ministro do Meio Ambiente pensava outra, o da Ciência e Tecnologia pensava outra e as coisas nunca aconteciam, porque os ministros não sentavam para deliberar coletivamente junto com o Presidente. Eu estou dizendo isso, porque a Marina volta ao Senado, o Minc assume o Ministério, mas a política ambiental do governo é aquela que está no Programa que me fez ganhar as eleições em 2002 e 2006 e ela tem que ser cumprida. A lei será cumprida sempre. Nem o Ministro do Meio Ambiente pode tentar desrespeitar a lei e muito menos aqueles que querem derrubar uma árvore podem desrespeitar a lei. A lei existe para o Presidente da República e a lei existe para o mais humilde dos brasileiros. Se nós quisermos fazer algo diferente do que está na lei, nós temos que mudar a lei e não passar por cima dela, porque passar por cima dela significa transgredir uma coisa que democraticamente foi aprovada pelo Congresso Nacional. E isso vai continuar acontecendo. Seremos duros com quem cometer erros e seremos justos com aqueles que cumprem as regras legais que estão estabelecidas no nosso País.

Que Deus te abençoe, companheira Marina, que Deus te abençoe Capobianco e que Deus, além de te abençoar, te dê muita sorte, companheiro Carlos Minc.

Um abraço a todos vocês.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(S211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de atos e declaração à imprensa**

Porto Príncipe-Haiti, 28 de maio de 2008

Meu caro amigo, presidente René Préval, presidente da República do Haiti,

Excelentíssimo senhor Primeiro-Ministro do Haiti, em nome de quem cumprimento todos os membros do governo haitiano,

Meus amigos da delegação brasileira,

Meu caro embaixador brasileiro no Haiti,

Representante da ONU,

Meus amigos da imprensa,

Não se assustem com o meu discurso, porque as letras são grandes. Posso dizer para vocês que a fome que eu estou é maior do que o meu discurso.

No dia 18 de agosto de 2004, estive pela primeira vez no Haiti. Foi a primeira visita de um Chefe de Estado estrangeiro após os fatos que levaram à parceria entre as Nações Unidas e o povo haitiano, na busca da estabilização deste país irmão.

Fiz questão de viajar ao Haiti naquele momento de grande dificuldade para trazer pessoalmente ao povo haitiano a mensagem solidária do povo brasileiro. Uma mensagem de confiança do Brasil na capacidade do povo haitiano de fazer frente aos grandes desafios. De assumir, com a ajuda de outros países amigos, a tarefa de reestruturar o país e construir uma sociedade mais justa e digna para todos os haitianos.

Vim acompanhado da Seleção Brasileira de Futebol para trazer momentos de alegria e de descontração. Vim, também, para inaugurar uma



nova etapa nas relações entre nossos dois países. Uma etapa de cooperação que trouxesse benefícios concretos para melhorar o dia-a-dia dos haitianos. Por isso, também me acompanhava grande missão interministerial de técnicos brasileiros.

Fora do estádio, minha delegação reuniu-se com seus pares haitianos para identificar as áreas de maior interesse para a retomada do desenvolvimento do Haiti. Áreas nas quais o Brasil tinha algo a contribuir. Lançamos sementes em terra fértil, para usar uma imagem cara ao agrônomo René Préval.

Foi aqui que primeiro germinou, em 1804, a semente da liberdade em nossa América Latina e Caribe. E vai ser aqui, estamos seguros, onde germinará um novo exemplo de cooperação internacional. Uma cooperação com o objetivo de reduzir a fome, a pobreza e as desigualdades. Que possa melhorar o cotidiano das pessoas e criar condições e oportunidades de vida digna para todos.

O Brasil chegou aqui sob a égide da Minustah, incumbido de seu comando militar e representado por 1.200 soldados. O objetivo principal era manter a paz e a estabilidade. Evitar a violência. E os militares brasileiros tiveram êxito em sua missão.

Logo que pudemos, substituímos alguns daqueles soldados por uma companhia de engenheiros militares, capacitados a prestar auxílio em trabalhos de infra-estrutura para a população. Esses engenheiros refizeram calçadas, restauraram escolas e reformaram praças. Ajudaram a dar maior conforto à população e mostraram, na prática, o que temos defendido em nossos discursos desde o início: que a paz, a segurança e a estabilidade duradouras têm como pré-condição básica a busca de condições mínimas para o desenvolvimento econômico e social dos haitianos.

É por isso que nós estamos, agora, duplicando esses esforços. Um segundo contingente de engenheiros militares virá para aumentar o auxílio na



reconstrução.

O Brasil vem demonstrando todos os dias a seriedade e o empenho com que encaramos a revitalização e o desenvolvimento do Haiti. Por acreditar que o trabalho da comunidade internacional não se limita à garantia da estabilidade, o governo brasileiro tem procurado identificar projetos bilaterais de cooperação em diversas áreas.

Temos procurado, também, mobilizar a comunidade doadora internacional para a causa da reconstrução e recuperação da infra-estrutura no Haiti. Uma comunidade doadora, diga-se de passagem, que tem ficado muito aquém das expectativas e promessas. Por isso, defendemos que se reative, com urgência, a Conferência de Doadores que estava marcada para o dia 25 de abril e que não aconteceu. Nela, assinaríamos o importante documento de estratégia nacional para o crescimento e a redução da pobreza.

Nosso governo também tem se esforçado, nas Nações Unidas, para apoiar o funcionamento das instituições haitianas. O fio condutor de nossa estratégia é a certeza de que o fortalecimento social, institucional e econômico do país é o único caminho para evitar novas crises no Haiti.

A cooperação técnica brasileira reúne duas dezenas de projetos no Haiti. Projetos com resultados no curto e médio prazo, que certamente criarão raízes mais profundas.

Hoje mesmo, assinamos mais seis acordos de cooperação com o Haiti. São acordos que permitirão a formação de técnicos haitianos aqui e no Brasil, que conduzirão ao estabelecimento de uma estação experimental de pesquisas e avaliação de cultivo de hortaliças, bem como de um banco de sementes e de adubos orgânicos. Que resultarão num acordo tripartite, entre nossos governos e o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, sobre o fornecimento de Cooperação Técnica no setor agrícola.

Conscientes da magnitude das demandas de cooperação haitianas e de nossas limitações orçamentárias, fomos procurar outros parceiros dispostos a



contribuir. Estamos criando novos modelos de cooperação com outros países e organizações financeiras internacionais, com a participação ativa dos haitianos. Fizemos um projeto pioneiro de merenda escolar com o Banco Mundial. Por meio do IBAS, implementamos um projeto de coleta e processamento de lixo, premiado pela ONU. Também trabalhamos com o Canadá para aprimorar o Programa Haitiano de Imunizações.

Nosso esforço incorpora uma visão ampla do conceito de desenvolvimento. Por isso, estamos assinando com o Governo do Haiti e o Fundo das Nações Unidas para as Populações, importante acordo para a implementação de um projeto de cooperação no combate à violência contra a mulher.

Meu caro amigo Préval,
Membros do governo do Haiti,
Companheiros brasileiros,

O presidente Préval e eu temos, aproximadamente, mais dois anos e meio de mandato. E eu assumi um compromisso com o presidente Préval: o embaixador brasileiro vai logo ao Brasil levar os principais projetos, sobretudo as barragens que precisam ser feitas no Haiti. Técnicos brasileiros do Ministério de Minas e Energia, do Ministério da Integração Nacional, do Ministério da Agricultura e do Ministério do Desenvolvimento Agrário irão ao Haiti nesse período fazer um levantamento de todas possibilidades. E, dia 13 de agosto, eu convidei o presidente Préval para ir ao Brasil para que a gente possa tornar concreto os principais projetos que podem significar mudanças estruturantes no Haiti.

No mais, meu caro presidente Préval, eu quero agradecer mais uma vez o tratamento carinhoso. Como lhe disse, na reunião particular, não trouxe desta vez nenhum jogador da Seleção Brasileira, nem o Ronaldo, nem o Ronaldinho, mas trouxe uma equipe de brasileiros, jogadores do meu governo, que estão me ajudando a ganhar (inaudível) no Brasil. São esses homens que me



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

ajudaram no Brasil que irão nos ajudar aqui no Haiti.

Muito obrigado. (inaudível)

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante formatura do Batalhão Brasileiro da Minustah

Porto Príncipe-Haiti, 28 de maio de 2008

Excelentíssimo senhor René Préval, presidente da República do Haiti,
Excelentíssimo senhor representante especial do Secretário-Geral das Nações Unidas,

Senhores ministros brasileiros, Nelson Jobim, da Defesa; Celso Amorim, das Relações Exteriores; Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; Edison Lobão, de Minas e Energia; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário; Franklin Martins, de Comunicação Social; Edson Santos, de Política de Promoção da Igualdade Racial; Nilcéa Freire, de Políticas para as Mulheres; Paulo Vannuchi, dos Direitos Humanos,

General de Exército Enzo Martins, comandante do Exército brasileiro;
Embaixador Igor Kipman, embaixador do Brasil em Porto Príncipe,
General-de-Brigada, Santos Cruz, comandante das Forças da Minustah,
Coronel Paul Cruz, comandante do batalhão brasileiro,
Coronel Yoko (inaudível), comandante da Companhia de Engenharia,
Senhores e senhoras integrantes da Força da Minustah,

É com muito orgulho e honra que eu me dirijo a vocês. Mais do que praças ou oficiais das nossas Forças Armadas, aqui, antes de tudo, vocês são brasileiros. Cada um de vocês veio trazer um pedaço desse Brasil novo que nós todos estamos trabalhando para construir. Um Brasil que cresce para os seus, mas que também é solidário com os outros.

Esta é a segunda vez que estou no Haiti para dizer a vocês, soldados, em nome de todo o Brasil, um muito obrigado do fundo do coração, pelo



trabalho bem feito, e o reconhecimento por essa missão longe de casa e dos entes queridos.

Acredito que nossa presença no Haiti pode ser comparada a um jogo de futebol. Em 2004, vivíamos o primeiro tempo. Agora, estamos começando o segundo tempo desse jogo. O primeiro tempo foi uma etapa complicada, de ir conhecendo aos poucos as “manhas” do adversário, de fechar uma defesa segura e não deixar passar nenhum gol. No segundo tempo é hora de tomarmos a iniciativa. E a tática de jogo, aqui, é o fortalecimento cada vez maior da nossa presença solidária. É o que vocês já começaram a fazer de maneira tão exemplar, chegando perto do povo haitiano, mostrando que os resultados, em matéria de segurança, podem ser atingidos com amizade e companheirismo.

Vocês, soldados da paz e para a paz, são brasileiros que vieram aqui para mostrar que a força maior é a da solidariedade e do entendimento, da paciência e da compreensão.

Na primeira vez em que estive no Haiti era difícil circular de um lado para o outro. Era difícil entender o caminho que o país podia tomar. E era difícil ver claramente as possibilidades de estabelecimento de uma ajuda consistente ao povo haitiano.

Nesta segunda vez, encontro um Haiti francamente determinado a ir em frente. Esta mudança é obra dos próprios haitianos, mas é também, obra de cada um de vocês.

É o momento da construção e da ampliação dos projetos de cooperação e do fortalecimento das atividades de implantação das infra-estruturas que vão possibilitar ao Haiti pisar firme no caminho da retomada de seu desenvolvimento.

O Brasil se orgulha muito de cada um de vocês. E vocês devem se orgulhar muito do que vieram fazer aqui. Vocês vieram aqui mostrar que o Brasil é um país que busca seu desenvolvimento político, social, econômico e



cultural em conjunto com os países da América Latina e do Caribe, para que eles cresçam como nós. E estou certo de que esta também será uma experiência que fará com que vocês cresçam como pessoas e como profissionais. Que dará a vocês maior clareza a respeito dos desafios que todos enfrentamos.

Mais uma vez, parabéns a todos vocês e muito obrigado. Obrigado pelo trabalho maravilhoso que vocês estão fazendo. Demonstrando que é possível termos uma Força de Paz que aja em um país sem truculência, sem violência, conquistando a amizade de cada um dos nossos irmãos, filhos do Haiti.

Parabéns.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura de encontro empresarial, com a presença do presidente de El Salvador, Elias Antonio Saca

São Salvador-El Salvador, 29 de maio de 2008

Quero agradecer a presença de todos neste Segundo Encontro Empresarial Brasil-Sica.

E quero assinalar, publicamente, meu reconhecimento especial a todos os brasileiros e centro-americanos que vieram aqui, a El Salvador, especialmente para este evento, em busca de novos negócios, novas oportunidades. Há muitas possibilidades de comércio e de investimento ainda por explorar, entre os nossos países. Encontros como este são fundamentais para descobrir interesses recíprocos e complementares.

O relacionamento do Brasil com os países da América Central está ganhando nova densidade. Após décadas de relações meramente corretas, iniciamos uma etapa de iniciativas práticas, com resultados visíveis e benefícios palpáveis para nossos países e, sobretudo, para nossas populações.

O intercâmbio comercial com os países do Sica tem se expandido significativamente. O comércio do Brasil com os países do bloco cresceu 280% entre 2003 e 2007. Houve um salto de 549,7 milhões para 1,7 bilhões na corrente de comércio com os países da região.

No entanto, uma relação comercial claramente favorável ao Brasil não é desejável nem sustentável. E essa é uma das razões para esta reunião: para gerar novas oportunidades onde todos possam ganhar.

Desde o início do meu primeiro mandato como Presidente, houve um número sem precedentes de visitas de alto nível entre o Brasil e os países da região. A agenda diplomática se ampliou significativamente, com ênfase em



iniciativas de cooperação em biocombustíveis, agricultura, saúde, políticas sociais e educação.

Quero destacar aqui biocombustíveis e agricultura, dois temas de grande atualidade e de especial interesse para o Brasil e para os países da América Central. No momento em que o fantasma da escassez de alimento e o crescente preço do petróleo colocam novos desafios para nossos países é preciso, mais do que nunca, buscar respostas inovadoras e efetivas para garantir segurança energética e segurança alimentar.

A cooperação na área de biocombustíveis entre o Brasil e os países da América Central já está em curso. Em alguns casos, temos investimentos brasileiros e transferência de tecnologia, em outros ainda estamos em etapa de estudo e de discussões.

O importante, porém, é garantir que cada país examine com cuidado o potencial dos biocombustíveis na geração de renda e de emprego no setor rural, na criação de novas vocações produtivas e exportadoras, na busca de alternativa, ainda que parcial, para evitar a dependência do petróleo.

Os países centro-americanos devem ser os mais interessados em desmistificar as falsas controvérsias sobre os biocombustíveis. E os senhores, com conhecimento de causa e responsabilidade direta na produção desses novos combustíveis renováveis, devem ter voz ativa no processo de informação e esclarecimento sobre o tema. Temos de provar, por meio de ações, que o etanol e o biodiesel podem conviver em harmonia com os nossos princípios do desenvolvimento sustentável e políticas sociais prioritárias.

Para os empresários brasileiros, as parcerias com os sócios centro-americanos permitem acesso privilegiado ao mercado norte-americano. Para os homens e mulheres de negócios dos países membros do Sica, a participação brasileira é garantia de acesso às tecnologias e processos produtivos mais avançados e a investimentos. Trata-se, portanto, de um casamento que tem tudo para dar certo.



Na cooperação em agricultura e pecuária, o Brasil tem toda a disposição de compartilhar uma longa história de sucesso em termos de inovação tecnológica e de ganhos de produtividade. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa, certamente poderá ajudar em processo de diversificação produtiva, contribuindo também para aumentar a disponibilidade de alimentos. E essa é uma tarefa na qual o Brasil atua com especial empenho e convicção, pois estamos convencidos de que os países mais vulneráveis não precisam de subsídios ou de ajuda alimentar, precisam dispor dos conhecimentos e das condições para desenvolver sua produção. Temos, entre Brasil e os países do Sica, uma série de investimentos e parcerias comerciais em curso ou em estudo que indica, com muita clareza, outras áreas com potencial de gerar benefícios mútuos. Empresas brasileiras participam de diversas obras de infra-estrutura na região e mostraram, como já fizeram na América do Sul, na África e no Oriente Médio, a vantagem de ter conhecimentos das realidades e as necessidades dos países do sul, de saber, por exemplo, construir estradas, hidrelétricas, termelétricas, centros habitacionais e canais adaptados a países tropicais. Grandes firmas têxteis e de calçados já investem ou estudam investimentos em plataformas de produção para o mercado dos Estados Unidos. Além das preferências tarifárias, vêm em busca da qualidade da mão-de-obra local, acostumada a produzir para os padrões norte-americanos.

O fato é que boa parte da agenda que o Brasil e os países do Sica estão implementando depende do setor privado, da realização de missões empresariais e rodada de negócios, da identificação de novos nichos de oportunidades. Mas nós vamos continuar ajudando no que for possível e não somente com vontade política, mas também com iniciativas, com valor prático tangível. É com grande satisfação que anuncio, por exemplo, a participação do Brasil como sócio extra-regional, do Banco Centro-Americano de Integração Econômica, sediado em Tegucigalpa. Esse será mais um canal para facilitar o



acesso a financiamentos para novos negócios e parcerias.

O Brasil também está empenhado em que seja iniciada a negociação de um acordo amplo que inclua a busca do livre comércio entre nossas duas regiões. Temos a certeza de que esse acordo complementar todos os outros que os países da América Central têm negociado, e permitirá aumentar ainda mais o fluxo de bens, de serviços e de investimento. Sei que existem constrangimentos em termos de recursos humanos, mas estamos perdendo tempo, estamos perdendo oportunidade de negócios. Basta ver o que as empresas brasileiras já estão fazendo, para imaginar o que poderíamos fazer a mais, com um acordo de associação Mercosul-Sica.

Este evento empresarial, Brasil-Sica, que inclui um seminário sobre oportunidade de negócios, uma oficina sobre biocombustíveis e uma rodada de negócios, é uma iniciativa muito louvável e que, certamente, será de grande utilidade para vocês todos e para os nossos governos.

Meus amigos, companheiros presidentes,

Eu queria dirigir uma palavra aos empresários brasileiros que estão aqui, e aos empresários que fazem parte dos países que compõem o Sica. Eu penso que o mundo está a nos provocar para uma profunda reflexão do que queremos ser nessas próximas décadas. Nós, hoje, depois de experimentar alguns anos de crescimento, e é louvável o crescimento de todos os países que fazem parte do Sica: economias cresceram a 7%, a 8%, a 11%, geraram mais empregos, geraram mais renda, geraram mais oportunidades.

Duas coisas estão a me causar preocupação. A primeira é o esforço que temos feito para tentar definir as negociações na Rodada de Doha, fazendo com que os países ricos compreendam que o acordo precisa ter como fecho final garantir que os países mais pobres do mundo – ou os menos desenvolvidos se quisermos assim chamar – tenham a oportunidade de poder vender aos países mais ricos aquilo que é a parte essencial da sua produção. Eu estou falando, sobretudo, da agricultura.



Tem uma negociação, eu diria, muito engraçada, porque todo mundo sabe onde o sapato está apertando, todo mundo sabe onde o calo está doendo, todo mundo sabe o que precisa fazer e ninguém quer dar o primeiro passo. A União Européia sabe que precisa flexibilizar o seu mercado agrícola para que os produtos dos países, tanto da América Latina quanto da África e de alguns países asiáticos, tenham facilidade para entrar no mercado europeu. E eles têm dificuldade de fazer isso, não por conta do custo econômico mas, sobretudo, por conta do custo político. Afinal de contas, os agricultores da Europa ainda têm muitos votos, e não é todo mundo que tem coragem de tirar os subsídios que eles dão para a agricultura.

Os Estados Unidos sabem que precisam diminuir também os subsídios. E, também, num ano eleitoral, é muito difícil imaginar que alguém vá brigar com os agricultores do seu país.

E nós, que fazemos parte do G-20, sabemos que precisamos flexibilizar em produtos industriais e em serviços. Agora, também temos que ter a responsabilidade de não flexibilizarmos a ponto de impedir que os países que passaram 30 anos vivendo crise econômica, e que agora começaram a crescer, venham, outra vez, ver a sua indústria decrescer por conta da enxurrada de produtos dos países mais desenvolvidos. Esse equilíbrio nós estamos buscando. O meu ministro Celso Amorim está mais em Genebra negociando do que no Brasil, conversando comigo.

Entretanto, eu sou muito otimista que a gente possa concluir esse acordo, para permitir que os países mais pobres, que não tiveram oportunidades no século XX tenham agora as oportunidades no século XXI.

Eu estou convencido, presidente Saca, de que os subsídios à agricultura nos países desenvolvidos são uma das razões pelas quais os países em desenvolvimento e os menores países não tiveram chance de dar o salto de qualidade que poderiam ter dado nesses últimos anos.

O Brasil, que é um país grande, que tem uma economia razoavelmente



forte, ficou 26 anos sem crescer. Vinte e seis anos! Uma geração e meia de brasileiros nasceu e ficou adulta sem ver a nossa economia crescer a ponto de devolver para a sociedade aquilo que todo ser humano quer: trabalhar e viver às custas do seu salário.

Faz pouco tempo que nós começamos a crescer e, portanto, não poderemos flexibilizar em produtos industriais, a ponto de impedir que as indústrias brasileiras, as indústrias de todos os países fiquem impossibilitadas de crescer. Esse é um assunto muito delicado. Não são poucas as reuniões, não são poucos os telefonemas, não são poucas as conversas entre chefes de Estado, mas ainda não chegamos a um ponto.

Bem, se o acordo da OMC na Rodada de Doha está difícil, embora todos sejamos otimistas, quem conversar com a Susan Schwab, negociadora americana; quem negociar com o Durão Barroso, representante da União Européia; quem falar com o Celso Amorim, ou falar com a China ou com a Índia, a gente pensa que está quase tudo para ser resolvido, mas sempre aparece um empecilho de última hora, e o acordo não é assinado. Este é o primeiro ponto.

O segundo ponto é que tem uma crise econômica espalhada nas economias mais fortes do mundo. A crise americana é quase que um segredo de Estado. Nós sabemos pouco sobre até onde ela vai chegar. Se fosse aqui em El Salvador, no Brasil, no Panamá ou na Guatemala que tivesse uma crise imobiliária como tem nos Estados Unidos, com reflexo profundo nos bancos europeus, certamente o FMI já estaria aqui com 30 delegações, tentando ajudar a consertar as nossas economias.

Com relação à crise do *subprime*, ninguém fala nada, e nós não sabemos os efeitos que essa crise pode ter, na medida em que alguns especialistas que estudam a crise americana demonstram, claramente, que é possível que ela ainda esteja longe de estar resolvida. Não só porque estamos num ano eleitoral, mas, sobretudo, porque parece que o rombo na economia



americana é muito grande, e isso envolveu bancos europeus que parecia que não participavam de “jogatina”. Porque isso, na verdade, é uma “jogatina”, tentaram ganhar dinheiro num cassino. Na verdade, se tivessem trabalhado com seriedade, nós não teríamos chegado a essa situação.

O dado concreto e objetivo é que todos nós sabemos que se os Estados Unidos tiverem uma recessão, essa recessão terá abalo na economia mundial. Uns sofrerão mais, outros sofrerão menos. E todos nós, agora, precisamos começar a compreender que, com este mundo globalizado em que estamos vivendo – mundo mais próximo de todos nós –, não podemos mais ficar dependendo apenas de um ou de outro país. Não é possível, e os nossos empresários precisam ter clareza disso. Todo mundo sabe da extraordinária relação que o Brasil tem com os Estados Unidos; todo mundo sabe da boa relação que o Brasil tem com a União Européia; todo mundo sabe da boa relação que o Brasil tem com os países asiáticos, sobretudo com o Japão, que é o mais rico deles. Entretanto, neste mundo globalizado, ou procuramos consolidar outras parcerias entre nós, procuramos novos nichos de mercado entre nós, procuramos novas parcerias empresariais entre nós, ou nós correremos o risco de fazer com que essa crise resulte em prejuízo para quem não teve coragem de procurar novas parcerias nesses últimos anos.

Eu estava vendo um documento ali, preparado pelo Itamaraty, ou pelo ministro da Indústria e Comércio, que mostra a relação do Brasil com os países do Sica, a relação comercial. É uma relação muito vantajosa para o Brasil, se bem que pequena. Eu tenho dito aos meus companheiros empresários, aos meus companheiros ministros, que uma boa relação comercial entre duas nações é quando ela tem um certo equilíbrio: eu compro e vendo. E, no resultado final, você pode ter uma vantagem para um ou para outro, mas que essa vantagem não seja um disparate na relação comercial.

E digo sempre para os empresários brasileiros: quando a gente viajar pelo mundo, a gente não tem que viajar apenas pensando em vender, é muito



importante, mas a gente tem que pensar em comprar, porque senão outros oferecerão melhores oportunidades e nós perderemos a chance de participar daquele mercado.

Qual é o desafio que está colocado para o nosso empresariado de toda América Latina? É tentar fazer com mais sabedoria o que não foi feito no século XX. É tentar pensar que tipo de parceria empresas importantes do Brasil podem fazer junto com os empresários dos países do Sica. Não é apenas comprar do Brasil, mas é se associar a empresas brasileiras para que aqui também esse produto possa servir de geração de empregos, de aumento de renda para os países menores, de aumento das exportações dos países menores. Porque eu estava vendo, no documento, que o déficit comercial dos países do Sica na sua balança comercial é muito grande, é quase que uma importação de 58 bilhões e exportação de 24 ou 27 bilhões. Esse equilíbrio precisa ser procurado.

Eu tenho pedido aos empresários brasileiros, meu caro presidente Saca, que muitas das coisas que nós produzimos no Brasil podem ser produzidas aqui, não precisam ser produzidas no Brasil. Podem ser feitas parcerias com empresas dos países da América Central e poderemos, através da América Central, ter acesso a mercados que, certamente, lá do Brasil, nós teremos mais dificuldades. E aí é que seria o bom casamento: gerar oportunidades de empregos nos países menores, para que eles também tenham chance de se desenvolverem e não fiquem tão dependentes apenas de uma ou de outra economia. Todos os companheiros que fazem parte do Sica sabem do desejo que nós temos de que o Sica se associe ao Mercosul, todos os presidentes sabem.

E muitas vezes eu fico pensando: qual é a preocupação, qual é a dificuldade? Porque se nós não formos ousados agora... Nós estamos percebendo que se houver uma crise mais profunda e uma retração na economia maior do mundo, isso vai resultar em que todos nós tenhamos



problemas sérios, ainda uma inflação, essa novidade dos últimos meses, a inflação causada pela escassez de alimentos, escassez de alimentos cuja culpa estão jogando em cima do biodiesel ou do etanol, os empresários que se cuidem. Eu acho uma tese, presidente Saca, tão frágil, porque vamos ver como é que funcionou a agricultura europeia nos últimos 20 ou 30 anos. Na Europa e em muitos países se pagavam para as pessoas não produzirem. Eu me lembro que uma vez fui a Roma, e fiquei na casa de uma pessoa que financiava um programa de TV que nós tínhamos no Brasil, no Sindicato. Essa pessoa tinha umas 30 vacas de leite, e dizia: “Eu ganho mais dinheiro não produzindo do que produzindo, porque o governo me paga para não produzir”.

Ao mesmo tempo, vamos ver qual foi o incentivo que os países pobres tiveram nesses últimos 30 anos para aumentar a sua produção agrícola. Vou pegar a América Latina e a África como exemplos. Poucos tiveram chance de entrar, com seus produtos, nesse mercado fabuloso que é a União Europeia. Entretanto, agora começou a movimentação contra o aumento do preço do petróleo.

Ontem, na Europa, houve várias manifestações contra o preço do petróleo. Até ontem, nenhum governante que criticava o preço dos alimentos, colocava o petróleo como um ingrediente capaz de ser motivo pelo aumento dos alimentos. Quando você sai de um barril de petróleo – há três anos – de 30 dólares para 135 dólares, qual é o efeito disso no transporte dos alimentos? Ou melhor, qual é o efeito do preço disso nos fertilizantes que são produzidos a partir de derivados do petróleo? Isso não se discute. Então, não se discute a crise americana, não se discute o aumento do petróleo, e estou falando contra mim mesmo. Estou falando contra mim porque o Brasil, além de já ser auto-suficiente em petróleo, acaba de descobrir grandes blocos de petróleo, com grandes possibilidades de tornar o Brasil um dos três países com maior reserva de petróleo do mundo.

Então, eu acho que essa discussão que precisamos fazer aqui... Os



nossos empresários podem ajudar para que os governos possam também aprender com eles a discutir, por exemplo, o significado dos biocombustíveis no mundo de hoje. Obviamente que nenhum governante é louco de produzir combustível para o tanque de um carro, em vez de produzir combustível para o seu estômago. Ninguém é tão insano a ponto de fazer isso. O que nós queremos provar é que é plenamente compatível combinar a produção de uma nova matriz energética na área de combustíveis e produzir alimentos, sem criar nenhum problema. É só nos dar mercado, para perceberem o quanto nós temos condições de fazer avançar a agricultura no mundo, suprir a necessidade alimentar do mundo.

O terceiro ingrediente que precisamos analisar é: nos últimos 20 anos, quantos milhões de seres humanos voltaram a comer? Eu tenho certeza de que no Panamá, tenho certeza de que em Belize, tenho certeza de que em todos os países daqui – porque no Brasil aconteceu isso – o povo está comendo mais, o pobre está tendo acesso a alimentos que ele não tinha há 30 anos.

Então, a Índia está comendo mais, a China está comendo mais, os africanos estão comendo mais, os brasileiros pobres estão comendo mais. Eu tenho certeza de que os países de toda a América Latina estão comendo mais, porque a economia melhorou em todos os países. E, certamente, esse é um problema bom, porque significa que nós temos que trabalhar mais para produzir mais alimentos, nós temos terra, temos água, temos sol, temos mão-de-obra.

Então, nós precisamos fazer disso uma oportunidade e não um momento de desesperança. E eu espero que os empresários brasileiros que estão aqui, e os empresários que fazem parte do Sica debatam com profundidade, porque vocês podem, a partir de uma discussão madura, com a experiência que vocês têm, alimentar para que nós, governantes, possamos também avançar na nossa compreensão e não permitir que esse bom



momento que todos nós construímos seja vítima de um retrocesso, por incompetência nossa.

Eu quero desejar a vocês toda a sorte do mundo. Quero dizer aos companheiros que, da parte do Brasil, nós iremos fazer todo o esforço possível para que o Sica e o Mercosul firmem um acordo definitivo. Na última semana, criamos a Unasul, que é um espaço privilegiado e uma demonstração clara de que os países da América do Sul estão compreendendo que juntos nós seremos muito mais soberanos, juntos nós seremos muito mais fortes.

Nós só temos que ter cuidado com a compreensão que as pessoas têm. Quando a União Européia discute a União Européia, todo mundo acha aquilo o máximo, todo mundo acha aquilo uma coisa muito avançada. Quando nós discutimos aqui, as pessoas começam a dizer que não vai dar certo. Não vai dar certo porque tem muita divergência, não vai dar certo porque são países pobres.

E eu estou convencido de que é a partir dessa união que começou na América do Sul – vocês começaram com o Sica – que tudo isso pode, num curto espaço de tempo, se firmar numa grande união de toda a América Latina. Do México à Argentina, nós temos muitas similaridades, falamos línguas muito próximas, nos entendemos às vezes pela metade e os tradutores nos ajudam a compreender a outra metade. Os nossos povos se adoram, cada brasileiro se sente um pouco latino-americano e cada companheiro latino-americano de língua espanhola se sente um pouco brasileiro.

Nós temos tudo para fazer avançar, num curto espaço de tempo, as nossas relações políticas, comerciais, culturais, infinitamente mais do que nós fizemos nos últimos 50 anos. Porque também aqui, nesta parte do mundo, nós fomos aprendendo, com o tempo, que uns eram mais amigos, outros eram mais inimigos, e nós fomos virando as costas uns para os outros, nós não conversávamos entre nós. O Brasil não olhava para essa parte do mundo, essa parte do mundo não olhava para o Brasil. O Brasil não olhava para a Argentina,



que não olhava para o Brasil. Todo mundo olhava por cima, todo mundo mirava os grandes mercados mundiais, essa é a verdade. Todo mundo nascia, começava a sua vida empresarial mirando os Estados Unidos e a União Européia, o que era compreensível. Nós tínhamos muitas incertezas políticas e a gente não tinha certeza se a democracia iria fortalecer o nosso continente. Tudo que era ruim se falava de nós. Era crime organizado, era nessa banda do mundo; era narcotráfico, era nessa banda do mundo; era tentativa de revolução, era nessa banda do mundo. Então, nós vivíamos, um pouco, sendo vítima do pânico que os outros criavam a nosso respeito. O que, muitas vezes, por deficiência nossa, mesmo, nós permitíamos que eles compreendessem assim.

Eu queria perguntar para alguém aqui, nesse plenário, e para imprensa: se há ou se já houve algum momento, nessa parte do mundo, que nós vivêssemos a tranquilidade democrática que nós estamos vivendo? Acho que não há momento na nossa história.

Ontem, eu estive no Haiti. O Haiti foi o primeiro país deste continente a se libertar e o presidente Préval é o único presidente do Haiti eleito democraticamente que cumpriu o mandato inteiro e, ao deixar o mandato, não teve que correr para outro país, ficou no próprio Haiti.

Aqui, nós tivemos quantos problemas? No Brasil, em todos os países. Nós estamos vivendo uma tranquilidade de fortalecimento das instituições, uma tranquilidade de aprendizado democrático, os empresários já não têm mais medo das esquerdas, as esquerdas já não têm mais medo dos empresários. Nós aprendemos que, de forma civilizada, todo mundo tem que fazer as coisas pensando em melhorar a vida do conjunto da sociedade. Este é o momento histórico mais importante desse pedaço de terra que Deus criou e, portanto, nós não temos o direito de fraquejarmos no intento de fazermos as nossas economias crescerem, os nossos povos melhorarem de vida, as nossas empresas crescerem, gerarem mais empregos, gerarem mais renda, gerarem



mais democracia, mais renda, mais salário, mais consumo, enfim, nos transformamos no continente alvo de elogios, porque não somos mais um continente onde a miséria era a única razão de nós sermos comentados no mundo.

Eu penso que nós, presidentes das Repúblicas, temos que dizer aos nossos empresários: boa parte das coisas boas que acontecerem daqui para a frente dependem também da sabedoria de vocês em compreenderem que oportunidades existem e que nós precisamos aproveitá-las da forma mais sensata possível. Eu estou vendo aqui alguns empresários que, quem sabe há 15 anos, a gente não pudesse ter essa conversa, mas hoje todos estão percebendo que não existe outro jeito, nós precisamos nos conhecer melhor, precisamos confiar mais nas nossas relações e precisamos transformar tudo isso em oportunidades para o nosso povo que, durante tanto tempo, ficou tão sofrido.

Boa sorte neste encontro e bons negócios.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de atos**

São Salvador – El Salvador, 29 de maio de 2008

Primeiro, quero de público agradecer o presidente Saca, por ter *invitado* o Brasil como convidado especial, para participar de uma reunião com os países que fazem parte do Sica. Eu fico muito feliz quando, viajando pela América Central, pelo Caribe e por muitos países africanos, ouço dos presidentes que é a primeira vez que um presidente da República do Brasil, visita o seu país. E por que eu fico feliz? Fico feliz porque, finalmente o Brasil e os países da América Latina, começaram a compreender que nós não somos estranhos uns aos outros, que nós temos coisas extremamente importantes para partilharmos entre nós, e que muitas vezes, por uma questão cultural, todos nós éramos voltados para o Norte e poucas vezes mirávamos o Sul.

Em segundo lugar, a minha alegria de estar aqui, é porque no final da década de 70 e no começo dos anos 80, eu viajava muito por esta região e esta região era de muitos conflitos políticos. Por que não dizer, de verdadeiras guerras internas entre facções políticas, entre tendências e entre grupos políticos. Orgulho-me, presidente Saca, porque em 1990, criamos um grupo chamado Fórum de São Paulo, que pela primeira vez, colocou a esquerda da América Latina para conversar em torno de uma mesa.

Hoje, quando chego a este continente, a esta parte do nosso continente, e também na própria América do Sul, com exceção das Farc, nós constatamos que a democracia está sendo consolidada, que as instituições estão funcionando e que as pessoas aprenderam que a disputa política pela via democrática é muito mais sensata e muito menos custosa aos povos e aos nossos países.

Em terceiro lugar, a minha alegria de estar aqui é porque quando eu



disputava as eleições no Brasil, eu dizia que a política de comércio exterior de um país tem que ser feita mais ou menos como um mascate faz comércio. Ele tem que bater de porta em porta, tentar convencer uma dona de casa a comprar o seu produto, às vezes volta três ou quatro vezes, até que ele compre ou venda um produto.

O Brasil, que é a maior economia do nosso continente, que é um país de maior população, que é um país de maior PIB, está cada vez mais, tomando consciência de que tem que assumir a responsabilidade de passar os conhecimentos científicos e tecnológicos que adquiriu ao longo desses anos, para os países irmãos deste continente. Afinal de contas, o que o Brasil mais deseja, é que toda América Central, Caribe, América do Sul e toda África, possam ter, no século XXI, a chance que os países europeus e os Estados Unidos tiveram no século XX. E nós não queremos muito. Nós queremos crescer economicamente, queremos crescer socialmente, queremos gerar empregos para o nosso povo, queremos gerar renda para o nosso povo, e queremos que as nossas pessoas possam ter acesso aos bens materiais que o mundo inteiro, desenvolvido, já conquistou. Vocês percebem que nós não queremos muito, queremos apenas nos mirar naqueles que já evoluíram para que nós também possamos evoluir.

O Brasil, que tem mais responsabilidade nesse processo, fica agradecido e sai gratificado de ter participado da reunião dos países que compõem o Sica, porque a discussão de aproximação entre Mercosul e Sica já está num processo final de definição. Eu penso que logo, logo firmaremos o acordo. Fico feliz porque, com os acordos que fizemos hoje com El Salvador, e os outros 22 que já tínhamos assinado, significa que já temos quase 30 acordos firmados entre Brasil e El Salvador. Fico feliz pela nota que foi aprovada entre o Brasil e todos os países para que a ONU convoque, em caráter emergencial, uma reunião para discutir o preço do petróleo no mundo e os efeitos que esse preço causa na questão energética e na questão de



alimentos para o mundo inteiro, e quem mais sofre são os países pobres do mundo. Por último, fico feliz em perceber que, finalmente, os países da América Central também começaram a compreender que o Brasil não é um bicho-papão. Muitas vezes nós conversamos com um país do Caribe ou da América Central que tem acordos de livre comércio com os Estados Unidos – que não demonstra nenhum medo das empresas americanas –, que tem medo das empresas brasileiras ou da relação com o Brasil. Na verdade, nós somos bem pequenininhos em relação aos Estados Unidos.

O mais importante nessa relação que estamos tendo, é que estamos descobrindo que o potencial de integração que América Central, Brasil, América do Sul e Caribe têm, é extraordinário. Vamos pegar, por exemplo, o que disse o presidente Saca sobre a Embrapa. A Embrapa é uma empresa de pesquisa brasileira na área da agricultura e pecuária; é a maior concentração de conhecimento científico e tecnológico na área da agricultura tropical. E esse conhecimento, nós percebemos que está reservado dentro do Brasil, ele não saiu das fronteiras do Brasil. Mais recentemente, nós montamos um escritório no continente Africano, na cidade de Acra, em Gana, e montamos um em Caracas, na Venezuela. É com muito gosto que eu recebo o pedido do presidente Saca para a gente montar um escritório da Embrapa aqui, no coração da América Central, para partilhar os conhecimentos que o Brasil adquiriu ao longo dos últimos 30 anos – a Embrapa foi criada em 1973. Na verdade, faz 35 anos que ela foi criada –, para partilhar com os nossos irmãos da América Central aquilo que nós acumulamos de conhecimento na área da agricultura e da pecuária.

Aqui em El Salvador, o presidente Saca já há algum tempo resolveu assumir, junto com o seu governo, a responsabilidade de introduzir a produção de biocombustíveis, sobretudo a produção de etanol da cana. É importante a gente deixar claro: para nós, tanto a produção de etanol quanto a produção de biodiesel, precisa ser feita de oleaginosas que não sirvam de ração animal ou



de ração humana. A não ser, quando você tem excesso de produção de uma determinada coisa, que caia o preço no mercado e que você pode até utilizar, para alavancar os preços, como um fator de equilíbrio no mercado, desse produto do qual está sendo feito o óleo diesel.

Eu estou, particularmente convencido, de que é uma chance extraordinária para alguns países da América Central, para alguns países do Caribe e para a América do Sul, a introdução da produção de biocombustível. Nós temos consciência de que para você bem produzir os biocombustíveis, não competir com a produção de alimentos e não degradar áreas que você precisa manter como reservas ambientais, é preciso que a gente faça um levantamento agroecológico correto, que a gente demarque áreas em função dos produtos que a gente vai produzir, para que a gente possa ter independência. Quando eu digo independência, é porque hoje, o Brasil é auto-suficiente em petróleo, mas os carros brasileiros hoje, usam mais etanol do que gasolina, porque o etanol é mais barato, também gera mais empregos, também distribui mais renda e não emite CO². E quando você está plantando a cana, você está seqüestrando CO². Essa produção tem um duplo benefício.

Então, eu quero, presidente Saca, lhe agradecer. Primeiro, o carinho com que nós fomos tratados aqui em El Salvador. Segundo, os acordos que nós firmamos e em terceiro, quero lhe dar a palavra, como presidente do Brasil, de que eu saio daqui com a convicção de que a relação entre Brasil e El Salvador e entre o Brasil e os países que compõem o Sica, está consolidada. Agora, é apenas uma questão de detalhes.

Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante reunião com empresários e expositores suinocultores e de agronegócios Patos de Minas – MG, 29 de maio de 2008

Meu caríssimo e eminente amigo, Antônio do Valle, ilustre prefeito de Patos de Minas,

Cumprimento o meu caríssimo e ilustre amigo, Arlindo Porto, nesta solenidade representando sua Excelência, o governador de Minas, dr. Aécio Neves,

Excelentíssimos senhores deputados federais Aelton Freitas, Antonio Andrade, Paulo Piau. Isso é emoção. Quando eu recebi esses troféus, o Carro de Boi, esta medalha e este livro da rainha do milho, eu fiquei emocionado e a emoção perdura.

Quero cumprimentar o presidente da Embrapa, Sílvio Crestana. Ele me deu a grande satisfação de ter vindo comigo neste vôo a Patos e deixou a sua agenda, ou reorganizou a sua agenda de hoje, para estar aqui e nós sabemos que o Brasil é forte porque tem terra, água, sol e a Embrapa.

Quero cumprimentar o presidente da Conab, que também veio comigo, dr. Wagner Rossi,

Quero cumprimentar o dr. Rogério Colombini, que é o diretor da Conab, e que também veio comigo,

Senhor Bartolomeu Ferreira Ribeiro, presidente da Câmara de Vereadores de Patos de Minas. Por falar em vereadores, tem aqui uma moça que está terminando o curso de direito, que se chama Talita. Esta moça tinha 12 ou 13 anos quando eu aqui cheguei em Patos como candidato a Senador, em 1998. Mas há um fato curioso nisso aí, porque eu não seria candidato de forma alguma. Eu tinha sido operado, dois ou três meses antes, mas me



fizeram candidato ao Senado. Mas com uma condição, porque eu entrando como candidato, o dr. Hélio Garcia iria dar apoio ao nosso candidato a governador e eu retiraria a minha candidatura. Então saímos viajando e comigo estavam o Arlindo Porto e o Israelzinho e em todos os comícios, o candidato ao Senado era o dr. Hélio Garcia, não era o José Alencar. Ele estava viajando comigo, mas chegava e estava combinado e as pessoas estranhavam. Mas ele esqueceu de combinar aqui em Patos com as pessoas, e a Talita fez o primeiro discurso e falou pela primeira vez que eu era o candidato ao Senado. E dali para a frente pegou.

Eu estou contando isso, porque aqui tem algumas testemunhas que participaram daquele momento e a principal delas é o nosso querido Arlindo Porto. A Talita puxou a nossa orelha: “não senhor, o senhor que é o candidato sim”. E ela não sabia de nada. Essa menina está terminando o curso de direito. Eu parei aqui em vereadores pelo seguinte: falei com ela agora, que se ela for candidata a vereadora eu vou ter que transferir meu título para cá.

Quero cumprimentar a todos os deputados estaduais aqui presentes, nas pessoas de Elmiro Alves Nascimento e Hely Tarquínio, em nome dos quais cumprimento todas as autoridades do estado aqui presentes,

Excelentíssimo senhor Evaristo José Caixeta, diretor-presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Patos de Minas, em nome de quem cumprimento os produtores desta região,

Excelentíssimo senhor Ari Batista Pereira, prefeito de Lagamar, presidente da Amapar, em nome de quem cumprimento todos os prefeitos e autoridades municipais da microrregião do Alto Paraníba,

Senhores participantes do Seminário de Desenvolvimento e Tecnologia para Suinocultura,

Representantes dos órgãos de imprensa,

Senhoras e senhores,

Meus amigos, é realmente excepcional, a satisfação que me cabe



quando volto a Patos... Tem o deputado Chico Uejo. Como eu estava dizendo, é realmente muito bom para mim, voltar a Patos. Primeiro porque, com muita honra, ostento o título de cidadão honorário de Patos. Eu estou hoje aqui, na interinidade porque o Presidente está fora do Brasil, mas quando fizemos o compromisso de vir aqui, eu não estava sabendo que viria como Presidente Interino, como Presidente em exercício e é assim que estou aqui hoje. De maneira que, como o Antônio do Valle está fazendo muita obra, portanto ele deve ter muitos pleitos, então, vamos aproveitar enquanto o Brás é tesoureiro e que o Lula está fora... que eu assino os “trens” dele todos aqui.

Mas meus amigos é muito bom voltar aqui. Aqui é a terra do milho. Eu me lembro muito de um cidadão que vocês devem ter conhecido, que se chamava Antônio Secundino de São José. Ele era um grande genético, foi professor da escola de Viçosa, que é a Universidade Federal de Viçosa e ficamos amigos porque ele construiu em Ubá, uma unidade da Agrocere, o milho híbrido naquele tempo e ele falava conosco: “vocês aqui tem a Agrocere, tem milho híbrido – e a região é muito boa para milho – mas vocês têm que conhecer Patos”. Ele dizia. Porque eu sou daquela região, eu sou da Zona da Mata, que é Leste de Minas. E uma região de terras boas também, mas de topografia muito acidentada, então, lá, é muito difícil se trabalhar na agricultura mecanizada. A agricultura lá tem que ser mesmo rudimentar. E essa agricultura não tem mais como competir com determinadas regiões de terras, também boas, mas de topografia plana, ou pelo menos quase plana, que permite a mecanização como é o caso do Alto Paranaíba e como é o caso de Patos de Minas.

De maneira que, eu conheço Patos de fama, desde quando o Secundino São José chegava a Ubá, para visitar a unidade da Agrocere lá daquele município e sempre falava de Patos. Ele era entusiasta da qualidade do milho, da produtividade do milho aqui na região. E falava como especialista, como conhecedor. Então, nós aprendemos a respeitar Patos, desde aquele tempo. E



depois, de fato o Antônio do Valle falou aqui, quando fui presidente da Federação das Indústrias, eu vinha mais a Patos, porque estávamos também construindo alguma coisa do Sesi, do Senai, por todo o estado de Minas e Patos foi uma dessas cidades que participaram desse esforço de desenvolvimento do Sesi e do Senai.

Aqui, a prefeitura doou um terreno muito bom, em uma área muito bonita, e nós ajudamos a construir aquela unidade do Sesi, que ganhou o nome do senhor Pedro Santos, que foi uma figura das mais exponenciais da política, não só de Patos, como do Brasil. Ele era um homem respeitado no Brasil inteiro, pela forma com que ele trabalhava a política aqui em Patos, quer dizer, a política como meio para servir com seriedade. E Patos é assim.

Eu tenho recebido, ultimamente, visitas do Antônio do Valle. Ele chega, a gente sabe que chega uma palavra em que se pode acreditar, então, qualquer esforço que nós façamos lá em Brasília, em favor de qualquer coisa que seja pleito de Patos, a gente faz com absoluta tranqüilidade porque sabe que o município tem, por tradição, respeitar a coisa pública. Então isso é muito bom. Por isso eu digo que voltar a Patos é muito gratificante para qualquer mineiro, e mesmo brasileiro, porque é uma cidade que impõe respeito.

Agora por exemplo, vindo do aeroporto, o Antônio do Valle me disse que **(falha na transmissão)** cinqüenta mil habitantes. Só que, quando a gente sobrevoa e anda pela cidade, a gente sente que ela é maior do que isso, porque tem uma infra-estrutura extraordinária, e são pouquíssimas as cidades que possuem condições como esta. Como o parque de exposições, que é um dos mais lindos, mais belos, mais bem-dotados que há. E hoje, logo que cheguei, na entrada, um cidadão do Rio Grande do Sul me mostrou alguma coisa ligada ao avanço da suinocultura aqui da região. Eu fiquei admirado de ver não só a produtividade, como a qualidade da carne de suínos que hoje é exportada para o mundo inteiro. De modo que é o desenvolvimento feito com trabalho, feito com produção. Não é feito com especulação, é feito com



produção.

Eu ouvi, por exemplo, do ilustre Evaristo, presidente do Sindicato, falando sobre industrialização além, naturalmente, da capacidade produtiva de produtos primários. Seria muito bom que aqui houvesse indústrias. É claro que é bom. Nós temos que fazer abertura cada vez maior para que os empresários industriais conheçam as potencialidades do município de Patos e da região. Eu não tenho dúvida de que essas decisões serão tomadas, porque o empresário deseja se estabelecer em alguma região onde haja matéria-prima e também clima de receptividade capaz de justificar a saída dele, que às vezes está em São Paulo, às vezes está em outras regiões de Minas. Mas nós temos que divulgar.

Se Patos deseja realmente industrializar-se, basta mostrar com que eficiência, com que produtividade e com que custo pode oferecer matérias-primas básicas oriundas do setor primário para atrair indústrias, porque é natural essa atração desde, naturalmente, que haja infra-estrutura de logística. Hoje, uma das coisas mais importantes que há também – para a agricultura e, principalmente, para a agricultura – é o custo de transporte que anda muito caro no Brasil, tendo em vista o fato de que nós ainda somos pobres em infra-estrutura de transporte no Brasil. Então, é preciso que nós façamos muito investimento nessa área, nós temos que investir muito em portos e em ferrovias.

Agora, por exemplo, na última segunda-feira, o presidente Lula foi a Contagem, que é uma cidade ligada a Belo Horizonte, para receber a primeira locomotiva ali produzida. Ele voltou entusiasmado e encantado com o que viu, porque é realmente uma máquina extraordinária. Ele falou – mas eu já me esqueci –: “puxa, não sei quantos vagões, o que equivale a não sei quantas carretas”. É coisa de centenas de carretas com uma máquina. Então, isso traz uma economicidade muito grande no transporte e, além disso, o transporte é feito com segurança e com maior velocidade. Em tudo e por tudo, é muito mais



econômico o transporte ferroviário. Agora, isso aí é uma coisa histórica que tem que ser mudada.

Nós sabemos que no passado o Brasil tinha algumas estradas de ferro, algumas até dos ingleses, como era a Leopoldina Railway, que servia a nossa região da Mata. Quando terminou a II Guerra Mundial, foi eleito aqui no Brasil – já sob a Constituição de 1946 – o presidente Dutra, e nós tínhamos um saldo porque participamos da II Guerra Mundial que, naquela época, era de 700 milhões de dólares. Pois bem, nós compramos então a Estrada de Ferro Leopoldina, dos ingleses. Só que compramos e deixamos que ela acabasse. Então, nisso tem que haver participação privada. Nós acreditamos que determinadas áreas estratégicas devem ficar com o Estado. Então, nós somos contra privatização de petróleo, somos contra privatização de determinados minerais, porém, na questão de transporte, nós temos que compreender que o setor privado é muito mais eficiente.

Então, tem que haver condições para que o setor privado entre, mesmo porque é o Estado que está, ainda, fazendo investimentos em ferrovias. Por quê? Porque não tem havido interesse do setor privado. O Brasil precisa dessas ferrovias e oferece condições excepcionais para que elas prestem serviços da maior qualidade – não só qualidade, como custos mais baixos – para a produção nacional.

Então, eu digo que continuo, Antônio do Valle, Arlindo Porto – quero me dirigir a todas as lideranças aqui –, em Brasília, à disposição de vocês. Vice-Presidente não manda nada. Mas a causa, quando é boa, o Vice pede com empenho. As causas de Patos de Minas, da região do Alto Paranaíba, do Triângulo Mineiro e, por que não dizer, de todo o meu estado, inclusive da minha querida Zona da Mata, lá tem receptividade mesmo, desde que seja levado o pleito por homens de bem, que nós conheçamos e que saibamos que se trata de gente capaz de cuidar direito da coisa pública. Isso terá o meu



apoio, e pedir com empenho, às vezes, vale alguma coisa. Não é sempre. Se fosse sempre, nós teríamos feito mais coisas para Patos, porque Patos merece.

Então, é muito bom voltar aqui e receber esse aplauso com que vocês me receberam desde que cheguei ao aeroporto. Então, eu fico muito feliz, muito satisfeito e volto realizado, dizendo que vocês têm um irmão em Brasília. Eu sou mineiro também de Patos, ainda que não tenha nascido aqui, mas o meu coração está aqui com vocês.

(\$22A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura de atos e lançamento de programas em Belém do Pará

Belém – PA, 30 de maio de 2008

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Pará,

Meus queridos companheiros governadores. Cumprimentando a nossa governadora Ana Júlia, estarei cumprimentando todos os governadores que vieram participar deste Pacto, assinado por eles,

Meu caro companheiro Prefeito da cidade de Belém,

Meus companheiros Ministros,

Prefeitos do estado do Pará,

Representantes da Justiça,

Nosso Arcebispo,

Vocês viram que eu desprezei o meu discurso, porque esta gente está aqui desde as 8h da manhã, e de vez em quando nós precisamos diminuir o “pac” das palavras e fazer as coisas mais curtas.

Eu quero pedir desculpas por duas coisas: primeiro, porque o Brasil não estava habituado, nesses últimos 30 anos, a ver um governo visitar cada estado da Federação para assinar projetos, dar ordem de serviço, assinar contratos com prefeitos de qualquer partido político. Eu não quero saber se é do PT, do PSDB, do PFL, do PMDB. O que eu quero saber é que essas pessoas foram eleitas, bem ou mal, e essas pessoas representam os interesses da comunidade, e nós trabalhamos para a comunidade e não para o prefeito ou para o governador. É a comunidade e a necessidade do povo que nos fazem assinar compromissos.

A segunda coisa: me desculpem retratar uma preocupação minha, como



companheiro, se é que eu posso tratá-los como companheiros. A imprensa está ali. Ali tem imprensa de cidades pequenas, tem imprensa das principais capitais do País e tem a imprensa da capital deste estado. Qual é a preocupação? A minha preocupação é que nós viemos aqui, e esta é a última grande capital brasileira que eu visito. A partir de agora eu vou esperar passar o processo eleitoral para voltar a visitar, porque eu quero voltar aos estados inaugurando escolas técnicas e universidades, inaugurando estradas, ferrovias, hidrovias, portos e aeroportos. Mas esta é a última cidade grande que eu estou visitando nessa fase de urbanização de favelas e saneamento básico.

Agora, qual é a minha preocupação? Eu não seria honesto com a minha história, com a minha relação de amizade com vocês se eu não dissesse o que vou dizer agora. Amanhã, a minha preocupação é que, em vez de a imprensa retratar que nós viemos aqui dizer que o PAC tem 17 bilhões de reais para este estado até 2010, anunciar que tem bilhões e bilhões para investimento em obras necessárias para este estado; em vez de a imprensa retratar o Territórios da Cidadania, que só para o estado do Pará é mais de 1 bilhão de reais; em vez de a imprensa retratar que nós viemos aqui resolver um problema crônico de saneamento básico, urbanização de favelas, tirar gente que mora em alagados, a imprensa vai dizer: “O pessoal do PT vaiou o prefeito e o pessoal do prefeito vaiou a governadora”. Será esta a manchete amanhã. Ninguém vai saber do dinheiro que nós viemos aqui anunciar. Isso tem acontecido em outros estados, eu tenho viajado muito e isso tem acontecido. Fui a São Paulo, agora, anunciar um plano de 276 milhões para uma favela. A matéria era que o governador de São Paulo tinha sido vaiado.

Nós estamos exercitando a nossa democracia até às últimas conseqüências, mas aqui na região Norte deste País, eu aprendi uma lição de vida. Foi lá em Parintins. Eu fui ver o Caprichoso e o Garantido. Eles são adversários o ano inteiro, mas no dia da apresentação, quando o Vermelho está se apresentando o Azul fica duas horas em silêncio. E quando o Azul está



se apresentando, o Vermelho fica duas horas em silêncio. Ali é o espaço da sociedade, não é o espaço de uns poucos.

Aqui nós estamos num ato institucional, nós estamos num ato em que o governo federal está devolvendo aos municípios e aos estados brasileiros o dinheiro que arrecada, para que a gente possa concluir as obras. A partir do dia 6 de junho, quem for candidato a prefeito não pode mais subir no palanque, não pode inaugurar obras – então vai ficar mais fácil de a gente fazer os atos –, senão a Justiça Eleitoral cassa o candidato a vereador, a prefeito que subir no palanque. Então, a partir do dia 6 de junho a gente não vai ter mais essa disputa que a gente tem visto pelo Brasil afora.

A segunda coisa que eu queria falar para vocês – para os trabalhadores, para as trabalhadoras, para os empresários, para os deputados federais, para os deputados estaduais, para os secretários municipais e de governo – é uma coisa que eu considero extremamente importante. A minha geração... Eu tenho 62 anos de idade. Pensei que alguém iria gritar “não parece”. Já vou sair frustrado daqui. Noutra dia eu estava em um ato, e falei “eu tenho 62 anos de idade”. Aí, uma moça falou: “Não parece”. E eu falei “mentirosa”.

Uma coisa que é muito importante a juventude compreender é que a minha geração – e comecei a fazer política em 1969, portanto já faz quase 40 anos que estou na vida política – não teve o prazer de viver o momento que está vivendo o Brasil de hoje. Eu fui, possivelmente durante algum tempo, o mais importante dirigente sindical deste País. Durante algum tempo eu fiz as greves mais importantes deste País, e nunca tive o prazer de ganhar um aumento real de salário, porque a inflação estava a 83%, 90%, 70%, 80%. A gente não conseguia repor sequer a metade da inflação. Naquele tempo, o Estado brasileiro tinha perdido a capacidade de investir. O último investimento que o Estado brasileiro tinha feito, foi exatamente no governo Geisel, de 1975 a 1980. E, por conta dos investimentos feitos pelo governo Geisel – que gastou dinheiro que a gente não tinha, acreditou no baixo valor do dólar, tomou



dinheiro emprestado –, quando acabou a metade das obras, o dólar subiu, os juros subiram e nós ficamos com uma dívida, que passamos de 1980 a 2000 – portanto, 20 anos – vendo este País não crescer, não gerar empregos e não ter nenhuma obra de infra-estrutura. Vinte anos é uma geração que este País praticamente jogou fora.

O momento que nós estamos vivendo agora, possivelmente seja um momento de sorte. Os meus adversários dizem: “O Lula tem sorte”. Aliás, eu tenho tanta sorte, que ontem aconteceram duas coisas boas. Uma empresa de avaliação de Risco País do Canadá nos deu, outra vez, *investment grade*. Ninguém sabe o que é *investment grade*, é uma palavra chique que só meia dúzia aqui conhece bem. Mas é o seguinte: é como se vocês fossem a uma loja, e quando fossem fazer o cadastro, não tivessem condições de ter crédito porque estavam desempregados, porque o salário não batia, porque vocês estavam devendo muito no mercado. Se você estiver nessa situação, você não tem *investment grade*. Se você for uma pessoa que trabalha, que está com o seu salário em dia, que está com as suas contas em dia, e vai a uma loja e eles percebem que a sua renda dá para pagar a prestação, aí você merece o *investment grade*. Você é uma pessoa que está em condições de estabelecer novos créditos e receber novos empréstimos.

Então, o Brasil conseguiu essa coisa simples – que eles transformam em *investment grade* – que quando fala na televisão, a gente não sabe o que é. A gente sabe que é bonito falar *investment grade* – eu nem sei falar o *grade* direito, a minha boca não entorta para falar o “R” meio inglês. Mas nós, ontem, além de termos a segunda agência reconhecendo o País como um país com grau de investimento, nós tivemos uma outra notícia à tarde, também por sorte minha: a Petrobras encontrou mais uma reserva de petróleo em São Paulo, na divisa com o Paraná.

Tudo isso é sorte, mas se a gente não tivesse trabalhado duro para consertar a economia brasileira, para controlar a inflação... Vocês sabem o



quanto nós sofremos em 2003. Em 2003, muitos companheiros petistas até pensaram em sair do PT. Nós tivemos que fazer um ajuste duro e eu não fiz nada mais do que eu faço na minha casa, nada mais do que eu faço nos meus 30 anos de casamento com a dona Marisa. Eu só gasto aquilo que eu posso gastar, só dou um presente para o meu filho quando eu tenho dinheiro para comprar. Não adianta pedir porque se eu não tiver, não dou e não vou mentir. E este País foi governado com mentiras por muito tempo. Na época das campanhas eleitorais os governantes gastavam o que não tinham, prometiam o que não podiam fazer e passavam décadas e décadas... E o povo só assistindo a sua situação piorar na periferia deste País.

Por que tem tanta favela nesta cidade? Por que tem tanta em São Paulo? Por que tem tanta no Rio de Janeiro? É porque, durante 50 anos, os administradores públicos deste País foram irresponsáveis, e muitos políticos ainda faziam questão de incentivar as pessoas a irem morar nas encostas dos morros, na beira de córregos, porque precisavam do voto. Na verdade, se nós tivéssemos agido com cuidado quando chegaram as primeiras 30, 50 pessoas em um lugar inadequado para morar, ficaria muito barato a gente não deixar aquelas pessoas ficarem lá e levá-las para um outro lugar. Mas a gente deixou 30, depois mais 30, depois mais 100, depois mais 1000, depois mais 5000 pessoas. Dali a pouco tinha uma cidade, e aí virou um problema social que a gente não podia mexer mais.

Então, minhas companheiras e meus companheiros, nós estamos fazendo um processo de reparação neste País. Estamos tentando acabar com as palafitas, estamos tentando urbanizar e dar condição de moradia nas favelas deste País, para que nunca mais seja chamada de favela, mas seja chamada de vila, de bairro e de cidade e não de favela, de forma degradante, para prejudicar moralmente as pessoas que lá moram. Estamos fazendo um processo de recuperação com os milhões de brasileiros que vivem à base de um candeiro. Quem nasceu na cidade não sabe o que é morar em uma casa



sem luz, quem nasceu no asfalto não sabe o que é uma rua sem asfalto, sem meio-fio, sem guia, sem sarjeta.

Esses dias fui a Manaus, meus companheiros governadores. Eu estava com o Eduardo Braga e com o prefeito Serafim. Uma senhora de 50 anos de idade pediu para me abraçar e para me agradecer, porque aos 50 anos nós estávamos dando para ela a chance de, pela primeira vez na vida, tomar um banho de chuveiro porque levamos água à casa dela.

São essas coisas que se permitiu acumular no País, e nós queremos fazer um processo de reversão. Por isso é que nós, os prefeitos, os governadores, o presidente da República, os deputados, precisamos evitar que essas coisas continuem acontecendo. É mais barato evitar que aconteça, é mais barato cuidar no começo do que deixar se transformar em vilas.

Mas também é verdade que tem político que não sabe fazer discurso se não tiver miséria em sua frente. É bem verdade que tem gente que precisa ver uma pessoa bem miserável para poder ter vontade de fazer discurso. Na verdade, o que nós precisamos não é fazer apologia à pobreza, mas dizer aos pobres que eles não têm que ser tão pobres, que eles têm que melhorar de vida, que eles têm que ter acesso às coisas neste País, que é um país rico. É um discurso mais fácil.

E nós viemos aqui para dizer ao povo deste querido estado do Pará que estou aqui sem que a Ana Júlia e o Prefeito tenham me convidado para almoçar. Está certo que a culpa foi do meu cerimonial, porque daqui eu vou para a Itália. Mas pelo menos um pedacinho de pato no tucupi, um tucunaré, um tambaqui para eu levar. O tal do pirarucu pescado lá no Marajó, poderia levar, não tem problema. Vou sentido, mas não magoado. Vou, na verdade, com um pouco de inveja de não ter comido um pato no tucupi aqui hoje.

Pois bem, meus companheiros e companheiras, eu agradeço a Deus por este dia. Agradeço a Deus porque o Brasil está vivendo um momento em que a gente já não discute mais, como discutíamos há 20 anos sobre a questão da



dívida externa. De 1980 a 2000, eu duvido que tivesse um discurso, neste País, de qualquer partido ou de qualquer político, de qualquer sindicalista, que não falasse da dívida externa. Hoje nós não devemos nada ao FMI e não o queremos aqui. E não precisamos fazer bravata. Há cinco anos, todo final de ano este País tinha que correr para pedir dólar emprestado, para poder fechar sua conta. Com muito cuidado, hoje nós temos 200 bilhões de dólares de reservas.

Tem uma crise nos Estados Unidos, tem uma crise na União Européia, foram bilhões e bilhões de dólares que dançaram na ciranda financeira. Até agora, nós estamos tranquilos. Tem uma crise de alimentos. Os preços dos alimentos estão subindo e, graças a Deus, eu não vejo isso como problema, eu vejo isso como uma solução, porque este País tem terra, este País tem água, este País tem sol e este País tem tecnologia e gente que sabe plantar.

Se tem mais chinês comendo, se tem mais indiano comendo, se tem mais africano comendo, se tem mais nordestino comendo, ou se tem mais paraense comendo, não vamos reclamar, vamos plantar, produzir, para que a gente possa levar comida a quem quiser comer.

É por isso que o meu Ministério do Desenvolvimento Agrário apresentou uma proposta para resolver esse problema do alimento. E nós vamos, sim, com a agricultura familiar, incentivá-la, financiá-la, vamos levar assistência técnica, porque se depender deste País ninguém vai passar fome no mundo, se depender deste País, nós temos condições. Querem comer pato no tucupi? Nós sabemos produzir. Querem comer feijão com arroz? Nós sabemos produzir. Querem comer broa de milho? Nós sabemos produzir. Querem comer açaí, venham aqui para o Pará que vai ter açaí para vocês comerem.

Nós temos que ver, nessa crise, uma grande oportunidade, deste País dar mais um salto de qualidade. Nós já temos uma agricultura empresarial que não perde para nenhuma agricultura no mundo. Agora, precisamos fazer a nossa agricultura familiar disputar com qualquer país do mundo que tenha



agricultura familiar, porque nós temos o que eles não têm, e temos hoje a disposição política de fazer.

É por isso que nós criamos um PAC de Ciência e Tecnologia e colocamos 41 bilhões e meio de reais, até 2010, para a ciência e tecnologia; é por isso que fizemos um PAC da Embrapa e colocamos, até 2010, mais 1 bilhão de reais na Embrapa; é por isso que estamos abrindo uma sede da Embrapa na África; é por isso que estamos abrindo na Venezuela, vamos abrir na América Central. Nós queremos fazer com que o mundo possa usufruir da mais importante tecnologia de agricultura tropical já conhecida, que é feita por esses humildes cidadãos que são tratados como se fossem terceiro-mundistas, homens e mulheres deste glorioso país chamado Brasil.

Este País vive um outro momento. Eu quero dizer na sua frente, Ana Júlia, e na frente do povo. Escuta o que eu vou dizer, não é promessa: eu não sossegarei um dia – eu tenho mais dois anos e sete meses de governo – enquanto a Vale do Rio Doce não fizer uma siderúrgica aqui neste estado, para transformar o minério em aço e colocar valor agregado aqui. Não é possível que a gente não desenvolva este estado, do ponto de vista industrial; não é possível que só saia minério de ferro daqui e que não fique aqui uma indústria pesada, que possa ajudar este estado a entrar no rol dos estados industrializados.

Por isso, meus companheiros e companheiras, nós vivemos este momento de ouro no Brasil. E este momento de ouro, nós estamos trabalhando para que não volte atrás, porque o Brasil também já voltou atrás. O Brasil já teve momentos excepcionais. Na década de 70, a economia chegou a crescer 10,3% ao ano, chegou a crescer 14% ao ano, em 1973. Mas quando terminava esse crescimento, a gente ia medir a qualidade de vida do povo, e o povo pobre estava mais pobre e o rico mais rico. Nós queremos que haja uma partilha dessa riqueza que estamos ajudando a construir. Faz três anos que o movimento sindical brasileiro... 96% conquistam aumento acima da inflação. Já



foram 10 milhões de empregos de carteira profissional assinada. Só um dado para vocês: havia – e aqui deve ter empresários da construção civil – 26 anos, neste País, que a construção civil só desempregava. Faz dois anos que ela só emprega, e nós queremos recuperar o nível de oferta de empregos da construção civil neste País. Só na categoria metalúrgica, a que eu pertença, nós perdemos mais de 1 milhão de vagas neste País, em 26 anos. Já recuperamos 800 mil vagas e vamos recuperar mais.

Nós queremos gerar empregos para as mulheres. É por isso que estamos fazendo 214 escolas técnicas profissionais. É importante que as pessoas não percam de vista este número. Em 93 anos, de 1909 a 2003, desde a primeira escola técnica feita por Nilo Peçanha, na cidade de Campos de Goytacazes, no Rio de Janeiro – em 100 anos, praticamente –, eles construíram 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos construir 214 escolas técnicas profissionais neste País.

Antes de deixar o governo, vamos inaugurar 10 universidades federais novas, vamos inaugurar 48 extensões universitárias. O ProUni já colocou 400 mil alunos da periferia na universidade, dos quais 40% são negros. O Reuni vai colocar mais 400 mil jovens até 2010. E é investindo na educação que a gente vai garantir que este País deixe de ser um mero importador de produtos, de grãos ou de minério, mas que seja exportador também de valor agregado, de inteligência e de conhecimento, que nós vamos transformar, nas nossas fábricas, nas nossas fazendas, para que o mundo aprenda que o Brasil não jogará fora a oportunidade que ele está tendo no século XXI.

O século XIX foi da Inglaterra, o século XX foi dos Estados Unidos e da União Européia. O século XXI não vai ser só da China ou da Índia, porque o Brasil está nessa disputa para se transformar numa grande nação.

Vocês estão lembrados de que quando tomei posse, em 2003, eu falei: vou começar fazendo o necessário, depois vou fazer o possível, e vamos terminar fazendo o impossível. Muitas coisas que estão acontecendo hoje,



muitos teóricos, neste País, não imaginavam que pudesse acontecer.

E eu dizia, na minha cabeça, uma coisa: eu não podia fracassar. Se um grande advogado, um grande empresário, um grande médico, ou um grande professor fracassa, eles sempre governaram o País, isso não tem muito problema. Eles vão tirar um ano, vão fazer um curso aqui no Brasil, vão fazer pós-graduação, ou vão trabalhar numa fundação, e está tudo resolvido. Mas, se um peão de fábrica ganha as eleições neste País e não dá certo, a peãozada passa 300 anos para voltar a pensar em chegar à Presidência da República.

O maior legado que eu quero deixar aos 200 milhões de brasileiros não são todas as obras do PAC que eu quero inaugurar, não são todas as estradas que eu quero inaugurar. Isso é importante e necessário. O maior legado que eu quero deixar para vocês é o legado de dizer: cada um de vocês, se quiser, pode ser o que eu cheguei a ser neste País, pode chegar à Presidência da República, pode chegar a governador do estado, pode chegar a prefeito, a vereador. Nós fomos, durante cinco séculos, tratados como cidadãos de segunda categoria. O máximo que nos permitiam, era ir ao palanque bater palmas, lá de baixo. Nós aprendemos a subir no palanque, e o pior é que gostamos. E vamos provar que a gente vai fazer mais do que os outros.

Eu quero me despedir de vocês dizendo ao Prefeito e à Governadora, aos prefeitos aqui, tenham a certeza do seguinte: eu farei qualquer sacrifício, seja remédio amargo... Não foram poucas as vezes em que eu tive que abrir a boca do meu filho caçula e meter remédio na boca dele, ele chorando, mas eu dava porque sabia que era necessário. Estejam certos de uma coisa: eu farei qualquer coisa neste País para não permitir que a inflação volte, porque quando ela voltar, vai quebrar o bolso do povo pobre e trabalhador deste País.

Estejam certos de que nós, do governo, iremos fazer o sacrifício que tivermos que fazer para manter uma política fiscal responsável, para que a gente demonstre aos brasileiros que não vai gastar aquilo que não tem, que



não vai jogar dinheiro fora, e que vai fazer as coisas corretas porque o Brasil precisa de, pelo menos, 15 ou 20 anos de crescimento sustentável para que se transforme numa economia grande e definitivamente saudável.

Toda vez que o povo brasileiro começa a comprar e as empresas não conseguem produzir a quantidade de coisas que nós queremos comprar, a inflação volta, ou aumentam as importações. Então, o nosso papel é manter um certo equilíbrio entre aquilo que o povo pode comprar e aquilo que a gente pode produzir, até que as empresas façam mais investimentos, aumentem mais a produção para aumentar mais ainda o nosso poder de compra.

Uma coisa eu vou dizer para vocês, podem olhar para a minha cara: este País não voltará a ter recessão, este País não voltará a ter o desemprego que nós tivemos durante 20 anos, e este País vai garantir ao nosso povo mais pobre a possibilidade de ascensão, porque somente assim iremos construir um país economicamente rico, ecologicamente correto e sustentável, e socialmente justo para o povo brasileiro.

No mais, muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês, e vamos voltar aqui para inaugurar essas obras.

Um abraço.

(\$211A)



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de instalação do Conselho Deliberativo da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia - Sudam

Belém – PA, 30 de maio de 2008

Eu só vou declará-la aberta, mas eu quero dizer uma coisa a vocês antes. Vir aqui ao estado do Pará dar posse ao Conselho da Sudam, é motivo de muito orgulho. Nós já demos posse ao Conselho da Sudene, no Nordeste, e dar posse ao Conselho da Sudam, é dizer ao povo brasileiro que quando uma instituição tem uma pessoa que comete um ato de improbidade, a gente pune a pessoa que o cometeu e salva a instituição. Na verdade, a Sudam é muito importante para o desenvolvimento da Amazônia.

Eu quero declarar, aqui, aberta a seção que vai dar posse ao Conselho da Sudam. Um abraço e boa sorte.

(\$211A)